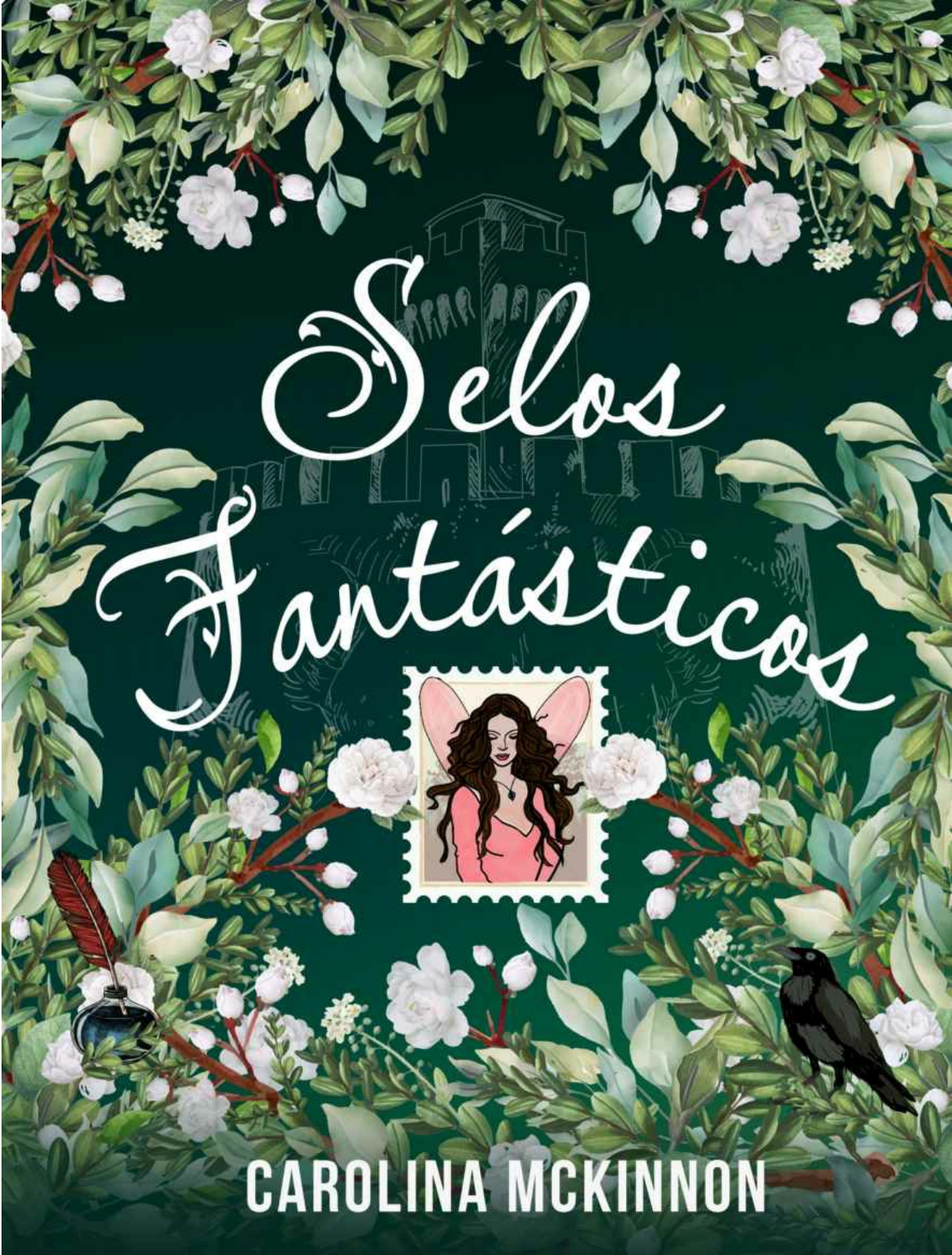


Selos Fantásticas



CAROLINA MCKINNON





Selos Fantásticos

CAROLINA MCKINNON

Selos Fantásticos

Carolina Mckinnon

Dedicatória

Para o Dono de toda a magia do universo, obrigada por compartilhá-la comigo. Eu só sou porque Você é. Nada que eu pudesse escrever aqui resumiria o que eu sinto por Você.

Para os meus avós. Os seres mais mágicos que já conheci. Especialmente para meu avô Eurípedes, que nunca conheci, mas cuja magia perdura até hoje.

Para um rei duende, uma fada mágica e uma guerreira implacável que moravam no 1740 da Rua Pedro Zanatta e encheram minha vida de aventuras e fantasia. Eu ainda acredito.

Para os professores que pavimentaram meu caminho; Rosa Amaral, que acreditou em mim antes que eu mesma aprendesse como; Maria Cristina, a fada madrinha que me ensinou a realizar sonhos no meio da guerra; e à fada Valeska, incapaz de entrar numa sala de aula sem que pó de pirlimpimpim caia de sua roupa, um dia eu escrevi seu nome errado e foi assim que essa história nasceu. Sem vocês tanto do que me tornei não teria se tornado.

Para a Lívia.

Os muitos porquês excedem o limite que eu poderia escrever aqui, as estrelas da galáxia e todo amor que ainda não te dei. Seja através dessa história ou todas as outras, que você sempre encontre em mim e na magia motivos suficientes para acreditar.

Para o Júlio Gamões, a quem um dia prometi dedicar meu primeiro livro; eu

sempre cumprio as minhas promessas.

Para você que hoje lê esse livro, é tudo para você muito antes de ser pra mim. Se estiver passando pelo inferno continue andando.

E por último, à garota incrível de 11 anos que um dia postou uma fanfic na internet e mesmo morrendo de medo continuou enfileirando palavras e tendo esperança - simplesmente porque era a única coisa que ela sabia fazer. Era só uma faísca, mas foi o bastante para me fazer continuar, e quando tudo ficou escuro e ninguém esteve por perto, a faísca continuou a me iluminar. Obrigada, Lene, nós conseguimos.

Sumário

[Prefácio](#)

[~ Capítulo I ~ O vovô não pode descobrir](#)

[~ Capítulo II ~ Um segredo na biblioteca](#)

[~ Capítulo III ~ A foragida de Ravonlor](#)

[~ Capítulo IV ~ Sangue real, camélias brancas](#)

[~ Capítulo V ~ O baile em que as labaredas dançaram](#)

[~ Capítulo VI ~ A herdeira da magia](#)

[~ Capítulo VII ~ A loja de artefatos](#)

[~ Capítulo VIII ~ Chapeuzinho branco](#)

[~ Capítulo IX ~ Claire de Lune](#)

[~ Capítulo X ~ *Firebird* e as cinzas do pecado](#)

[~ Capítulo XI ~ A companhia extra de Hermes](#)

[~ Capítulo XII ~ A garota do corvo](#)

[~ Capítulo XIII ~ Theales e Theacea](#)

[~ Capítulo XIV ~ Um salto de fé](#)

[~ Capítulo XV ~ O som da música](#)

~ Capítulo XVI ~ Deacon descobre a verdade

~ Capítulo XVII ~ A princesa desprometida

~ Capítulo XVIII ~ Loja do Sr. Pender. Maldição. Stohlie.

~ Capítulo XIX ~ A segunda viagem nos selos

~ Capítulo XX ~ O Festival da Primavera

Prefácio

A lua ia alta no céu. Um brilho amarelado emanava dela fazendo com que parecesse ligeiramente maior do que o normal, até mesmo para uma lua cheia. Era uma noite sem estrelas. Exatamente como quando coisas erradas estão acontecendo, como se o céu pretendesse trazer as mentiras à luz.

Eu gostaria de poder dizer que essa não era uma coisa terrivelmente errada, porque isso seria me adiantar muito na história, mas acontece que era. Uma das piores coisas erradas, do tipo que ia fazer tudo diferente quando finalmente as pessoas ligassem os pontos, tão emaranhados como as muitas constelações que naquela noite os olhos nus não podiam ver – e havia tantas coisas invisíveis aos olhos nus!

Ou quando tudo desse certo, na visão da fada que realizava o feito.

Ela não precisaria andar pé ante pé para evitar que fosse descoberta. Podia simplesmente elevar-se do chão e flutuar silenciosamente até o berço ornamentado em ouro no qual o príncipe dormia um sono calmo, mas a magia dentro de si estava muito fraca, para preservá-la, a fada caminhou com leveza até o berço dourado.

Em seus braços uma outra criança também parecia imersa no mundo dos sonhos. Era muito parecida com o príncipe, os cabelos ralos, loiro escuros, não lembravam em nada os cachos escuros e pesados da fada que o carregava. Uma fada calma, mas de olhar triste - importante para essa história é dizer que aquela não era uma fada como as fadas comuns, mas não vou contar mais do que preciso, melhor que saiba só isso.

Voltando ao nosso assunto, a fada tinha o olhar triste. Daquele tipo de olhar que as pessoas têm quando precisam carregar o peso – excessivamente grande – de um segredo que nem deveria existir. Ela suspirou pesadamente, erguendo o olhar para a noite, em seguida pegou o bebê príncipe e o despiu. Apesar de o vento forte açoitar as paredes pelo lado de fora, uma lareira aquecia o interior do quarto.

Olhando ao redor do quarto aconchegante ela sentia que talvez aquela não fosse uma escolha tão ruim. Sabia que ele teria uma vida boa. A roupa de cama toda branca costurada com fios de ouro fazia com que o berço fosse um ponto neutro em meio aos tons de verde que decoravam o quarto. O pequeno príncipe mexeu sua pequena mão, passando-a, pelo olho, mas não acordou. Agora as roupas dele já estavam postas ao lado, mas as coisas não estavam completas ainda.

Uma lágrima solitária rolou pelo lado esquerdo do rosto da fada e ela começou a despir o outro garotinho, o que trouxera com ela. Agora eram dois pequenos amontoados de roupa, um com fios de ouro costurando o tecido macio e o outro de roupas não tão ricas assim, mas que não chegavam a ser confundidas com roupas de aldeões.

A fada vestiu o garotinho com as roupas do príncipe, e o príncipe com as roupas do garotinho. Agora estavam trocados e quem dormia em seus braços era o herdeiro do trono não só daquele castelo, onde ela era forasteira, como de todo o continente que aquele castelo governava.

Eram igualmente herdeiros, pois o garotinho que ela contrabandeara até ali

também teria grandes poderes quando crescesse. O que os diferenciava era sua herança e o peso que elas teriam para quando fossem velhos o bastante para herdá-las.

Naquele mesmo momento todo o destino de um continente inteiro estava sendo mudado.

Por uma fração de segundos, o pequenino e miúdo bebê no berço se mexeu, incomodado com alguma coisa. A fada se aproximou do garotinho, que a partir da manhã seguinte seria chamado, criado e conhecido como Dan, e, antes de sair, quase tão silenciosamente quanto entrara, na voz mais baixa que pôde sem embargar num choro, cantou uma canção ao bebê que deixava para trás. Ele voltou a dormir calmamente como se nunca tivesse acordado, mas aquela fada não dormiria tão facilmente, por todas as noites até que a profecia se cumprisse.

"Uma profecia há de se cumprir,
um bebê pelo outro, você deve decidir.
Luas passarão até que saibamos,
se o destino foi trocado ou com todos nós falhamos.
A remissão do pecado deve acontecer.
Uma entre as cinco chances, há de resolver.
Honrar o passado ou ao futuro ascender.
O dilema é qual versão dos fatos haverá de escolher.
A verdade a magia não acobertará,
e a trapaça cometida, pela honra ou pelo sangue se pagará.
Um coração orgulhoso não pode ser amolecido,
Mas se o coração humilde no trono se sentar,

mais de um, mais de cem,
motivos terão para celebrar."

~ Capítulo I ~

O vovô não pode descobrir

A oficina não era exatamente o que se podia chamar de oficina. Estava mais para uma garagem atulhada de coisas que não eram automóveis, com várias caixas cheias do que não era papel e muito mais segredos do que duas garotas podiam pensar em desvendar. Tratava-se de uma garagem não muito grande e com a pouca iluminação proporcionada por uma lâmpada que ao tremeluzir com certa constância não deixava muita certeza se gostaria de estar ali. Além de piscar com frequência, a luz ficava sem acender por intervalos regulares de tempo.

Naquele dia estava piscando mais do que o normal e Ella sentiu as ondas quentes de calor que a telha absorvia, transformando a oficina em uma sauna improvisada e desconfortável. A garota gostaria de poder abrir o portão e as janelas, mas sabia que isso aumentaria suas chances de serem pegas ali.

Ella sentiu algumas gotas de suor se espalhando pelas suas costas, lembrando-a da alta temperatura de onde morava e como a vida não era como nos sempre verdejantes campos dos contos de fadas. A verdade a fazia passar uma mão pela testa para impedir o suor de escorrer até seus olhos e sempre que fazia isso precisava ajeitar sua franjinha de volta ao lugar.

Sua irmã mais nova pareceu não se importar com o filete de suor que descia por sua testa deixando à vista uma parte do rosto no meio de toda a poeira que as crianças pobres geralmente têm por brincarem na rua a tarde toda. Ina adorava esse momento de brincar após a escola, era sua prática de todos os dias assim que chegava, mesmo quando Ella – tão mais apegada à segurança

da mesa, dos livros e dos cadernos - simplesmente dava um beijo no rosto da mãe e logo depois atravessava o corredor que separava a casa delas da casa do avô, que morava no fundo, e ficava ali sentada embaixo da enorme mangueira ao lado da oficina lendo os livros que trazia emprestado da escola.

Na tarde quente daquele dia típico dia de verão, Ella não tivera tanta sorte. Mesmo sendo dois anos mais velha do que Ina ela era frequentemente persuadida a participar dos planos que a mais nova inventava. Não que fosse mais fraca que ela, apenas vivia tantas aventuras em sua imaginação que para Ina era fácil convencê-la a viver algo excitante na vida real - mesmo que o auge da aventura fosse entrar na oficina do avô escondida procurando por alguma coisa interessante para se fazer em um dia entediante de férias.

- Isso não é uma boa ideia Ina, isso não é uma boa ideia mesmo. Você sabe o que o vovô diz sobre a oficina dele, "não entre a men.."

Ella não terminou a frase. Ina estava determinada a fazer aquilo pois não aguentava mais brincar com as mesmas bonecas, bolas e pipas, e sua mãe estava ocupada demais assando bolos encomendados para uma grande festa de alguém que era rico o bastante para encomendar bolos. Ela estava na esperança de achar alguma coisa que pudesse entretê-la, como quando seu vizinho Josh a chamou por cima do muro para desmontarem um rádio velho.

Ella e Ina não vinham de uma família rica, estavam mais para Charlie de *A Fantástica Fábrica de Chocolates* do que qualquer outra coisa. O avô delas vendia bolas de futebol que ele mesmo confeccionava e também mantinha um jardim onde cultivava flores para vender.

Além disso, em datas comemorativas, fazia bicos em grandes festas onde se vestia de Papai Noel e Coelho da Páscoa. A mãe cozinhava muito bem e fazia bolos e pães para as mesmas pessoas que contratavam o avô delas para se vestir de Papai Noel. Pessoas ricas que podiam pagar aos outros para entreterem seus filhos que quase nunca viam pois estavam cansados demais estudando em colégios que os mantinham ocupados o dia todo, ensinando-os a se tornarem pessoas ricas também.

Elas nunca conheceram sua avó, mas vovô dizia com frequência que ela era a mulher mais bonita que já existiu e que ele havia aprendido com ela tudo o que sabia sobre plantas.

- *Aham*, estou sabendo Ella! - Ina torceu o nariz e fez uma voz grossa que não tinha nada a ver com a verdadeira voz dela, interrompendo a irmã. Imitar as pessoas era uma coisa que fazia quando estava muito entediada - *não entre a menos que seja convidada* por acaso eu tenho cara de vampira? Não vou morrer se entrar sem ser convidada. Além do mais, o que de pior pode acontecer? Não é como se o vovô fosse *bater* na gente ou algo assim.

Ella balançou seus cabelos lisos e escuros pelos ombros em sinal de discordância.

- Não é só porque corremos o risco de sermos pegas que a gente repensa fazer as coisas sabia, Ina? Estamos traindo a confiança do vovô fazendo isso.

A mais nova não se deixou levar.

- Meu Deus, Ella, quer parar com isso? Você pode voltar para as aventuras de

mentira se quiser, vou encontrar alguma coisa legal para fazer aqui com ou sem a sua ajuda.

Ina voltou sua atenção para o que estava fazendo, revirando um velho baú que ficava afastado tanto do portão de madeira por onde o carro entraria, caso houvesse um, como da portinha que separava a garagem do resto da casinha onde o avô morava. Ella bufou. Sabia que a irmã de fato continuaria e conhecendo a pequena como ela conhecia era muito provável que a garota encontrasse algo muito divertido ali.

Ella quase podia ouvi-la; *Olhe para mim Ella, estou me divertindo; não Ella, você não pode brincar comigo, por que não vai ler um livro? Ele parecia bem interessante quando você se recusou a me ajudar.*

Não era como se fosse a primeira vez que Ina fazia uma coisa dessas, a bem da verdade era só entrar de férias que ela se entediava rapidamente e sem a mãe para ler histórias com as vozes dos personagens, ou o avô para ficar com ela falando sobre os mais variados tipos de plantas que ele cultivava e ensiná-la a fazer pipas e bolas, nem mesmo a imaginação dela era grande o bastante para passar a tarde toda sobre a mangueira fingindo ser a capitão de um navio pirata ou debaixo dela lendo histórias sobre navios piratas. Ella não queria que a irmã achasse alguma coisa divertida sem ela pois sabia que se fosse esse o caso, Ina não a deixaria brincar também e Ella ficaria uma vez mais com cara de tacho enquanto Ina se divertia.

- Ai está bem! - ela revirou os olhos de jabuticaba, rendida, porém inconformada, ela se encaminhou para o lado da oficina que ficava à esquerda da porta por onde haviam entrado. E virou para a parte mais escura

da garagem o corpo que já mostrava as diferenças físicas entre seus 15 anos e os 13 da irmã. Ella apresentava traços delicados, ombros estreitos, seios pequenos e braços finos; seu cabelo preto e liso um pouco maior que seus ombros estava constantemente solto.

A garota observou uma lona encardida cobria alguma coisa atrás de uma pilha de quase um metro de caixas de papelão cheias de livros, ferramentas, e os entulhos do avô.

- Vou dar uma olhada ali.

Ina sorriu satisfeita consigo mesma. Ainda era uma criança, mas sua mente astuta e curiosa a entretinha enquanto desfrutava assistir sua irmã se distraindo. Uma das coisas mais difíceis que podia conseguir era fazer com que a Ella fizesse alguma coisa divertida de verdade. Ella pensava que estavam ali procurando algo que pudessem usar como brincadeira, mas Ina sabia que o fato de estarem ali quando não deviam era a verdadeira aventura.

Eram muito diferentes em todos os aspectos possíveis a começar pela aparência. Ina era um pouco mais gorda e também mais baixa que Ella. Enquanto a mais velha tinha os cabelos pretos escorrendo pelos ombros e uma franjinha, Ina tinha os cabelos bem mais claros, quase mel, emoldurando seu rosto num corte mais acima que seus ombros, altura na qual os fios começavam a cachear um pouco e se diferenciar da raiz, que também era lisa como a de Ella e como a de sua mãe. Seu rosto redondo e de bochechas cheias em nada lembrava os traços magros e pontudos de Ella que se aproximava mais da adolescência enquanto a mais nova ainda mantinha um olhar um pouco mais infantil.

Ina ouviu a irmã tossir repetidas vezes, e olhou por cima do ombro para ver qual era o problema.

- Ella, você vai acabar denunciando a gente! Está tentando fazer com que sejamos pegadas?

A mais velha não pareceu se importar de receber bronca de uma garota de treze anos. Ina não podia ver ainda, mas Ella estava chocada demais para isso.

- Ina vem aqui, você precisa ver isso! - A pequena não costumava dar ouvidos ao que sua irmã mais velha dizia, mas sentiu uma urgência na voz de Ella e por isso largou o velho baú que estava revirando e correu para o lado da oficina no qual sua irmã estava. A iluminação ali era precária e antes que os olhos de Ina se acostumassem com o escuro, sua irmã a chamou novamente, dessa vez sussurrando, mas ainda em choque - Ina, desse lado!

Havia uma mesa entre elas, Ina agora podia ver com a lona no chão. A mesa era simples e parecia ter sido usada por muito tempo, a madeira estava gasta. Em cima dela havia algo que lembrava uma caixinha de correio, mas sem a parte da estaca que mantêm a caixinha no chão. Na verdade, era justamente a parte da caixa onde as cartas ficam. Também tinha uma sequência de três gavetas embaixo do tampo da mesa do lado direito, e por cima dele um vidro vazio do que Ella supôs ser nanquim, além de alguns envelopes finos e pequenos de papel pardo amarrados com um barbante. Os olhos de Ina brilhavam, ela já foi com as mãos ansiosas para ver do que se tratava tudo aquilo, era a mesa mais bonita e cheia de detalhes que já vira.

- Isso é muito mais do que eu estava esperando. – a pequena conseguiu formular uma frase completa com certa dificuldade pois a animação frente à nova surpresa dominava todo seu corpo.

Ella ainda estava choque. Sua mente procurava explicações racionais para o que sua imaginação tentava transformar em outra coisa. A luz da garagem - que agora mais do que nunca elas entendiam porque vovô chamava de oficina - se apagou por um segundo e depois se acendeu novamente, seguindo os passos de uma dança que nem Ella ou Ina enxergavam, mas acontecia ao redor delas naquele momento; com a poeira assentada na lona que se perdia no ar; nos pequenos raios de sol que adentravam pequenas frestas pela madeira velha das paredes; no farfalhar das folhas da mangueira do lado de fora.

- Você acha que o vovô pegou de alguém que mora aqui perto para arrumar? Parece ser uma mesa bem velha. – perguntou a mais velha.

- E você não acha que se o problema fosse uma mão de tinta ele já teria consertado e devolvido? Olha toda essa poeira, essa mesa está aqui já faz um bom tempo. – a menor respondeu sem qualquer questão de esconder o entusiasmo.

Ella finalmente se deixou levar pela vontade dentro de si que implorava que seus dedos passeassem por aquela mesa. Ina parecia interessada nas coisas que estavam por cima, enquanto Ella reparava na mesa em si, era muito mais velha do que a princípio pensara que fosse.

As pernas da mesa eram ornamentadas com desenhos rebuscados, embora à distância tivesse parecido uma simples mesa de madeira, agora que se aproximara ela podia apreciar os detalhes entalhados - em geral eram galhos com folhas e flores, algumas das quais Ella reconheceu do jardim de seu avô.

Ela tocou a caixa de correio no topo da mesa e uma pequena onda de choque percorreu seu corpo, por um segundo, enquanto piscava, tudo a sua volta ganhou um tom de cinza e ela viu um pequeno filme em preto e branco sendo acelerado. Cenas em flash da oficina em momentos diferentes, e seu avó sentado nela na maioria delas. Não durou um segundo, assim que ela piscou a garagem ganhou cor novamente e Ina estava ao seu lado. Foi como se nada tivesse acontecido.

- Ina eu...

Ina estava muito animada, nem sequer percebera que sua irmã estava tentando falar alguma coisa quando a interrompeu, falando tão acelerada que mal se lembrava de respirar.

- Acho-que-essa-mesa-tem-uns-cento-e-cinquenta-anos, pelo menos, olha só todos esses desenhos, estão-muuuuito-gastos, mas posso dizer com certeza que não foram feitos pelo Túlio da marcenaria.

A menor estava sentada na cadeira posicionada atrás da mesa. Ella olhou para a irmã e achou graça, parecia uma pessoa importante sentada em uma mesa importante, com pensamentos importantes olhando papéis que iam mudar o curso do mundo. Ella havia quase se acostumado a olhar para ela como uma versão menor de si mesma, o cabelo de Ina era mais curto e claro, quase que

como uma versão desbotada do de Ella; ela era menor, mas tinha o quadril mais largo e as bochechas maiores; a ponta da língua era mais afiada e quase sempre falava mais do que devia. Era muito completa em si mesma, e, naquele momento, Ella quase se esquecera do que havia acontecido apenas um segundo atrás.

Seu corpo foi recuperando o equilíbrio, porque a aceleração de tempo a deixara tonta e enfraquecida, mas as cores voltaram pro lugar e o tempo desacelerou ao normal. A mais velha não quis estragar a diversão da pequena, por isso entrou na brincadeira dela.

- O que é tudo isso aí, *senhora presidente*?

- São cartas antigas. Mas não estou entendendo, está vendo aqui no envelope?

- Ela apontou para a parte superior, que se encontrava recortada na maioria dos envelopes, em alguns até rasgada. - Por que alguém cortaria os selos?

Agora não era apenas as costas de Ella que estava suando, suas mãos também. A luz ainda piscava, mas agora em intervalos mais curtos.

- Ina, acho que devíamos sair daqui, não devíamos estar mexendo nessas coisas, tenho certeza.

- Aí, quanta bobagem! Agora que finalmente temos um mistério interessante para desvendar. – Seus olhos brilhavam, e ela não teria conseguido se conter nem se quisesse - Vem cá, onde você acha que estão os selos postais dessas cartas?

- Não deve ser nada demais, o vovô provavelmente deve ter tirado para colocar na coleção dele. Você sabe que ele tem uma, né? Coleção de postais, é o que quero dizer.

Mas é claro que tinha! O vovô tinha coleção de tudo. Anéis das primeiras latinhas de refrigerante que cada integrante da família havia tomado, filhotes de escorpiões que já haviam sido encontrados na casa dele agora jaziam todos em dois vidros com um pouco de álcool, no armário da sala - onde ele também guardava uma coleção de bolas coloridas que tinha feito para Ina e Ella.

Ina se levantou da cadeira com um pulo e começou a examinar as gavetas da mesa. Estava lá o que ela queria, ela tinha certeza, era quase como se as gavetas pulsassem, ou liberassem alguma energia que a atraísse – Ella teria dito que essa energia chamava teimosia e rebeldia, mas ela teve certeza absoluta que não estava imaginando coisas quando percebeu que as gavetas estavam trancadas.

Na lateral da mesa havia um buraco rebuscado de fechadura, enquanto passava a mão pelas gavetas na esperança de que alguma coisa acontecesse, ela ouviu a voz de sua irmã.

- Foram escritas para o vovô, olha aqui, tem o nome dele em todas. Mas eu não estou reconhecendo essa letra, você está? Olha aqui Ina!

Ina não estava ouvindo. As gavetas continuaram a ser sua prioridade.

"Veter Theaceae

Na cidade de Primeira Semente

Rua Pôr do Sol, 04315

A casa do fundo, Garagem"

- Não tem remetente, como ele pode saber quem enviou se não tem remetente? - Questionou a irmã mais velha. Ina respondeu já debaixo da mesa como se fosse um mecânico consertando um carro ocupado demais para sair dali debaixo e dirigir a palavra ao estúpido cliente que ousava interrompe-lo.

- As cartas estão assinadas por alguém de inicial V, basta olhar na pilha que eu deixei em cima da mesa. - Ella não foi rápida o bastante, antes que esticasse a mão para pegar a pilha de cartas um clique se fez ouvir e ambas ficaram em silêncio por quase um minuto inteiro esperando o momento que alguém fosse entrar, a mesa fosse cair ou algo estranho acontecesse. Mas nada estranho veio e nenhum barulho aconteceu, até que Ella sussurrou:

- Foi você que fez isso?

- Não tenho certeza, foi alguma coisa com a mesa. AI VEJA SÓ! - Ina exclamou - a última gaveta tem um fundo falso para fora.

Ella não podia acreditar naquilo, por debaixo da franjinha preta seus olhos se reviraram.

- Meu Deus Ina, que tipo de gaveta tem um fundo falso PARA FORA? Os fundos falsos são sempre para dentro, qual seria o outro propósito de trancar uma gaveta se continua tendo uma parte acessível pelo lado de fora? Na certa você deve ter simplesmente quebrado a gaveta!

- Não, eu não quebrei não, olha aqui! - Ina foi se arrastando até sair de debaixo da mesa, tinha um álbum de couro vermelho escuro nas mãos.

Ina agora estava indo mostrar o que tinha encontrado para a irmã, que tinha tomado seu lugar na cadeira, mas, antes que ela chegasse lá, outro clique preencheu a oficina. A mais nova parou com o pé no ar, exatamente onde estava e prendeu a respiração, já Ella respirou fundo e olhou primeiro para cima, depois para todos os lados em silêncio, vistoriando a oficina.

- Não! - Ina mexeu o pescoço em negação e chamou a atenção de Ella com as mãos apontando para cima da mesa – veio dali!

O braço imóvel no ar em direção à caixa de correio e os olhos em choque não conquistaram Ella, apesar de a trava vermelha da caixa agora estava levantada.

- Claro que não, já devia estar assim e a gente não tinha percebido. – Ella concluía em tom de quem já se cansara de ter que explicar o óbvio - Esse barulho deve ter sido alguma coisa que você mexeu na mesa.

Ella sentiu o tempo congelar assim que as palavras saíram de sua boca. A trave não havia estado levantada e ela sabia. Nunca havia experimentado nada como aquilo por toda a sua vida e sabia que Ina estava certa, porém estava apavorada sobre isso. Não podia ser real. A caixa de correio não podia ter simplesmente recebido uma carta.

- Eu estou bem aqui na sua frente, Ella, não fui eu. Será que dá pra ser um

pouco menos ateia e acreditar nas coisas?

Ella revirou os olhos e bateu levemente com a mão direita na mesa como se absolutamente não tivesse acreditando naquilo. Não estava nervosa com Ina, mas um calafrio lhe subiu a espinha. Estava com medo.

- Ateu quer dizer não crer em Deus, Ina, não tem nada a ver com acreditar nas coisas em geral.

- Tanto faz, sua falta de fé nas coisas legais é tão grande que você até reinventou o termo. Anda logo, vê se tem carta ai dentro!

Ella engoliu em seco e afastou seus cabelos escuros do rosto, que estava tenso, para impedir que o suor grudasse os fios ali e pudesse se concentrar melhor.

- Não sei se posso, Ina. - A mais velha disse com um suspiro, fazendo Ina rir.

- Por Deus, será que dá pra você ser menos medrosa?

- ESTAMOS FALANDO DE UMA CAIXA DE CORREIO QUE RECEBEU UMA CARTA DO ALÉM, NÃO, NÃO POSSO SER MENOS MEDROSA!

A pequena deixou o álbum de couro sobre a mesa, respirou fundo e prendeu a parte de cima de seu cabelo castanho num meio rabo usando um elástico verde colorido que sua mãe costurara pra ela e então, depois de um minuto de silêncio – ou coragem - abriu a caixinha de correio. Um envelope pardo fino e pequeno enrolado em barbante, como os outros, estava lá dentro. Ella arregalou os olhos.

- Eu não acredito que isso está acontecendo, isso não pode estar acontecendo. Precisamos sair daqui agora, Ina.

Ina revirou os olhos e deu de ombros, alcançando o envelope com a mão fina e trêmula. Não é que fosse mais corajosa do que a irmã, só era curiosa demais para impedir seus dedos de tocar o mistério vivo bem diante dos seus olhos.

Um filete de suor percorreu sua espinha, mas dessa vez a menina soube que não era por causa do calor. Suas preces tinham sido atendidas. Ela podia sentir, seu maior desejo estava prestes a se realizar e ela quase podia ouvir a aventura chamando seu nome.

"Veter Theaceae

Na cidade de Primeira Semente

Rua Pôr do Sol, 04315

A casa do fundo, Garagem" - Ina leu em voz alta.

- Ei, Ella, - a pequena inqueriu sussurrando - você não acha estranho que a carta mencione *garagem*? É como se soubesse exatamente onde a gente está.

- Estamos falando de uma caixa de correio que recebeu uma carta SOZINHA, o fato de ela mencionar nossa exata localização é agora o detalhe absurdo que menos me preocupa! Anda logo, abre a carta! – Ina não se lembrava de ter visto maior curiosidade nos olhos de sua irmã do que via naquele momento. Entre as duas, Ella era sempre a mais paciente, mas naquele momento não podia mais se conter, por isso ela cedeu e desenrolou o barbante.

"Querido Veter,

O festival de primavera está chegando, você devia ver como as coisas estão agora, você ia amar. Thomas está muito ansioso, você sabe, ele faz aniversário no dia do festival, e esse ano é o ano... Céus, dá pra acreditar que já se passaram vinte e um anos desde aquele dia? Eu não acredito Veter, não acredito mesmo. Nenhum dia se passou que eu não tenha sentido sua falta.

Eu sei o que você vai dizer, que ele não é meu filho e eu não posso me sentir assim em relação a ele. Mas é apenas uma criança, independente de qual sangue corre em suas veias, não deveria ser amado?

Me pergunto como as coisas seriam hoje, se tivessem seguido o seu curso natural. Você acha que... Deixa pra lá. Ao menos eu sei que o nosso filho está em segurança, apesar de ter crescido como um deles. Isso é desesperador, Veter, saber que ao invés de a magia nele o salvar, ela pode o corromper. Espero que algum dia eles possam me perdoar. Afinal, eu não tive outra escolha.

Com amor, V"

- UAU, - Ina disse quando terminou de ler a carta. - Meio pesado isso, não?

- Ina, você não entendeu. Me dê essa carta aqui – Ella se apressou em tomar o pergaminho das mãos da irmã – “Nosso filho está em segurança”. O papai está vivo? E isso quer dizer que V é a vovó? Ela está viva também?

- Não. Não é isso. Tenho certeza que não é isso. Essa carta foi escrita há muito tempo, claramente não é possível que o papai esteja vivo, o vovô não teria nos escondido isso. Sem contar que não existe nada no mundo que faria o vovô viver por todos esses anos longe da vovó, então essa carta não tem como ser dela.

- Como ele não teria escondido uma escrivadinha mágica que transporta mensagens secretas? Caia na real, Ina! O vovô tem uma vida secreta sobre a qual a gente não sabe nada sobre!

Ina sentia Ella encarando-a e esperando por respostas. Mesmo com todas as diferenças que iam muito além de apenas dois anos de diferença em idade, sempre haviam sido uma pela outra. Um time. O próximo movimento requeria que pensassem juntas.

Ina respirou fundo.

- Tudo bem então, vamos levar a carta até a mamãe, ela vai saber como confrontar o vovô. - Ina sorriu para lhe passar um pouco mais de confiança.

- Não podemos fazer isso com ela, se ela por um momento achar que o papai está vivo e o vovô escondeu isso ela...

Ina a interrompeu no ato.

- A menos que ela já saiba. A menos que ela também tenha mentido.

Ella apertou os olhos e abaixou o pescoço. Era o que fazia quando não podia se permitir chorar. No teto a luz amarela e quente ainda tremeluzia de leve.

- Olhe o selo, talvez tenha alguma indicação de onde veio a carta. – Ela precisava pensar, não podia dar falsas esperanças a Ina, e muito menos a sua mãe.

Alguns selos mostravam paisagens, ou ícones famosos, mas aquele não era o caso. O selo era colorido, tinha uma mulher muito bonita de cabelos escuros como os de Ella e cacheados. Ela trajava um vestido longo, rosa com fios prateados, por cima de seus ombros asas num tom rosado saiam.

- Não. É só uma fada, não vai nos ajudar com nada.

Ella tomou o envelope da irmã a fim de conferir por si mesma, e Ina se voltou para o álbum de couro que largara sobre a mesa.

- Nem pra ser uma fada famosa para nos indicar alguma coisa, sei lá, talvez a *Sininho...*

- ELLA, EU ACHEI!

Ina balançou a irmã com força e apontou para o álbum, agora aberto, sobre a mesa. A coleção de selos do vovô. Enquanto Ina passava as folhas cheias de selos recortados e colados, Ella pôde ver algumas com paisagens, outras em branco, outras com símbolos que ela não reconheceu. Mais algumas páginas em branco, aí castelos em outras, torres medievais, cabanas com campos de pasto no fundo, em uma página sozinha havia um único selo com uma torre de pedra alta no meio de um campo muito verde, em outras páginas algumas praias, novamente alguns símbolos.

- Está dividido em uma espécie de sessões, as páginas em branco são para ir completando. Vê se tem algum com fadas.

Ina obedeceu a irmã, talvez pela primeira vez em anos. Lá pelo meio do álbum os selos com fadas começaram a aparecer depois de umas páginas em branco que sucederam umas esculturas em pedra. Lá estavam elas, nas mais diversificadas cores, formas e tamanhos. Algumas pareciam felizes, outras perdidas, umas ruins, outras boas. Ella se aproximou e passou a mão pelos selos que representavam as fadas. Estava muito emocionada, pareciam imagens que pintara em seus sonhos, mas eram reais. Não era como se estivesse vendo-as pela primeira vez, na verdade, era como se sempre as conhecesse.

- Ella.. Você acha que... Acha que elas são reais?

Ella virou a cabeleira negra para trás enquanto ria, pois sabia que não podia incentivar mais a imaginação de Ina. Seria decepcionante quando a mamãe ou o vovô chegassem e as colocasse de castigo por serem tão desobedientes.

- Meu Deus, é claro que não, sério, Ina você precisa ler menos histórias!

Uma pequena lágrima caiu na coleção de selos do vovô.

- É que essa nossa vida é tão chata Ella, e os livros são tão legais. As coisas sempre dão certo nos livros, mesmo que a pessoa sofra um pouco. Agora veja a mamãe, ela parece sofrer, sofrer, e nada nunca dá certo e mesmo assim ela continua lendo as histórias para nós, e continua cantando e tentando evitar

que nós notemos o que há de errado. E se o papai estiver vivo, quer dizer que ele nos abandonou? O sofrimento dela nunca vai acabar! Eu... eu gostaria sim, gostaria que elas fossem reais.

Ella se sentiu comovida. De repente não era mais uma garota de quinze anos que se preocupava mais com o *País das Maravilhas* do que com sua pequena irmã. Ela se permitiu lembrar das vezes que ouvira a mãe chorar contra o travesseiro antes de dormir. Ella colocou as mãos sobre os ombros da irmã e se abaixou um pouco para igualarem as alturas.

- As fadas, você quer dizer? Gostaria que as fadas fossem reais?

Ina acenou positivamente com a cabeça.

- Tudo, eu gostaria que tudo fosse real.

Ella não concordou e não discordou. Na verdade, não teve tempo para fazer nada quando um terceiro clique estalou no ar e a luz que até então oscilava, se apagou. Diante delas onde antes estivera o álbum aberto na página com o campo das flores, bem antes da sessão das fadas, agora uma espécie de buraco negro estava se formando. Lá dentro ela via muito verde, branco e azul se misturando como em um liquidificador.

Um vento forte começou a varrer toda a oficina e Ella viu, de relance, algumas caixas começando a voar quando o vento foi aumentando. Com a intensidade da ventania algumas pétalas de flores brancas começaram a sair de dentro do buraco, que agora já tomava conta de toda a superfície do livro e também da parte direita de corpo de Ina, que o segurava. Ina estava sendo

sugada pra dentro do vórtex formado pelo álbum. Contra o barulho do vento ela ouviu a voz de sua irmã:

- ISSO NÃO PODE ESTAR ACONTECENDO. MALDITA DOROTHY.

Com um puxão forte, Ella agarrou a camisa gasta de sua irmã, mas as coisas não saíram exatamente como ela planejava, ao invés de Ella puxar Ina de volta, a força do buraco puxou Ella para dentro. Elas se sentiram caindo, e caindo por quase dois minutos inteiros, mas a queda não doeu.

Foram parar em um campo florido de camélias. Não se parecia com nada que Ella jamais tivesse visto, ou, nesse caso, imaginado. Elas haviam sido transportadas através de um selo postal, e isso estava muito, muito além da imaginação de Ella - até mesmo para alguém que vivia com a cara enfiada em livros.

~ Capítulo II ~

Um segredo na biblioteca

A cidade estava apinhada de gente. Não havia espaços nas ruas sequer para os pescoços acostumados a se atirarem janela afora para conversar com o vizinho. Não havia quartos em hospedarias, não havia bancos vazios na praça, e não havia copeiras suficiente para tanto pão. Moradores de toda redondeza, e até mais longe entre os três reinos vizinhos haviam viajado à capital para celebrarem a chegada da primavera.

Solum, capital do reino Colore, sediava o Festival da Primavera desde que os reinos se entendiam por reinos. Isso se devia ao fato de Solum ser a parte mais fértil de todo o reino, onde se podia cultivar qualquer tipo de planta e onde à menor menção da primeira, o reino todo entrava em festa fazendo jus ao nome que ganhara.

As cores preenchiam todo o território de Colore. Desde o reino de Seacantio, mais ao Sul que pegava boa parte do litoral; passando pela quase infértil Ravonlor, terra das minas e cerradas florestas de pinheiros subindo ao sudeste; que se fundia às montanhas do isolado Amlívelir ao norte, terra do frio com um passado sangrento do qual pouco se falava; continuando a explorar os pequenos vilarejos no caminho até Alba, com seus muitos campos e colinas a noroeste onde alguns corajosos que não tinham medo do perigoso silêncio do reino à sua fronteira ao leste, se aventuravam para ver a aurora boreal.

Era ali, no meio do continente, cercado por montanhas, geleiras e mares por todos os lados e governando cada uma daquelas regiões - mesmo as mais

esquecidas - que se erguia a colorida Solum. O menor dentre os reinos, Com a terra mais fértil e a monarquia mais bem estruturada para quem as outras quatro prestavam contas. Entre quase todas as rotas de comércio, no centro, Solum tinha uma história regada de tradições e cores, que mantinha unida a comunidade daquela terra que já enfrentara terríveis eras de escuridão em seu passado.

Dando as costas ao castelo e se aproximando mais e mais das ruas enviesadas e estreitas no centro da cidade, Grace caminhava por entre os pedestres admirada com tanto movimento nas ruas e surpresa ao ver pessoas tão diferentes. O cabelo que herdara de sua mãe parecia bem mais escuro à sombra das casas e árvores, mas, ao caminhar sob o sol, os tons de mel e dourado se faziam notar com o movimento de seus ombros, por cima da capa marrom. Ninguém desconfiaria de sua descendência real se olhasse apenas de relance pois apesar dos traços idênticos aos da mãe, a capa ocultava seu vestido de tecido delicado e o capuz lhe escondia o rosto.

Ela tinha saído escondida para ir à Biblioteca Solumnes e precisava ser rápida o bastante para voltar para o seu quarto antes que Astrid, sua dama de companhia, desse pela ausência dela em seus aposentos. A princesa não corria. Para evitar olhares furtivos tentava andar mais rápido do que se simplesmente apreciasse as flores por uma tarde no campo. Já fora pega descumprindo ordens de seu pai mais vezes do que seria recomendado a alguém cujo pai era autoridade de um reino tão influente quando Solum era.

A Biblioteca Solumnes, para onde a princesa se dirigia, era a única biblioteca de todo o reino. Era também uma das poucas localizações na cidade capaz de fazer com que Grace colocasse em risco seus privilégios de passeio pelo lago

no domingo, já que ela amava visitar aqueles livros, mas nunca podia fazê-lo sem um acompanhante da guarda real a *escolta-la*.

O prédio era alto e muito diferente de qualquer outra estrutura no reino, lembrava um triângulo retângulo. Sempre que Grace o contemplava tinha a impressão de que ele tinha sido transportado de um outro mundo para lá pois era muito moderno e cheio de vidros. Para quem o olhava de frente não se parecia com um prédio tradicional com duas paredes paralelas e um telhado.

A frente dele era um triângulo. A parede da esquerda para quem o encarava da praça era a mais alta de todas, se alongava em direção aos céus como se fossem três andares e lá em cima onde deveria haver um telhado para encontrar as outras três paredes, na verdade tinha um teto com vidraças largas completamente transparentes que vinha descendo até tocar o chão ali na base do lado direito.

O que deveria ser a parede paralela à essa, simplesmente não existia. O telhado de vidro era o equivalente à toda a parede da direita, exceto que ele não ficava perpendicular ao chão em 90 graus, mas se inclinava da alta parede da esquerda em diagonal até encontrar com a grama. Toda a biblioteca se fazia visível pelo lado de fora, especialmente pela direita, com a parede diagonal de vidro por onde a luz do sol adentrava o saguão. Era uma biblioteca em formato triangular, e parecia muito curiosa aos olhos de Grace.

Na lateral direita por onde o teto transparente vinha abaixando, um pequeno jardim arborizado e com banquinhos, se fazia visível. Ali o teto se abaixava em diagonal até o andar térreo, num grande telhado de vidro que iluminava boa parte da ala leste interior da biblioteca. Era muito peculiar e se destacava

em meio às estruturas de pedra e das casinhas de madeira que circundavam a praça. Ninguém sabia de onde o rei Estorio tirara a ideia para fazê-lo daquele jeito, visto que a maior parte dos arquivos reais anteriores a ele foram perdidas no incêndio que destruiu toda a ala oeste do castelo, onde, até então, Biblioteca Real ficava localizada.

Ainda do lado de fora, Grace admirou o grande relógio no alto, no canto superior esquerdo, no lugar onde as arestas da ponta daquele triângulo que era o prédio se encontravam. Sorrindo para aquele imenso círculo cujos ponteiros ela não enxergava do seu quarto no castelo, mas olhava frequentemente lá do alto quando se punha a imaginar quanto tempo ainda faltava para ser tão feliz novamente. Tão feliz quanto era quando podia se sentar em frente à lareira com sua mãe a contar-lhe histórias.

Depois dos castelos antigos e requintados das famílias que governavam Colore, a biblioteca era a construção mais imponente da qual Grace já tivera notícias. O prédio começara como Biblioteca Real, mas acabara se tornando Biblioteca Nacional há quase 200 anos, no reinado de Estorio. O rei que ganhara o amor de seu povo quando a ala oeste do castelo, onde até então se encontrava a biblioteca, pegara fogo. Ao invés de reforma-la e manter a biblioteca lá, Estorio construíra o prédio triangular no meio do reino, nos intuitos de tornar o conhecimento acessível aos cidadãos mais comuns daquela terra.

Ao seu redor, os aldeões, lavradores e camponeses se esbarravam e pediam desculpas enquanto trombavam uns com os outros na praça que Grace adorava observar. Charretes puxando flores e carrinhos de mão transbordando pães fizeram com que a princesa se lembrasse que não podia

demorar, pois grande parte daqueles preparativos eram para o evento de recepção à família Cantio, com quem a princesa deveria se encontrar sem atrasos ao entardecer, para o baile que haveria no castelo.

Ao cruzar a praça que sempre avistava à distância, da janela de seu quarto, no alto do castelo, muito além dos portões que ela não ousaria cruzar e por isso fugira por sua rota secreta de túneis, Grace quase parou para respirar fundo e absorver um pouco a vida em seu reino. A cidade estava muito bonita. Mulheres em escadas penduravam cordões de flores e bandeiras por todo o alto das árvores e postes. Ela mal podia esperar para ver todas as luzes e lanternas acesas. O festival acontecia sempre na primavera, e desde muito nova Grace gostava de vê-lo, mas seu pai se tornara muito restrito em relação às visitas à cidade desde que a Rainha Eve morrera.

Apesar das inúmeras restrições, Grace era grata por poder viver na Era da Paz. Sabia que a história de seu povo nem sempre havia sido tão boa quanto pendurar bandeiras e cultivar flores. Estudara exaustivamente sobre a Era da Magia e o triste desaparecimento das fadas. Depois, aprendera tudo sobre a Era dos Lobos e como isso assolou o reino com desespero e fome. Mas os dias atuais eram de sossego, e embora desejasse muito tirar um minuto para contemplar a vida que corria e se desenrolava diante de seus olhos, ela continuou escondida debaixo de sua capa, e não andou mais devagar apesar de olhar para cima muitas vezes quando passava por árvores que a escondia.

A princesa não podia evitar de se entregar e absorver o máximo daquela vida o quanto possível. Sair do castelo, dos assuntos políticos, das damas de companhias que seu pai escoltara para vigiar cada passo seu, e das obrigações reais que só podia suportar porque Dan, seu irmão, estava sempre ao seu

lado, era o que a fazia sentir menos torturada com os afazeres reais.

Grace já havia descartado a possibilidade de passar despercebida pelas três bibliotecárias da Biblioteca Solumnes, então decidira fingir que aquela era uma visita permitida por seu pai. Certamente um rei tinha coisas mais importantes para fazer do que conferir se sua filha estava em seu quarto ou não, ou, ao menos, era o que se esperaria de alguém naquela posição.

Antes de entrar no saguão da biblioteca, Grace desabotoou sua capa e a virou do lado contrário. Agora os bordados refinados estavam a mostra pelo lado do veludo vermelho vivo e sua presença não deixaria de ser notada como se fosse uma florista ou simples garota camponesa. A capa permitia que a princesa se misturasse e visitasse a cidade. Era a herança mais especial que tinha desde que sua mãe morrera, um abraço particular. Se se concentrasse o suficiente ainda podia sentir o finalzinho do perfume da rainha – terra molhada, grama recém cortada e um fundinho amadeirado no final. A sua própria versão de se passar por invisível lhe ensinara que as pessoas raramente enxergam além do que querem enxergar.

Colline foi a primeira das bibliotecárias que Grace viu, mas era a mais explosiva de todas, e, por isso, a princesa se esquivou atrás de uma das colunas do prédio antes de entrar no saguão e esperou que Colline continuasse andando, para só então seguir adiante. Aguardando até que Stohlie ou Clarin aparecessem no balcão da recepção, ela respirou fundo afim de controlar a ansiedade. Cada uma delas tinha uma personalidade muito forte e Grace não tinha tempo para lidar com Colline naquele momento.

Havia passado toda a madrugada lendo um livro que falava sobre fadas e sua

curiosidade se acendera como há muito tempo não se acendia. Era como se uma parte dela tivesse adormecido com a morte da mãe, e, com ela, todo o mito por detrás dos contos e do folclore das fadas que perpetuavam sua mente por toda a vida, também se fora. Agora não, agora parecia muito vivo e acordava facetas dela das quais ela se esquecera que existiam.

Achava que fadas não existiam. Achava. Pois como poderiam? Mas ouvira coisas, ah como ouvira! Ouvira histórias que os altos muros de pedras do castelo não podiam conter; poesias que livros como esse não poderiam conter, pois ultrapassam para fora.

Contos sussurrados na cozinha do castelo por mulheres que, por vezes, ninguém achava que valia a pena prestar atenção. Grace prestava atenção em todas elas - as pessoas que guardavam segredos - ela pensava que eram as pessoas que mais haviam visto coisas, as que mais observaram detalhes. Coisas a respeito das quais não se podia falar, coisas que a sua bisavó e já falecida rainha Helena, as proibira de contar. Segredos esses a respeito dos quais pessoas escreveram livros, livros que haviam encantado Grace e ela simplesmente não podia não saber mais sobre elas.

Grace tinha um certo talento para fazer coisas que não devia estar fazendo. Ser filha do rei tinha muitas vantagens, mas ainda mais infinitas desvantagens. Ela nunca conseguia ir a lugar algum sem que as pessoas soubessem que ela estava lá; jamais poderia comparecer a nenhum evento sem que todo mundo falasse de seu vestido; sequer podia imaginar se casar com alguém que ela mesma tivesse escolhido, visto que a altura de seus catorze anos já tinha um noivo.

Não é como se qualquer outra garota precisasse se preocupar com algo do tipo naquela idade, mas, como rei Marius insistia em lembra-la, ela não era qualquer outra garota: era uma princesa. E uma princesa que deveria unir a família real Cantio à sua.

Essa era uma discussão que desistira de vencer quando sua mãe morrera. A rainha era a única que ficava ao seu lado e não pretendia *entregar sua filha ao sacrifício*, como costumava dizer. Dan tentava argumentar com o pai sempre podia pois como herdeiro do trono e prestes a completar 21 anos, ele sabia de coisas das quais Grace não sabia, mas acabava perdendo nas disputas de argumentos, já seu pai não aceitava argumentar com quem não entendia o que precisava ser feito e *não tinha visão do todo* – era o que Rei Marius costumava dizer.

Neil Cantio era o herdeiro do trono de Seacantio. Um trono do qual Grace, mesmo forçada a se debruçar sobre livros dos mais diversos conselheiros reais e professores, nunca tivera muitas informações. As negociações entre Solum e Seacantio eram restritas e o único conhecimento, além do econômico, que Grace retivera sobre a família de seu noivo era que os Cantio sempre tinham filhos homens que se casavam dentro da própria realeza, com nada menos do que condessas.

Rei Marius e rei James, pais de Grace e Neil respectivamente, pareciam interessados no aprofundamento desses laços em prol da resolução das questões comerciais e econômicas que os impediam de prosperar. Solum e Seacantio não eram apenas os reinos mais desenvolvidos, eram também os mais ricos em recursos e grandes responsáveis pelas rotas comerciais de toda Colore.

Solum não poderia ser soberana sem os portos de Seacantio. Seacantio, por sua vez, não prosperaria sem as madeiras de Ravonlor, que apesar de também ter sua família real que governava internamente, respondia diretamente ao rei Marius nas questões nacionais e acordos. Embora não tivesse qualquer interesse em cumprir com os tratados políticos de sua família, Grace se lembrava de sua mãe ressaltar que haveria um momento de unificar as famílias Cantio e Theales, mas que ela não era aquela destinada a fazê-lo.

Prometida em casamento e se recusando a consumir tratados, Grace estava longe de ser uma diplomata. Mesmo na posição de *refém* de acordos não estabelecidos por ela, a princesa não podia reclamar muito pois as coisas eram muito piores com seu irmão. Dan seria o herdeiro do trono.

Ele não podia sequer ir cavalgar sem ter que prestar um relatório completo de como, quando e quem iria acompanhá-lo. Isso sim era a maior chatice do mundo. Grace podia não se parecer muito com uma princesa no que dizia respeito aos seus passatempos favoritos e cuidado com as normas reais, mas pelo menos ainda conseguia sair escondida do castelo desde que estivesse com as roupas certas. Dan não tinha tanta sorte assim, seus movimentos e comportamento eram constantemente monitorados.

A garota fez a melhor cara que podia de quem não precisava esconder nada de ninguém e se aproximou do balcão.

- Bom dia, Clarin! Como vai a preparação para o Festival? Esse ano teremos uma festa dupla, com a comemoração da maioridade de Dan. – Grace sorriu entusiasmada e de dentro do bolso que tinha por dentro de sua capa, retirou

um livro e o pousou serenamente em cima do balcão. Ela já havia aprendido que o segredo para não ser pega era ser tão natural quanto possível.

- Grace? – Clarin era o ponto de equilíbrio entre as três mulheres que guardavam toda a sabedoria e história daquele reino. Nem tão determinada a seguir as regras quanto Colline, nem tão manipulável quanto Stohlie. – O que está fazendo aqui? Você está maluca? Seu pai nunca permitiria que viesse após o almoço, muito menos quando a cidade está apinhada de pessoas de todo o reino.

- O quê? Calma, ele permitiu sim. - Grace riu com tanta graça e simpatia, que quem não a conhecesse não suspeitaria que ela nem sempre era tão graciosa quanto seu nome indicava - Meu guarda costas, Martin, está logo ali fora. Eu vim devolver esse livro e pegar um outro. Acredito que papai deva sair para uma caçada no domingo, e, como estarei sozinha e a biblioteca fechada, ele permitiu que eu viesse e me entretencesse com uma nova história.

Clarin ergueu ligeiramente a sobrancelha desconfiada, mas pegou o livro.

- Você não vá me meter em encrencas ein, garota? - A frase seguinte foi dita num sussurro – *Ande logo, antes que Colline passe por aqui e nos enterece apenas com um olhar.* - Clarin se debruçou por cima do balcão antes de continuar - *tá achando que sangue real vai te salvar do julgamento de Collie? Não tem nada que aquela mulher priorize mais do que esses livros.*

Grace sabia que as três bibliotecárias eram amigas, mas se divertia em ver como mesmo pessoas com hobbies e paixões tão similares podiam levar a vida de formas tão diferentes.

- Ah, fadas! – Clarin abriu o livro, cheirou-o, e depois deu um suspiro, fechando-o de repente e sorrindo como se tivesse acabado de lembrar que tinha pão quentinho assando no forno para o jantar.

– Stohlie tem uma coleção maravilhosa sobre elas! – continuou, Clarin - O aprendiz do Sr. Pender, você sabe, o Sr. Pender da loja de antiguidades onde sua mãe vivia indo pessoalmente ver os lustres de cristais e os relógios antigos, lá nas redondezas de Viridi Flumini? Lembra-se? – Grace assentiu, pois fora algumas vezes até a loja do Sr. Pender com sua mãe – O aprendiz do Sr. Pender encomendou para ela de um restaurador, você os teria adorado, são os livros mais lindos do mundo, capas de couro e tudo o mais.

Isso chamou a atenção de Grace. Era uma informação que não tinha antes, e era uma informação muito importante para ela naquele momento pois tudo que envolvia a loja do Sr. Pender era cheio de mistério aos olhos de Grace. A princesa sabia, no entanto, que o segredo da negociação era manter o equilíbrio de poder e a moeda mais importante, especialmente numa biblioteca, era sempre o conhecimento.

- É verdade! Aliás, ela está por aqui? Creio que tinha mencionado um livro que deixaria separado para mim da próxima vez que eu viesse.

- Stohlie? Não, Stohlie não apareceu pelos últimos três dias. O garotinho do vizinho dela veio trazer um bilhete na terça-feira, ela precisou sair de viagem para ajudar uma prima que estava em trabalho de parto lá em Alba.

Desde quando mal podia segurar os livros a princesa frequentava a biblioteca

de Solum com sua mãe, e, mesmo naquela época, ela não se lembrava de *não* ter visto Stohlie lá. Saber que ela não estava presente a fez se sentir mal por todas as vezes em que a usara para conseguir acesso aos livros que eram exclusivos dos professores, e por todas as vezes que mentira para conseguir levar os livros ao castelo. Stohlie era uma das melhores amigas de sua mãe. A repentina constatação da ausência dela a lembrava de muitas outras ausências que nem sempre Grace tinha tempo para sentir.

- Caramba, – Grace disse para tirar o foco do que realmente queria dizer, e quando sua voz saiu um pouco engasgada ela pigarreou. – Alba está a quase dois dias de viagem, tomara que ela tenha chegado a tempo.

- Ah, sim. Com certeza deu tudo certo, não se preocupe. Além do mais, a mãe de Stohlie também é curandeira, a família dela certamente está preparada para ajudar caso ela tenha demorado muito. – Clarin pigarreou - Então, Grace, qual vai ser o livro da semana que vem?

Grace sabia que Stohlie tinha conhecimentos de medicina. Ela visitara o castelo e fizera companhia para sua mãe muitas vezes quando ela adoecera, antes de morrer.

- Posso dar uma olhada na mesma seleção em que peguei esse? Não quero te dar trabalho e Martin está realmente me esperando. - Ela sorriu - Eu já posso ir diretamente onde estão os volumes relacionados, para andar mais rápido.

Clarin a olhou desconfiada. Parecia estar constantemente dividida entre *permitir* que Grace a convencesse de que de fato precisava do que dizia precisar ou optar pelo que Clarin sabia que era a coisa certa a se fazer, como

seguir as regras, por exemplo. Grace, no entanto, já havia aprendido há algum tempo, que não precisava se fazer de vítima para conseguir livros especiais. A bibliotecária a trataria de igual para igual se achasse que ela merecesse. Merecer com Clarin nunca se dava por pena, e sim por sua capacidade de conquistar a confiança dela. Ela era capaz de mostrar àquela guardiã do saber que precisava do conhecimento daqueles livros.

Grace sorriu sem forçar as coisas, esperando pacientemente. Mas o que quer que Clarin fosse decidir, não deu tempo de a princesa descobrir por que antes que ela respondesse, Colline apareceu e a balança do poder se desequilibrou para Grace. Havia certos limites para sua lábia, e a fronteira estava bem ali entre Clarin e Colline, a princesa sabia disso.

- Grace Theales, – Colline sempre a tratava por nome completo. Grace imaginava que era uma forma de estar constantemente informando-a de que estava a chamar-lhe a atenção Embora Colline dissesse que era um tratamento de respeito. – uma visita inesperada na tarde antes do festival? A que devo a honra?

- Boa tarde, Colline. – Grace respirou fundo e então sorriu. Sabia que tinha que ser rápida – Clarin aqui estava prestes a me acompanhar para que eu não me atrase, não se preocupe, vim apenas devolver um livro e levar minha companhia para a próxima semana.

Colline olhou de Grace para Clarin. Havia uma certa hierarquia ali, Grace sabia, embora não pudesse de fato julgar o que tornava Colline a chefe, além, talvez, de sua idade mais avançada e o respeito que isso carregava consigo.

- De fato, Collie – completou Clarin sorrindo com seus olhinhos apertados que quase pareciam fazer parte de seus óculos redondos e muito grossos. A armação se perdendo no cabelo loiro que escorria por detrás de suas orelhas, até a altura dos ombros. Grace a achava linda, muito diferente das mulheres tradicionais de Solum, que tinham a pele como a dela, mais escura e com um dourado de bronze pela constante exposição ao sol. – Vamos, Grace, Ala Oeste, corredor 4.

Clarin deu a volta no balcão e ela e Grace se viraram para o portal que levava às histórias e receitas mais legais das quais Grace já tinha tido notícias. Colocar os pés ali era como sentir sua mãe retocando em tinta aquarela as memórias de sua infância, correndo pelos corredores da Biblioteca quando era pequena e ouvindo as histórias das fadas e dos duendes.

Nunca passava ali por aquele portal sem sorrir, porque assim que as estantes se faziam visíveis e os corredores começavam a se perder de vista, bem ali, onde o cheiro de pergaminho e couro a fazia se sentir em casa e a luz adentrava pelas janelonas que se faziam de teto, ela via o grande retrato de sua mãe na parede mais ao norte, no fundo do prédio, pendurado ali após sua morte, e era como ter seis anos novamente. Sentada numa poltrona com Dan ao seu lado e a lareira acesa ouvindo à rainha, sua mãe, contar tudo sobre a magia e as aventuras dos homens, feiticeiros, bruxas, exploradores e fadas que fundaram aquela terra.

Tendo o portal como referência ao sul por onde acabara de passar e uma vez dentro da Biblioteca, Grace via a parede da ala oeste se estender por dois andares, e quanto mais alto chegava, mais encontrava o teto com as janelas de vidro embebidas de sol que iam descendo em diagonal até quase tocar o chão

do lado leste, onde deveria estar uma parede, mas não estava, porque o próprio teto formava um triângulo com a alta parede de três andares do oeste, e o chão.

- Martin não está esperando por você lá fora, está, Srta. Grace? – Clarin era gentil, e isso era uma coisa que Grace nunca poderia agradecer o suficiente. De alguma forma Stohlie e Clarin eram capazes de se conectar com ela além da relação de bibliotecária e princesa.

Grace não sentiu que precisava mentir para ela ou inventar alguma história. Até porque, às vezes, criar novas versões de realidade a deixava exausta. A realidade é entediante, você olha ao redor e lá está ela por toda a parte – num almoço que queimou, num vestido com a barra suja de lama, num encontro que não aconteceu, numa ausência que nunca pode voltar a ser presença - mas por vezes ainda era o lugar mais fácil de se estar.

- Não, Clarin. Ele não está. – Grace não fez mais do que dar de ombros.

- Não vou contar a ninguém, pequena. Esse vai ser o nosso pequeno segredo, Deus sabe que as paredes dessa Biblioteca já ouviram muitos e estão acostumadas.

Grace sorriu muito grata. Debaixo da capa em veludo vermelho e os cabelos cor de mel e cacheados amarrados em um laço bonito ainda era só uma garota numa aventura. Olhou pra cima e debaixo da luz amarelada de um lustre simples ela não pôde deixar de se perguntar o porquê de Clarin a acobertar daquela forma. Pelas altas janelas de vidro que a ladeavam, Grace ainda podia ver seu reino ganhando cores com o festival se forjando lá fora. Ouviu

o som da gaita e da flauta em algum lugar não muito longe.

– Mas há outras pessoas esperando por mim. Meu pai vai dar um baile hoje para oficializar o noivado de Neil Cantio e eu, de modo que possamos anunciar a união aos reinos sábado, no Festival.

Andavam lado a lado pelos corredores da biblioteca. Se fosse capaz de olhar por cima das estantes altas, os olhos da princesa encontrariam os olhos de sua mãe na grande pintura que ficava no fundo, não era onde estavam indo.

À medida que o teto ia descendo, ali à sua direita, onde as janelas de vidro tocavam o chão, Grace contemplava o pequeno jardim. Já estivera ali centenas de vezes jogando moedas na fonte que ficava bem no meio dele.

Por dentro, as janelas davam luz às paredes da biblioteca com suas muitas estantes e escadas para alcançar as prateleiras mais altas. O mezanino, em cima do portal por onde elas entraram, o cheiro de couro dos livros e madeira das estantes, por dentro ainda era um dos lugares mais aconchegantes que a princesa já havia estado.;

Elas estavam já bem perto do lugar onde Grace havia pegado o livro que entregara no balcão, *Fadas: Uma viagem no tempo*. Por isso a princesa prometida se assustou com a reação de Clarin à informação de seu noivado. A bibliotecária parou ao seu lado e segurou-a pelos ombros, forçando-a a encará-la.

- Os Cantio estão aqui? Eles estão em Solum? – Foi um sussurro quase desesperado, Grace se assustou.

- Sim, eles chegaram par... – Ela balbuciou uma resposta, acenando afirmativamente com a cabeça – Clarin, o que há de errado? Você está me assustando.

Clarin a abraçou, o que deixou a princesa ainda mais preocupada. No futuro Grace pensaria que poderia ter aproveitado aquele abraço, não se lembrava quando alguém a tinha abraçado por último. Mas tão rapidamente quanto a abraçara, a bibliotecária também se afastou. Puxando-a pelo braço em direção à parede do fundo da biblioteca.

- Isso muda tudo. Não há tempo, precisamos ir.

Grace estava atônita, de modo que seu corpo seguiu os comandos mesmo antes de ela conseguir entender o que acontecia ali.

- Clarin, para onde estamos indo? O que está acontecendo?

Clarin olhava por cima dos ombros constantemente, e puxava Grace pelos corredores cheios de livros que a princesa amava, enquanto falava em voz baixa consigo mesma em uma língua que Grace não entendia.

A filha de Eve Theales se desvencilhou do pulso firme que a segurava e parou no meio do corredor, já quase chegando na parede mais ao fundo, bem longe da entrada daquele prédio tão bem iluminado pelo sol que adentrava as janelas transparentes dos vitrais.

- Me diga agora o que está acontecendo, Clarin.

A bibliotecária tirou o cabelo loiro da frente dos olhos, e com o braço direito o prendeu atrás da orelha, respirando fundo. Ela se aproximou da parede alta onde o retrato da rainha estava e puxou uma corda escondida atrás das cortinas que ladeavam a moldura da pintura, fazendo com que a tela descesse o suficiente para que Clarin alcançasse a parte inferior direita da tela, tirando dali um livro razoavelmente grosso em couro verde aveludado, com um pedaço da capa se estendendo e formando um fio, que se amarrava em volta dele.

– Stohlie deveria estar aqui para te entregar isso, ela e sua mãe eram grandes amigas. – Clarin sorriu à menção da mãe de Grace, mas logo em seguida seu rosto se fechou novamente numa expressão de preocupação, e quase desespero - há coisas que ela deveria te explicar. Coisas que não é meu lugar para te dizer, mas, de repente, eis que preciso.

Clarin se aproximou da princesa com o livro verde nas mãos e num sussurro concluiu:

- Você está em perigo, Grace. O Festival da Primavera vai mudar todas as coisas, Eve a teria protegido se estivesse aqui.

A princesa a olhou perplexa.

- Clarin, eu... O que você está dizendo? Por que eu estou em perigo?

Através do portal de madeira que delimitava a altura do primeiro andar, separando as alas com estantes da recepção por onde Grace entrara, agora um barulho se fazia ouvir. Havia pessoas discutindo, e ambas ouviram a voz de Colline berrar, “mas é claro que não foi uma visita autorizada, vá em frente,

ela está logo ali.”

- Você precisa ir, Grace. Eu não recomendaria que voltasse ao castelo, há uma tempestade prestes a chegar e até que você saiba de qual lado vai estar é melhor que não fique no meio dela. Os Cantio, el- eles - Clarin respirou fundo enquanto tentava se concentrar - céus, como eu posso explicar isso? Eles não são quem você pensa que são. Há uma maldição sobre eles há gerações.

Os passos foram crescendo em direção a onde elas estavam, Grace reconhecia o barulho da espada embainhada no uniforme de Martin, seu guarda. Clarin a conduziu para mais perto da janela que dava para o jardim externo na biblioteca.

– Você precisa ir. Não pode se casar com um deles.

- Uma maldição? É por isso que eles nunca vêm aqui?

Clarin acenou positivamente, abrindo a janela baixa que dava acesso ao pequeno jardim. Grace já estivera ali centenas de vezes, mas nunca reparara que aquelas janelas se abriam e davam passagem ao exterior da Biblioteca. Achava que faziam parte do telhado.

- Sua bisavó, a rainha Helena Theales, estaria se revirando no túmulo agora se pudesse ouvir que seu pai quer te entregar em casamento a um daqueles monstros. Ela os baniu daqui há décadas, e é por isso que as relações diplomáticas e comerciais ficaram tão limitadas. Não há tempo para te explicar tudo isso, Grace, você precisa ir. No diário de sua mãe você vai

encontrar todas as informações sobre o passado de sua família, e, inclusive, sobre o porquê de o rei Estorio ter construído essa Biblioteca aqui.

- O Rei Estorio? Clarin, isso faz quase duzentos anos, como o meu noivado pode ter a ver com isso?

- Os desdobramentos da História, minha pequena, vão muito além do que o olho nu pode ver. Você vai precisar da ajuda dos cristais, mas só quem pode te guiar até eles é Stohlie. Você vai encontra-la em Alba, agora sei por que ela foi, estava preparando as coisas para você.

- Cristais? Do que você está falando?

- Não há tempo para te explicar agora, menina. Você não deve voltar ao castelo, é perigoso demais estar onde eles estão, as mulheres nunca estão seguras perto dos Cantio, é a maldição.

Há um homem que trabalha para o Sr. Pender. Você vai reconhecê-lo quando se encontrar com ele. Vá para Viridi Flumini com esse diário e você encontrará suas respostas.

Clarin a segurou pelos ombros e olhou em seus olhos com urgência. A princesa sentiu ali, naquele momento, que pensara enganar aquela mulher por toda sua vida, mas era ela quem fora enganada. Grace lera histórias o suficiente para saber que Clarin não podia ser apenas uma bibliotecária. Sempre a vira, mas nunca a enxergara.

- Eu... – Grace abraçou o diário de sua mãe enquanto ouvia as vozes e os passos fazerem seu caminho pelo corredor – Não me casar com Neil Cantio.

Ficar a salvo. Ir até Viridi Flumini e então encontrar Stohlie

O barulho de passos foi se aproximando e Clarin soube que não havia mais tempo.

– Você sabe que pode sair sem ser vista, não seria a sua primeira vez.

A mulher que desde sempre Grace achava que era apenas uma bibliotecária, desabotoou a capa ao redor do pescoço da princesa e a virou do avesso, abotoando-a novamente pelo lado contrário que disfarçava Grace entre os aldeões. Clarin tirou um broche de cristal, com uma flor, da própria saia e o colocou na mão direita de Grace, fechando-a em seguida. Ela também tocou o cabelo da princesa e desfez o laço que o prendia, soltando os pesados fios cor de mel, tão parecidos com os de sua mãe, numa cascata.

- Clarin, - a voz de Grace embargou. Talvez ela não fosse assim tão destemida quanto gostava de achar que era.

- Não há mais tempo, vá. Estou orgulhosa das grandes coisas que você vai fazer, e sua mãe também estaria.

Clarin virou as costas e começou a fazer o caminho de volta pelo corredor de onde vieram, onde o som das vozes se intensificava e ficava cada vez mais distinto.

Grace saltou pela janela e a fechou atrás de si. O jardim ainda era o mesmo, com a mesma fonte pequena onde a princesa prometida jogara moedas, muito antes de ter sido prometida. Os bancos ainda eram os mesmos, onde Eve levava sua filha e lera livros para ela por tantas tardes. Ao olhar para trás,

Grace Theales contemplou o reflexo do sol na hora mais dourada do dia, banhando o interior daquele prédio que lhe parecia um lar muito mais do que sua casa. Ela deixou aquele lugar com um aperto no coração e mais perguntas do que respostas pela primeira vez na vida. Na verdade, seria muito cedo para te dizer que foi também a última vez que o deixou por toda sua vida?

~ Capítulo III ~
A foragida de Ravonlor

Era dessa vez.

Poderia ter sido qualquer outra vez, mas, ao sorrir aos servos de seu castelo que passavam por ela enquanto traçava seu caminho pelos familiares e aconchegantes corredores de pedras cheios de tapeçarias e pinturas de familiares mortos, os quais raramente Eleanor Raven se lembrava de ter conhecido, ela soube que não poderia manter em seu próprio estômago o café da manhã que acabara de comer, com grande dificuldade, enquanto seu pai, o rei Cornelius Raven, discursava a respeito das responsabilidades que esperava que Eleanor assumisse em algumas semanas quando fizesse aniversário. Com 16 anos ela poderia se casar se tivesse a permissão dos pais.

Embora você talvez já tenha observado que estamos tratando de um conto *com* fadas, esse está longe de ser um conto *de* fadas. Por isso já lhe aviso desde agora que a aventura de Eleanor não começou com *Era uma vez*. Antes tivesse começado. Ela mesma teria preferido assim, mas, ao contrário, *era dessa vez* e Eleanor sabia disso. Por isso mesmo não haveria de ficar sentada esperando que seu pai decidisse o futuro de sua vida, como um homem que está muito bem habituado a tomar decisões sobre o destino dos outros que ele era, e por vezes se esquecia que Eleanor não era uma criada ou uma vassala sua, mas sua filha.

Seus pés conheciam bem o caminho pelos tapetes que pisava. Sem que ela pudesse dar-lhes o comando eles viraram à direita pelo terceiro corredor, após passar em frente ao suntuoso Salão dos Bailes, onde as grandes ceias e

danças eram conduzidas nos festivais de seu reino. Eleanor crescera no meio deles, com bandoleiros e arpistas a fazê-la dançar em meio à grandes vestidos e mangas bufantes que restringiam um pouco movimentos.

Ela não podia negar o quanto amava o som daqueles instrumentos apesar de detestar as roupas que precisava usar para participar dos bailes. Amava a alegria de ver as luzes e os sorrisos das pessoas que dançavam sem se preocupar em demasia com a fome ou a seca ou alguma guerra que talvez estourasse por perto, levando para longe das suas famílias seus pais e maridos.

Fora há muito tempo que ouvira a música pela última vez.

O reino de Ravonlor não era tão rico quanto as outras regiões de Colore, mas era formado, em grande parte, por pessoas de muito bom coração. Fortes mineradores e lenhadores que já haviam livrado aquela terra de grandes ameaças, viúvas desses homens que costuravam, e estudavam medicina para tratar dos poucos homens que voltavam das batalhas.

Nas épocas de paz se viam muitos músicos, mas na caça aos lobos que quase destruía Amlívelir e Ravonlor há uns poucos séculos atrás, os grupos de artistas foram ficando cada vez menores a medida em que os soldados se faziam mais e mais necessários. Era uma terra que conhecia seus sacrifícios e honrava sua própria gente.

Quando a música tocava significava que as paredes e as colunas de pedra ecoariam passos de dança e gargalhadas ao invés do habitual silêncio de dentro do castelo. Eleanor sentiria saudades disso, mais do que das outras

coisas.

Cogitava partir muito antes daquele *era dessa vez* se apresentar a ela. Veja bem, as histórias costumam começar antes de nós percebermos que elas estão em andamento, porque mesmo antes de nos atrevermos a reparar nelas, já há entrelinhas antes das linhas. A herdeira do trono de Ravonlor não se atreveu a dizer em voz que partiria, de modo que levou a ela um tempo para perceber que apesar de não saber onde, seu coração pertencia a algum lugar que não era ali. Por isso foi fazendo as coisas conforme podia, e tentando aceitar as imposições de seu rei de acordo com o que conseguia.

Até achou que poderia ser capaz de aceitar o destino traçado para ela. Por alguns anos acalentou a ideia que lhe impunham desde criança, e não se opôs à união que haveria de igualar seu reino à Solum e resolver os problemas que seu pai pedia ajuda a ela; para livrar seu povo da fome. Eleanor desconfiava que a ânsia de Cornelius em ajudar o povo de Ravonlor era tão grande que ele mesmo se casaria com o herdeiro de Seacantio se pudesse.

Não achava que seu pai estava mal intencionado, só sabia que o desespero o levava a ter um mal julgamento do que é necessário e o que não é. Aos olhos do rei era muito necessário que Seacantio, o maior reino em território no continente, com acesso à portos e mares, se unisse a Ravonlor, cercados por montanhas de um lado e florestas do outro, para assegurar acesso fácil aos portos que enviariam e receberiam muito mais facilmente do que as carroças que tinham de usar hoje para comercializar suas madeiras. Colore era grande e próspera, mas não podia ser administrada de um trono só. Por vezes Solum nem ficava sabendo da falta de alimento nas terras do leste, dos ataques dos lobos, das brigas nas fronteiras com seres que nem deveriam existir mais.

Ravonlor estava sempre na linha de frente, sem ninguém para proteger-lhe a retaguarda. Era exaustivo e penoso lutar tantas batalhas sozinho. Cornelius dizia frequentemente que não pretendia lutar contra Solum ou dominá-los, mas não podia mais aceitar suas ordens pois o bloqueio comercial imposto à Seacantio nunca lhe fizera perfeito sentido e atrapalhava muito a um reino que sobrevive da produção de madeira, não poder comercializá-la para o grande produtor de barcos do continente. Não era uma questão de desobedecer Solum, mas de se unir ao grande potencial oferecido por Seacantio em expandir os negócios.

Seu reino tinha pleno acesso à mineiros e diversos tipos de metais das minas dos duendes nas montanhas, mas estava longe de ser um reino com grandes terras férteis e seu povo era frequentemente assolado pela fome em tempos de seca. Apesar de ter florestas nas suas extremidades ao leste, que faziam a divisa com Amlívelir, onde apenas seu exército estava autorizados a ir, poucas das árvores eram frutíferas.

Ravonlor não era capaz de plantar trigo ou milho com facilidade nessas terras, pois o solo das florestas fora, há muitas gerações, habituado ao cultivo de madeira. Eles, inclusive, vendiam barcos à Seacantio, e madeira para seus portos antes da morte do rei Estorio, o último a administrar a nação antes do bloqueio comercial com Seacantio.

Foram muitas reuniões a portas fechadas e muitos impasses e acordos entre seu rei e o rei de Seacantio antes de decidirem por unificar os reinos. Algumas visitas secretas da família Cantio à Ravonlor das quais ninguém tinha permissão para falar sobre, mas nas quais Eleanor, inclusive, conhecera

seu noivo prometido quando era mais nova. há 11 anos atrás quando ela era criança e seu pai convidara a corte de Seacantio para um dos primeiros bailes a portas fechadas que Eleanor e Neil compartilharam.

A princesa se lembrava daquele último baile, porque naquele ano Ravonlor tivera uma grande colheita de cenouras, cebolas e abóboras e muitas famílias comemoraram. Acontecia às vezes, de uma terra aqui ou ali ter bons cultivos e as sementes germinarem, mas ninguém sabia como ou por quê. Eram como milagres muito isolados sobre o qual ninguém tinha muito controle.

Neil era desajeitado, mas doce e sorridente. A forma como sua orelha levemente pontuda se mexia para acompanhar a dança de seus lábios quando gargalhava era uma das lembranças mais vivas da princesa. A gargalhada e memórias deles roubando pães na cozinha e se esquivando furtivamente para os estábulos para cavalgadas não permitidas pelo rei, mas facilitadas por Alex, o melhor amigo de Eleanor que lhe fazia companhia na ausência das crianças nobres para brincar.

Naquela época era fácil, só precisavam dar as mãos um para o outro e dançar com a coluna bem erguida e o queixo levantado. O ritmo dele para a dança era exemplar e ele costumava conduzi-la pelo saguão com facilidade, quase como se deslizesse pelo chão. A maior dificuldade em lidar com a presença de Neil Cantio em sua corte nunca fora sobre os compromissos reais e acordos diplomáticos, mas era a mesma dificuldade que enfrentaria ao dar as costas àquela corte e ir embora. Era a dificuldade em olhar nos olhos de sua irmã e saber que a desapontara.

Ainda muito nova, Eleanor começara a observar os olhares de Neil à

Genevieve, e, mesmo ali, com seus dez anos de idade, ela sabia que a maior dificuldade em unificar os reinos talvez estivesse muito mais próxima do que a fúria dos Theales frente a eminente traição dos Raven com os Cantio. O problema que enfrentaria ali se Genevieve estivesse mesmo apaixonada por Neil, conforme Eleanor suspeitava que estava, colocaria a crise de Ravonlor frente ao ataque dos lobos no chinelo. Eleanor não teria tido problema em refutar e ir para a guerra com uma família desconhecida que lhe ditava regras além da fronteira através de mensageiros e pombos correios, mas desapontar sua própria irmã teria lhe doído.

Partir seria difícil, mas não tão difícil quanto ficar. Ellie, como Genevieve a chamava, era racional o suficiente para trabalhar com as cartas que tinha, e naquele momento precisaria sacrificar o relacionamento com a pessoa que mais lhe importava, justamente para protegê-la. Não era apenas para os vestidos bufantes, as saias rodadas e os diademas ricos de pedras extraídas das minas dos duendes para os quais ela estava falando adeus, mas também dando adeus à Ginnie à oportunidade de viver todas essas coisas sem precisar estar constantemente à sua sombra.

Era o preço necessário. Eleanor era muito boa em fazer o que precisava fazer e naquele contexto libertar Ginnie sem precisar lidar com a constante desaprovação de seu pai, seria um peso pela saudade que sentiria da irmã, mas uma benção ao saber que Genevieve era muito capaz de assumir esse papel, que não cabia a Ellie.

Genevieve e Cornelius eram os semelhantes. Eleanor e sua mãe eram apenas os peões que sobravam no jogo. Eleanor sofrera com seus conceitos de justiça antes de entender que sua mãe escolhia se submeter aos caprichos do rei para

preservar o senso de união e espírito familiar naquela corte. Mas quanto mais ela crescia mais fácil ficava de entender que nem tudo o que parece ser, de fato é.

Eleanor já havia pedido a Alex, seu amigo de infância e servo de maior confiança, que deixasse um cavalo selado e escovado para ela. Na bolsa que carregava estavam algumas moedas e ela agora se encaminhava para a cozinha, onde uma cesta com pães e frutas a esperava.

Ela crescera visitando as florestas, indo em excursões escondidas às minas com Alex, o filho do cocheiro que a ensinara a montar a cavalo quando tinha 7 anos, de modo que calçar as botas e percorrer furtivamente os corredores inferiores até a saída pela cozinha, lhe levava de volta a essa idade. Idade na qual a maior distância entre ela e sua liberdade estava a uma sela de distância.

Mas naquela tarde, ao entrar pela porta da cozinha e encontrar Alex ao lado do fogão com uma pilha de lenhas embaixo ao seu lado, e a sua mãe sentada à simples mesa onde os serviçais comiam, tomando uma xícara de chá, Ellie apertou entre os dedos a carta que escrevera para Genevieve e percebeu que nenhum plano tornaria mais simples a jornada que a esperava.

Ela lançou um olhar de fúria para Alex. Nem mesmo o sorriso dele, que fazia seu coração derreter por dentro do peito, poderia tê-lo salvado do ódio de Eleanor naquele momento.

- Mãe! - Eleanor teria se abaixado e feito uma reverência com a barra da saia, se estivesse usando uma. Mas, na falta dela, a filha acenou para a rainha com a cabeça, para deixar claro que respeitava sua presença ali. Eleanor trajava

uma calça de couro escura e uma camisa de flanela branca por debaixo de um corselete que a ajudava a manter a coluna ereta quando cavalgava. Ao menos, essa era a desculpa que tinha para não precisar usar os vestidos que detestava.

– O que faz na cozinha?

Eleanor detestava falar com Alex na frente das pessoas, pois seu pai lhe demandava constantemente que ela se posicionasse hierarquicamente sobre ele nos comandos. Ela não gostava, Alex era seu melhor amigo, e o possível motivo pelo qual ela não enlouquecera dentro daqueles muros.

Genevieve adorava as tradições. Os vestidos, os diademas, os sapatos altos glamorosos e o respeito com o qual os serviçais lhe tratavam. Eleanor detestava. Ela queria ir escalar árvores descalça e comer ao lado do fogo que preparava sua comida. Queria poder ter amigos, e honrá-los além do que as normas lhe ditavam. A presença de sua mãe ali, no entanto, exigia que o protocolo do rei fosse cumprido, e Eleanor respeitava isso para que a própria mãe não tivesse de pagar pela irreverência da filha. O que aconteceria caso Cornelius descobrisse que Eleanor fora permissiva em demasia com o filho do cocheiro.

- Alex, você está dispensado. Por favor, nos deixe a sós. – disse Eleanor, nas intenções de ainda ser capaz de contornar a situação e encontra-lo nos estábulos assim que pudesse distrair sua mãe e tirá-la de seu caminho.

- Você não vai fazer nada disso, Alex. – A rainha ergueu a mão livre, a outra continuou segurando a xícara, fazendo um sinal para os tamboretas vazios ao redor da mesa. – Sentem-se. Os dois. Eleanor, minha querida, - a rainha olhou Eleanor por cima da xícara de chá - você vai precisar de uma sacola de

provisões bem maior do que uma cesta para o lugar onde está indo.

A rainha tirou uma mala pequena de debaixo da mesa.

Agora Eleanor estava prestando atenção.

~ Capítulo IV ~

Sangue real, camélias brancas

A primeira impressão que Ella teve quando abriu os olhos pela primeira vez, foi de que o lugar em que se encontrava era uma planície muito verde e bonita, com muitos arbustos espalhados, cheios de camélias de todas as cores. A segunda impressão não chegou a ser uma impressão tanto quanto foi uma constatação: suas costas doíam, do que lhe parecia ser o maior tombo de sua vida desde que caíra do pé de manga no quintal do vovô aos sete anos e tivera que imobilizar a perna por quase um mês.

Havia camélias por toda parte, Ella observou. Sabia que eram camélias porque seu avô as plantava em casa. Mas isso também não fazia sentido, pois era o único a cultivá-las por toda a região de Primeira Semente. Onde estavam?

Ina se levantou antes que sua irmã pudesse formular uma resposta.

- Camélias! – Ela disse sorrindo e respirando fundo. - Meu Deus, que lugar lindo.

Ina olhava ao redor e girava em volta de sua própria circunferência tentando absorver o cenário. Olhar para ela era como esquecer que acabara de cair dentro de uma coleção de selos em um lugar completamente inesperado e desconhecido. Ela parecia estar em casa, Ella percebeu.

Era como se alguém tivesse pintado um quadro e de repente elas colocassem os pés dentro dele.

- Mamãe teria amado essa visão. – Constatou a pequena com um sorriso, suspirando.

Ella conseguiu se levantar um pouco tonta. Não estava no chão até agora por dor ou pela queda em si, mas porque uma parte de si ainda estava esperando que quando piscasse os olhos bem forte pela terceira vez acordaria em sua cama, no quarto que dividia com Ina desde que ela era apenas um bebê.

Seu short estava repleto de grama, como se tivesse rolado colina abaixo. Vai ver rolara mesmo. Não sabia ao certo se ao ser sugada para dentro do livro ficara desacordada, ou se havia acabado de acontecer. O tempo lhe parecia relativamente mais devagar, como se estivesse vendo as coisas em câmera lenta. Ella apertou os olhos e viu as cores ganharem foco enquanto a velocidade com a qual sua irmã girava voltava ao normal. A mais velha olhou ao redor apenas para constatar que o campo se perdia no horizonte para um lado, e, à sua direita, uma pequena clareira com um bosque se estendia, fazendo um dégradé de verde desde a grama no chão até a copa das árvores no alto.

- Ina, você percebe que acabamos de entrar dentro de um livro, não é mesmo?

Ina girou uma volta completa em seu próprio eixo com os braços abertos e olhando para cima. Talvez fosse o dia mais feliz de sua vida.

- Sim! Não é absolutamente incrível?

- É, - Ella admitiu. A metade de seu coração também estava exultante. – Mas

a pergunta é como vamos voltar.

- Talvez a gente precise encontrar o mágico e pedir pra ele nos mandar de volta. – Ina disse com um dar de ombros.

- Não vejo nenhuma estrada de tijolos amarelos por aqui, meu amor.

Incomodava não saber que horas eram. Será que estava no mesmo fuso horário de sua casa? Estava sequer no mesmo continente? O mundo da imaginação nasce e se perpetua onde, além da mente de quem se alimenta dele – e o alimenta?

- Um guarda-roupa então. No país de *Salavazia*. – Respondeu prontamente a mais nova enquanto começava a caminhar em direção a um dos arbustos de camélias.

Ella alcançou o álbum que ficara jogado na relva desde que as levara até ali, aberto na mesma página com as camélias que causaram o vórtex. Já com as mãos estendidas e a ponta dos dedos muito perto, ela deu um passo para trás, relutando. E se fosse sugada novamente? A garota olhou desconfiada para o álbum, medindo quanta coragem teria para lidar com o que aparentemente não poderia ser um objeto mais inanimado. Era um monte de páginas, ela só podia estar ficando louca.

Agora à luz do dia, longe da garagem do vovô e sua meia luz oscilando, Ella observou que uma das páginas era apenas camélias. Era onde ela estava, os selos as transportaram para o lugar que inspirara suas pinturas? Tirou o tênis dos pés e o usou para fechar o álbum, sem precisar tocá-lo enquanto estava

aberto, e, só então teve coragem para ajeitá-lo debaixo do braço.

Quando foi se encontrar com Ina ao lado do arbusto de camélias brancas seu coração quase saltou pra fora da boca, e, por uma breve fração de segundos, ela se esqueceu de como se respirava. Sua irmã estava conversando com um homem que parecia ser pouca coisa mais novo que sua mãe, e, mesmo sem saber de onde, a estranha sensação de que Ella o conhecia de algum lugar a inundou por completo, sendo soterrada bem fundo em sua mente logo em sequência pelo desespero em estar num lugar totalmente desconhecido vendo sua irmã falar com um completo estranho.

Ella parou ali ao lado do arbusto, lançando um olhar de fúria para sua irmã, que se calou na hora, enquanto ela calculava possíveis soluções para sair dali.

- Oi, eu sou Ella, essa é minha irmã, Ina.

O homem se aproximou e estendeu-lhe a mão. Usava umas roupas beges diferentes, de linho, como se tivesse em uma exploração, mas a exploração parecia estar durando muito tempo, porque as roupas estavam um tanto quanto sujas. Ele era alto, com o cabelo de um castanho escuro, quase preto, bem parecidos com os de Ella, seus olhos eram ligeiramente delineados no canto externo, lembravam vagamente olhos de gatos. Era assustadoramente parecido com os de Gregory, seu pai. Ella tinha certeza de que estava enlouquecendo, mas por tudo que sabia até o momento, aquele poderia muito bem ser o irmão, talvez gêmeo, de seu pai.

- Conheci sua irmã, Ella. Muito prazer, eu sou o Deacon. – A garota pegou na mão dele e ele sorriu. Com os dentes estampados em seu rosto era o mesmo

que olhar para uma foto do pai. Estava alucinando, tinha certeza.

Ella soltou da mão dele e pediu licença, puxando Ina pelo braço e se afastando alguns passos.

- O que você pensa que está fazendo?

- Meu Deus, isso foi muito fácil, você não acha? Foi como magia, eu pedi que fosse verdade e o livro nos trouxe até o irmão do papai.

Enquanto Ina lhe explicava o que parecia estar bem óbvio, o estômago de Ella revirou e ela continuou sussurrando com a sua irmã caçula. Deacon tinha um livro grosso de couro azul aveludado no qual tomava notas, olhando para elas de vez em quando. Seu livro era muito parecido com a coleção de selos do vovô que ela escondera embaixo do braço, o livro de vovô era vermelho escuro, o de Deacon era azul marinho.

- Ina, o que você conversou com ele? Por que acha que ele é irmão do papai?

- Por que eu acho? Por que você NÃO acha? Meu Deus é só olhar pra ele.

- Pode ser um engano, tem pessoas que se parecem. Você não acha que se o papai tivesse um irmão nós saberíamos?

Ina revirou os olhos.

- Que nem a gente sabia da caixinha de correio mágica? Que nem a gente sabia do livro portal? Cai na real, Ella! Tá escrito na carta que o vovô tem um

filho que está em segurança. Se o papai morreu e acabamos de trombar na cópia dele, é evidente que encontramos o – Ina fez um sinal de aspas com as mãos antes de continuar – “filho em segurança” do vovô.

Ella olhou para Deacon de soslaio. Não parecia estar muito em segurança, se estivesse um pouco mais sujo seria confundido com um mendigo. Tinha curiosidade nos olhos, como Ella se lembrava de ver por detrás dos óculos de seu pai. Mas também parecia estar procurando coisas, como se estivesse perdido.

- Tudo bem, podemos ir falar com ele. Mas você não saia por aí se afastando de mim e conversando com estranhos.

Ina revirou os olhos e Ella tomou sua mão enquanto as duas irmãs voltavam para perto da trilha de camélias onde Deacon estava. Ina se encontrava dividida entre o excitamento das novas descobertas, e a percepção de que Ella não estava sendo tão mandona dessa vez, mas que a única forma de conseguirem voltar para casa era se manterem juntas, como sempre havia sido.

- Ah, aí estão vocês. Fiquei com medo de que já tivessem voltado. Eu não ia querer que fossem embora tão logo. – Deacon ainda sorria enquanto explicava, e parecia tão animado quanto Ina. – Há muita coisa que eu acho que a gente precisa conversar. Não acho que eu esteja enganado, a menos que esteja mesmo precisando voltar para casa... – elas não sabiam se agora ele estava falando com elas ou consigo mesmo, mas depois disso ele parou com as mãos na cintura e completou – quer dizer, vocês são as filhas do Gregory, não são?

~

Grace teve bem menos tempo para admirar a beleza dos aldeões a enfeitar e dançar pela cidade quando seus pés dispararam pelo jardim lateral da biblioteca e se puseram a correr por entre as ruas tortas de pedra que circundavam a praça central e faziam uma pequena estrada até o castelo. O por do sol era sua hora favorita do dia. Acentuava as cores naturais de tudo de bonito que havia em sua vida; as flores que sua família cultivava há tantas e tantas gerações que ela mal podia se lembrar; os olhos de Dan que eram tão diferentes dos seus, azuis como o céu de uma tarde no campo; a luz que adentrava as altas janelas de vidro da Biblioteca Nacional Solumnes. Nenhuma daquelas coisas pareceriam mais tão bonitas aos olhos da princesa.

Ela abraçava com força o livro de couro aveludado por dentro de sua capa. Queria ter parado para lê-lo e tentar entender todas as coisas que Clarin lhe dissera, pois quanto mais pensava menos entendia. Mas sabia que não tinha a oportunidade de sentar-se debaixo de uma árvore e lê-lo, pois se o fizesse desmancharia em lágrimas. Nem sequer sabia para onde estava indo. Automaticamente seus pés lhe levavam de volta para casa, mas até essa possibilidade lhe parecia arriscada agora que não sabia o que a esperava quando chegasse lá.

Mas como ela partiria sem se despedir de Dan? Sabia que não era capaz. Preferia morrer a ter de traí-lo. Em seu coração temia também que ele nunca a perdoasse se ela não estivesse lá por ele ao completar a maioridade, pois eram os únicos que sabiam quão pesada era a responsabilidade de fazer um continente prosperar. Dan era justo e perspicaz, inteligente e bondoso. Amava Grace tanto quanto ela o amava. Haviam estado ali um para o outro desde

antes de Grace ser capaz de criar memórias.

Quando Dan tinha 16 anos e Grace 9, ele a salvara de se afogar na correnteza de uma cachoeira para onde ela havia ido escondida, pois se chateara em saber que seu pai e irmão estavam indo pescar e ela não tinha permissão de acompanhá-los. Ainda nessa ocasião, quando ela ficou de castigo por ter saído escondida e sem escolta para o meio do mato, Dan lhe visitara e levava biscoitos frescos e chá para ela depois do jantar por uma semana. Era curioso que apesar do susto pelo afogamento, ela não sofrera nenhum arranhão mesmo tendo sido levada alguns metros pela correnteza. Nunca se cansava de agradecer a Dan por ter salvado sua vida.

Quando Grace tinha 7 anos e Dan 14, ele quebrara o braço após ter caído de um cavalo agitado. Ela havia copiado suas lições por quase um mês, mesmo com uma letra não tão bonita assim para a sua idade, para que ele não precisasse ficar com deveres de casa atrasados. Foi quando o mais velho a ensinara a fazer contas de multiplicação e divisão. Multiplicar os esforços, ele dizia, dividir os problemas. Ela se lembrava nessa ocasião de ter retirado o gesso de Dan depois de três semanas. A sensação de ter sentido seus dedos formigarem de vontade de vê-lo bem, e a certeza de que podia ajudá-lo ainda habitavam no fundo de sua mente e ela podia se lembrar, quando se concentrava bastante.

Naquele fim de semana, Grace teria de arrumar uma forma de multiplicar seus esforços para ele, ao mesmo tempo que dividia os problemas secretos de sua família, sem, de alguma forma, ficar noiva de Neil Cantio.

Uma maldição. Sobre o que poderia ser? As palavras de Clarin martelavam

dentro de sua cabeça. As mulheres não estavam seguras perto deles. Era por isso que só tinham filhos homens? Será que de fato só tinham filhos ou também tinham filhas, mas elas morriam? E se as respostas estavam ali, escondidas em volta de seus braços e respondidas pelo próprio punho de sua mãe, será que isso significava que ela também não tinha estado segura por causa deles? Não havia ficado muito doente e falecera ou fora outra coisa que a matara?

Grace já estava saindo da parte mais movimentada da cidade e se aproximando da estrada que levava ao castelo. Por perto só havia uma pequena estalagem, que certamente estava cheia de viajantes estrangeiros que haviam vindo prestigiar o Festival. Ela nunca passava pela estrada para voltar.

Atrás da estalagem havia um poço de água vazio, por onde Grace descia e subia até chegar aos túneis secretos de fuga que davam acesso a muitas partes do castelo, inclusive à torre onde ficava seu quarto e o de Dan, um ao lado do outro. Parte de sua infância fora passada às escondidas, desvendando aqueles túneis que sua mãe lhe mostrara uma vez. Para sua própria segurança, Eve dizia, é necessário conhecer sempre uma rota de fuga ao entrar em algum lugar.

Grace guardou o livro no bolso de sua capa antes de levantar a saia de seu vestido e se pendurar na corda do balde que haveria de puxar a água, caso houvesse alguma. Era tão habituada a fugir por ali e estava tão ocupada tentando manter seu coração acelerado de volta aos batimentos normais, que não reparou que tinha alguém a observá-la atrás das árvores, na clareira onde o poço ficava, na beirada da floresta que cercava os muros do castelo.

- Psss! – O chamado fez com que soltasse a saia, ali, já sentada na beirada do poço, ela olhou para o lado.

Era Dan. Seu coração deu um pulo dentro do peito. Primeiro de alegria ao vê-lo, e segundo de desapontamento em saber que estava tão distraída a ponto de ser pega de surpresa tão facilmente como havia sido. Um segundo olhar mais atento lhe mostrou que até mesmo Hermes, o cavalo de Dan, estava ali atrás das árvores. Seu irmão alternava os sinais que fazia com as mãos, primeiro chamando-a até ele, depois mandando-a ficar em silêncio.

Ela se aproximou com o coração apertado, sabendo que sentiria falta de tudo sobre ele. A facilidade com que ela lhe fazia sorrir apesar de ele ter sido treinado por toda a vida para ser um homem muito sério; seus olhos azuis que se apertavam na fronte quando ele sorria; a seriedade e compromisso que ele tinha para com o reino.

Mas mais do que amar a Dan, Grace o admirava. Admirava a forma com que conseguia seguir as tradições reais de modo a obedecer ao pai e ainda ser muito humano, sem parecer que estava sendo obrigado a fazê-lo. Grace por sua vez, sempre que tentava combinar as três coisas, terminava desapontando a si mesma por se ver forçada a ser algo que não era ou desapontando ao pai por ser fiel demais à si mesma.

À luz de tudo que descobrira e à sombra de tanto mais que nem podia imaginar, naquele dia ela podia agradecer por simplesmente ser irmã dele. Uma vez fora da clareira e acolhidos pela floresta, Grace jogou seus braços sobre os ombros dele com força e então, finalmente, antes que ele pudesse

dizer qualquer coisa, e sem que seu cérebro pensasse por onde começar, ela se permitiu chorar.

- Dan! Meu Deus! – Ela repetia com o rosto enterrado no peito dele.

- Calma, minha pequena. Me conte o que houve. – Seu irmão passava a mão gentilmente pelos cabelos de Grace, que Clarin soltara – Eu estava a sua procura, mas agora estou aqui. Eu estou aqui, - Ele repetiu com firmeza – nada vai te acontecer. O que houve?

- Dan, é a mamãe... Meu Deus. – Grace queria ter tido um poder especial capaz de fazer Dan entrar em sua cabeça e enxergar suas memórias, porque não sabia se poderia repetir a ele o que tinha vivido na última hora. Se estivesse sendo racional ela não saberia por onde começar, se tivesse de relatar o que vivera momentos antes. - Temos que ir. – Ela continuou - Não podemos ficar aqui, Dan. Você precisa vir comigo! Nós precisamos deixar o castelo!

Dan a afastou de si com calma para poder olhar em seus olhos.

- Grace, eu preciso que você respire fundo e me conte, parte por parte, o que houve. - Ele secava as lágrimas dela com uma mão e com a outra segurava seu rosto muito perto do dele, quase encostando suas testas.

A proximidade com alguém tão familiar ajudou com que a respiração dela voltasse ao normal e as lágrimas parassem de rolar. Ele tinha anos de experiência em confortá-la.

- Quando você saiu do castelo? Os Cantio já chegaram? Eles estão aqui?

- Eu estou fora de casa há poucas horas, duas, no máximo. Fui procura-la justamente para avisar que a corte de Seacantio estava aqui. Papai está louco atrás de você, ele quer apresenta-la a Neil Cantio mais do que quer me ver fazendo 21 anos. Vai comemorar o nosso aniversário no Festival amanhã. O meu aniversário e de Neil, é o que quero dizer, afinal, ele e eu temos a mesma idade e fazemos aniversário com poucos dias de diferença. Não basta ter de ver a minha própria irmã se casando com ele e se mudando de casa, eu preciso dividir até a data do meu aniversário. É mole?

Ah, os grandes esforços de Dan para fazer com que a irmã sorrisse quando sua vida parecia um mar inacabado de lágrimas. Os esforços funcionavam todas as vezes, o coração dela tinha voltado ao eixo que a dor tirara.

- Eu não sabia. Sobre o aniversário, quero dizer. Você... – Grace tinha medo da resposta para a pergunta que faria a seguir – você o viu, Dan?

- Mas é claro que eu o vi! Você achou que eu ia deixar você se aproximar de qualquer um deles sem fazer pessoalmente um reconhecimento? Mamãe detestava aquela gente, eu precisava ir conferir.

O coração de Grace acelerou e ela não conseguiu falar sem gaguejar.

- O-o quê v-você achou dele?

Dan revirou seu par de olhos muito claros, sentando-se no chão cheio de folhas caídas, acenando para que Grace se sentasse também. Ela estava mais

exausta do que parecia ter se dado conta; quando escorou na árvore sentiu cada terminação nervosa de seu corpo pulsar, pedindo por um banho quente.

- Eu não sei dizer. Para ser sincero, achei que fosse ser muito pior. Ele é um pouco branco demais e mais alto que eu. Tem umas orelhas engraçadas, e parece um tanto o quanto perdido perto de rei James, seu pai. É como se detestasse estar no mesmo lugar que ele. Os dois quase nunca se dirigem a palavra, e geralmente quando dirigem é altamente pomposo e ríspido. Foi a maior concentração de “Sim, Sr.” e “Não, Sr.” que já vi num intervalo de tempo tão curto.

Grace ficou dividida, e, por conta da arqueada na sobrancelha que ela deu involuntariamente, Dan percebeu que ela estava esperando uma resposta muito diferente. Era o que acontecia sempre quando estava intrigada e ele sabia disso. Da mesma forma que a princesa confiava muito em seu irmão. Dan era a pessoa mais observadora, meticulosa e detalhista que ela já conhecera, se Neil Cantio fosse uma ameaça tão grande quanto Clarin a fizera acreditar que ele seria, Dan teria percebido no minuto em que colocara os olhos nele.

- Você achou que eu ia dizer outra coisa. Está surpresa...hm - Ele limpou a garganta com um pigarro - Grace, – Ele estava escolhendo suas palavras com cautela – você sabe que eu daria minha vida para você. Não há nada que você possa me contar para me fazer te amar menos. Por favor, me diga - Dan segurou as mãos dela - o que houve?

Grace desabotoou o broche de cristal com uma flor que Clarin havia lhe dado e retirou a capa, colocando a em seu colo e então alcançando o livro de couro

verde aveludado que pertencera à sua mãe. Ainda não tinha tido coragem de abrir.

- Esse livro é um diário.

Dan estava sentado ao seu lado. O sol se punha atrás deles, mas diferente do tom mel que o cabelo de Grace ganhava à luz do sol, O cabelo de Dan, bem mais loiro que o de Grace, continuava sempre da mesma cor, independente da iluminação propiciada.

- Imaginei que você estaria na biblioteca quando eu entrei em seu quarto e não vi a capa da mamãe guardada. É o que você sempre usa para ir até a cidade. - Ela sorriu, sem se dar conta de que naquele momento fosse capaz de fazer aquilo, mas feliz por ter um irmão que a conhecia tão bem.

- É o seu diário? – Ele continuou segurando as mãos dela. Grace respirou fundo e respondeu com um suspiro.

- Não, Dan. É o diário da mamãe. – Ele a encarou surpreso, mas ela continuou – Vou te contar umas coisas, e depois de fazer isso vou montar seu cavalo e vou partir. Você vai me permitir fazer isso, porque me ama.

- Vai partir? Para onde?

Ela começou a contar o que acontecera na biblioteca, e, muito antes de terminar, fez uma prece de agradecimento pela vida daquele garoto de coração bondoso - agora tão perto de se tornar um homem poderoso, mas que seria para sempre o seu porto seguro pelas tempestades da vida.

~ Capítulo V ~

O baile em que as labaredas dançaram

Eleanor já pensara muito sobre a possibilidade de chamar sua mãe para tomar um chá e conversar sobre a quantidade de coisas que por toda a vida vira acontecer, sem entender muito bem direito os porquês. Mas quanto mais crescia e aprendia sobre o cotidiano de uma corte, menos achava que suas palavras teriam efeito sobre uma mulher que nascera ali, crescera ali e se casara para continuar ali.

Embora muitos cenários tivessem passado pela cabeça de Eleanor, a última coisa que esperava em um milhão de anos era que a sua mãe fizesse o caminho ao contrário e a encontrasse ali, certa do que falava, longe do cabresto de seu pai – que por toda a vida a controlara e moldara às suas necessidades de rei, e não de marido. Como Eleanor era sua princesa herdeira, não sua filha.

Tirar a máscara de rainha também permitia que Eleanor a visse mais como mãe e menos como a conivente mulher que por vezes não concordava com o rei, mas absolutamente nunca discordava dele. Eleanor fez um sinal com a cabeça para Alex, para que se sentasse. Será que sua mãe achava que ela estava prestes a fugir com ele porque queria que ficassem juntos? Será que não entendia que ela era mais sensata do que colocar a vida do homem que amava em risco? Ela iria sozinha, ele ficaria, exatamente para que ninguém desconfiasse. Esperava um dia poder voltar, abraçar Genevieve e se casar com Alex, mas não tinha planos elaborados nem mesmo para a partida, quanto mais para um possível retorno.

Aproximando-se da mesa, Eleanor afastou de seu quadril a capa branca que sempre usava para cavalgar e passou a perna direita, com a bota quase até a altura do joelho, por cima do tamborete, sentando-se com uma perna de cada lado enquanto cruzava os braços na frente do peito.

- Sou toda ouvidos, mãe.

- Você, Eleanor, - sua mãe começou com cautela – acha que está fugindo do destino que seu pai a moldou para ter, mas, - Eleanor fez menção de interrompê-la, porém a rainha a silenciou no ato com um sinal de espere, e então continuou – o que você não percebeu é que por todo esse tempo em que seu pai pensou que estava educando você para governar, eu estava bem aqui permitindo que ele o fizesse.

Alex olhava de uma para a outra com muita atenção. Genevieve podia ser fisicamente mais parecida com a rainha, mas olhando para aquela mulher agora ele sabia de onde havia vindo a sagacidade de Eleanor. Sua atenção, no entanto, não chegava aos pés do estado de concentração em que a princesa se encontrava. Alex permaneceu em silêncio, enquanto a rainha continuava.

- Quem governa, Eleanor, nunca governa sozinho. Mais poder tem os peões que assistem ao rei e o permitem transitar em segurança pelo tabuleiro, do que o próprio rei, que se largado sozinho na dança do xadrez, estaria morto em poucos movimentos. Hoje nós vamos mudar essa estratégia, minha querida.

Eleanor não fazia ideia do que a sua mãe estava falando, mas o fato de que ela parecia falar com tanta convicção transmitiu a ela uma segurança que a

princesa nem percebera o quanto precisava. Em menos de um minuto se tornara muito interessada no assunto daquela conversa.

- O seu pai, como eu não preciso te dizer pois você é inteligente o suficiente para já ter percebido, ficou obcecado de tal forma com a poder que ele parou de raciocinar com cautela. Se tornou imprudente e desesperado, perdendo completamente as principais características intelectuais que levaram o seu avô, meu pai, a escolhê-lo como rei dessa terra. Ravonlor já foi uma terra muito diferente do que é hoje. Você muito em breve vai desbravar fronteiras além desses muros, e vai encontrar coisas que vão mudar sua opinião sobre muita coisa que você acha que tem certeza.

- Mãe, a minha única certeza é que... – Eleanor fez uma tentativa de explicar sua motivação à sua mãe, mas foi interrompida.

- Paciência, minha filha, paciência até que eu te explique o plano que vai te libertar do juízo de seu pai. – Era aquilo que Eleanor estava tentando fazer, encontrar seu lugar de liberdade para ser quem queria ser, não quem lhe diziam que tinha que ser. Se sua mãe tinha um plano, um plano que não exigiria que ela desse as costas à Genevieve... desse as costas a Alex, era um plano que Eleanor gostaria de ouvir, por isso se calou. – A sua única certeza é que você não quer estar aqui. Estou certa?

Eleanor assentiu com a cabeça, abaixando o rosto. Não era uma verdade fácil de confessar, estava envergonhada. Fazer conforme o necessário era mais fácil quando não precisava ficar para lidar com as consequências, o adeus que imaginara era somente seu, mas agora sua mão estava ali e ele parecia ainda mais real.

- Sim, mãe. Por que ficaria?

A rainha sorriu e ergueu o rosto de sua filha pelo queixo, acariciando sua bochecha em sequência. Alex levantou-se, fazendo menção de ir.

- Sente-se, Alex. – Elas disseram em uníssono.

O filho do cocheiro abaixou seus ombros e deu meia volta como um cão arrependido, sentando-se novamente e apesar do claro desconforto em estar participando daquela conversa, se acomodou em silêncio.

- E se eu te dissesse, minha filha, que há uma forma de você ficar aqui e governar Ravonlor enquanto se casa com quem você quiser. – Disse a rainha olhando de soslaio para Alex.

Não havia. Eleanor sabia disso. Ela já havia passado muitas noites acordadas pensando sobre todas as possibilidades e nenhuma delas terminava com ela tendo tudo, seu pai não permitiria.

- Mãe, isso é loucura. Não há como. – Quem interrompeu Eleanor dessa vez fora Alex.

- Continue, vossa alteza. – Ele ergueu o braço, passando a mão por sobre a mesa e segurando os dedos de Eleanor, como a lhe pedir para ter paciência.

A rainha abriu a pequena mala que havia colocado por sobre a mesa. Havia um envelope de couro dentro dela, de onde ela tirou um pergaminho,

que entregou a Eleanor.

- Neil Cantio é o noivo prometido de Grace Theales, de modo que se casar com ele seria traição à corte de Solum, a quem nós obrigatoriamente prestamos contas e não temos, de forma alguma, condições de nos revoltarmos contra. Ao propor aos Cantio que você se casasse com ele, seu pai estava, mesmo que num ato desesperado e impensado, entregando a sua cabeça à guilhotina por traição. – Eleanor olhava o papel em choque, com a cabeça a voando à mil.

- Por que meu pai me entregaria em casamento a um homem que já tem uma noiva? – Ela perguntou à sua mãe.

- Porque ele sabe que se você e Neil unissem os reinos de Ravonlor e Seacantio, Solum não seria forte o suficiente para enfrentar os dois, e nós passaríamos a ser a corte a responder em nome de todas as outras. E ele diz que não insiste nessa união para dar um golpe ao trono de Colore, mas você não teria outra escolha pois os Theales estariam furiosos conosco por termos nos unido aos Cantio, e com os Cantio por terem cedido, bem como por uma outra porção de outros desentendimentos que eles tem um com o outro, os quais, automaticamente, seriam nossos também. Você e Neil passariam a ser reis de *toda* essa terra.

- Exceto Amlívelir. – Disse Alex.

- O quê? – indagou a rainha, olhando para ele como se por um momento tivesse esquecido que ele estava lá.

- Exceto por Amlívelir. Nem nós, nem Solum pode controlar a terra além da fronteira, vossa alteza. Você e eu ambos sabemos que Amlívelir não é uma terra deserta como nos dizem, e os habitantes que para lá foram exilados estão muito além do nosso poder militar e político.

- Sim, Alex, você tem razão. Exceto por Amlívelir.

Eleanor sabia que na Era dos Lobos muitos exércitos foram mandados para Amlívelir para conter os ataques às terras do norte. Sabia também que a passagem para a fronteira ao norte, na floresta, estava há muitos anos bloqueada, e a punição para quem ultrapassasse era a prisão. Mas estava consciente de uma coisa informação que não era difundida com tanto entusiasmo; as histórias contavam que algumas alcateias haviam sobrevivido, e a abertura da fronteira colocaria Ravonlor em risco novamente.

- Mas, - continuou a rainha – responderíamos em nome dos outros quatro reinos, mesmo Alba, que não tem corte, mas cujo conselho de camponeses também responde à Solum. Colore é um lugar muito grande, Eleanor. Bem maior do que você pensa. Seu pai planeja dominar cada canto dele, e não vai medir muitos esforços para que cada um de nós aqui cumpra o seu papel em prol dessa cruzada.

- Nós não podemos entrar em guerra. Os ataques na fronteira, que estão longe de serem ataques de lobos, as pessoas desaparecidas, as famílias que estão com fome. Nós precisamos cuidar dos nossos primeiro, antes de pedir que eles entreguem suas vidas em batalhas por nós. É por isso que eu quero ir, mãe. Para saber o que está acontecendo. Por favor, não me peça para ficar aqui nesse castelo enquanto o nosso povo morre além desses muros e nós não

ficamos nem sabendo o porquê.

- Você vai, Eleanor. E vai ver coisas. Mas muito mais do que isso, você vai resolvê-las. Seacantio está enfrentando um bloqueio parcial de seus comércios há quase cinco gerações, e mesmo eu, que cresci orientada por tutores aqui dentro dessas mesmas paredes, estudando exaustivamente sobre livros e sendo diariamente questionada sobre a história dessa terra para mostrar que estava apta a governa-la, nunca encontrei um livro em que a história contada sobre esse bloqueio fizesse sentido, mas vou te dizer que enquanto nós estávamos guardando a fronteira e caçando lobos, Estorio Theales e Brandon Cantio, há quase 200 anos atrás, estavam dando bailes e construindo jardins.

- Construindo jardins? – Eleanor ouvira falar por toda a vida sobre a história de seu lar ser originalmente um lugar colorido e cheio de magia, mas estava há tantos anos vendo seu povo sofrer com a fome e ser esquecido por Solum, que tinha tudo, que não podia acreditar que alguém desperdiçaria terra fértil plantando flores ao invés de alimento.

- Sim, Eleanor. Jardins. Na Era da Magia, antes da Era dos Lobos, essa terra conheceu a fartura. Foi daí que veio o nome Colore. Minha avó costumava dizer, que a bisavó dela lhe contava, que as fadas caminhavam entre nós e não apenas embelezavam as ruas e os campos, como também abençoavam a terra para que prosperasse. Tudo nascia aqui.

- Até que não nascia mais. – Eleanor concluiu pesarosa – A *magia* acabou.

- Não sabemos o porquê, mas sim. Com o fim da Era da Magia veio a Era dos

Lobos, e se eu tivesse de me arriscar, diria que Ravonlor não saiu dessa muito bem. Hoje nós vivemos a Era da Paz, mas paz de quem, eu pergunto, Eleanor?

- Onde foi a troca, mãe? Onde se deu o fim da Era da Magia?

- Foi em *Firebird*. – A rainha respondeu.

- *Firebird*? – Alex perguntou.

- Sim. Antigamente era muito comum que os nossos castelos tivessem nomes, era uma forma afetiva de nos referimos aos nossos lares. – Eleanor viu sua mãe suspirar e olhar para cima como quem lembra de um segredo antigo. – *Ravennest* – ela sussurrou para si mesma sorrindo. E então prosseguiu:

- Estorio Theales e Brandon Cantio eram muito próximos. A história é de que a esposa de Brandon, Erin, era uma grande amiga de Estorio desde a infância, de modo que era comum grandes festas e célebres reuniões ao se reverem. Até que houve um baile e *Firebird*, o lar dos Theales, que foi parcialmente destruído num incêndio. Estorio morreu, e Erin, a rainha de Seacantio e última mulher entre a linhagem deles, também. Depois disso seu tataravô foi informado sobre o bloqueio e ameaçado de que se voltasse a negociar com Seacantio independente dos acordos com Solum, nossas entregas de provisões seriam cortadas.

- Então nós somos subornados por Solum? – Alex questionou exaltado.

- Sim e não. – Continuou a mãe de Eleanor. – O incêndio em *Firebird*

marcou o fim da Era da Magia, e com ela, o desaparecimento das fadas. Nossas terras férteis se tornaram menores e menores, e não muito tempo depois, os ataques animalescos começando em Amlívelir nos alcançaram. Nós prestamos um serviço aqui, Alex, de guardar essa fronteira e manter o que quer que esteja do lado de lá, longe daqui, e, portanto, longe de Solum. Eles nos pagam para fazer isso, com provisões que nós não podemos mais prover à grande parte do nosso povo. É um acordo, mais do que um suborno. Nossa terra continua rica em minérios e madeira. Mas não se pode comer minérios e madeira. Com o fim da Era da Magia os duendes também desapareceram, e poucos homens voltam das minas quando vão sozinhos. Muito mais do que canteiros de flores foram perdidos quando a magia desapareceu.

Eleanor estava tentando fazer com que as informações fizessem sentido, mas percebera que apesar de conhecer todos os fatos e resultados que sua mãe lhe contara, não sabia nada sobre o que levava a eles. Sabia que havia uma situação na fronteira, mas não sabia exatamente qual. Sabia que Solum lhes entregava frequentes carregamentos de trigo, arroz, batatas, e outros mantimentos, mas achava que seu pai lhes pagava em ouro por isso. Sabia que toda transação comercial entre Ravonlor e Seacantio deveria ser autorizada por Solum, mas nunca se questionara o porquê.

A constante proteção de seus pais sobre os assuntos sérios e a doutrinação para que focasse no que importava; as boas maneiras; o treinamento para costura; as aulas de gramática, haviam lhe feito aprender coisas que lhe ajudavam, mas que na verdade a distraía dos problemas de verdade.

Entender que negligenciara informações tão importantes porque estava

ocupada demais se revoltando contra seu pai, a fez se sentir uma idiota. Era preciso mais do que respostas sagazes e coragem para enfrentar seu pai, porque não era ele, especificamente, contra quem se levantava, mas todo o sistema que permitia a ele agir conforme agia sem que houvessem consequências. Estavam todos reféns de alguma coisa. Ela era refém de sua teimosia e senso de justiça. Seu pai não era nada além de um presidiário dentro de suas próprias ambições, que também eram limitadas por outra pessoa.

Eleanor olhou para Alex. Queria abortar o plano todo, abraça-lo e nunca mais ir embora dali, nunca mais dar as costas aos bravos *ravonlorians* que diariamente aceitavam suas condições humildes e se submetiam a situações extremas, para que suas famílias tivessem o que comer. Pessoas simples, trabalhadoras e de um coração imenso, como ele, mas que não recebiam sequer o mínimo em troca.

Ela apertou a mão de Alex com força. Sabia que se não fizesse nada para mudar as coisas, em breve Alex seria um desses *ravonlorians*, e o sangue dele estaria em suas mãos se ela pudesse tê-lo salvado, mas não o fizesse. Pigarreando e levantando os ombros ao olhar nos olhos de sua mãe, Eleanor perguntou:

- Qual seu plano, mãe?

- Você vai viajar até Solum, e esperar pelo Festival da Primavera, que vai acontecer em três dias, no sábado. Saindo hoje vai chegar na sexta, pois entre aqui e lá leva um pouco menos do que dois dias inteiros de viagem. Vai se apresentar como Eleanor Raven, e dizer que foi para honrar a corte de Solum,

nos representando. Marius vai reconhecê-la, pois ele frequentou alguns dos nossos últimos bailes, tantos anos atrás antes de pararmos de fazê-los. Você não deve ter muito problemas com isso, apesar de seu pai ter respondido ao convite dizendo que nós não iríamos à comemoração da maioridade de Daniel Theales, que vai acontecer no Festival.

- Com todo respeito, vossa alteza, - interrompeu Alex - aceitar que Eleanor ia se tornar uma foragida e viver por aí com outra identidade, mas por perto, era uma coisa. Lançá-la ao desconhecido, sozinha nas estradas com as vestes e joias de uma Raven é loucura.

- De fato, Alex, você está certo. O que significa que você vai acompanhá-la. – A rainha lhe sorriu. Alex sempre a achara gentil, mas por estar constantemente sobre a vigilância do rei Cornelius, ele nunca pensara que viveria para vê-la dispensando um sorriso a ele: o filho do cocheiro. – Estou confiando a você, Alex, o bem mais precioso de minha vida. Você está apto a esse trabalho?

- Sim, senhora. Eu não vou lhe desapontar. Eleanor estará segura comigo, eu a protegerei com a minha vida.

A princesa não podia acreditar no que estava ouvindo. Sua própria mãe estava mandando que ela fugisse, e ainda escoltara seu melhor amigo e grande amor para acompanhá-la. Se o céu caísse sobre a sua cabeça naquele minuto, Eleanor Raven poderia dizer que morrera tendo visto de tudo.

- Você sempre foi um bom garoto, Alex, foi por isso que quando eu soube que minha Ellie o amava, eu não o mandei cultivar pastos longínquos como

meu pai fez com o homem que eu amava. Não tente me convencer que eu errei em confiar em você.

Eleanor viu Alex assentir e segurou mais forte as mãos dele.

- Para o que são os papéis? – Ela perguntou.

- Você vai encontrar uma forma de ficar a sós com Daniel Theales, e vai contar a ele sobre o plano de seu pai em casá-la com Neil. Vai dizer que não tem intenção de fazer isso, e vai fazer um novo acordo de lealdade com ele, fazendo-o assinar esses papéis que permitem a você governar sem ser casada. Você, minha filha, vai gerir esse reino sem que seu pai te use em seus acordos políticos. Vai ser a sua própria rainha.

- Uma rainha sem rei? – Perguntou Eleanor.

A mãe de Eleanor a abraçou.

- Não, minha filha, uma rainha livre o suficiente para escolher seu próprio amor.

- Papai me mataria. Ele seria preso por conspiração.

- A justiça que seu pai merece recairá sobre ele, sim. Nenhuma liberdade vem sem sacrifícios, essa é a maior lição que posso te passar, Eleanor. Seu pai sabe disso, porque ele sacrificou a todos nós em prol de reinar absoluto. Eu sei disso, porque sacrifiquei meu amor em nome de permanecer na corte. Sua irmã sabe disso, porque escolheu estar aqui e abraçar essas questões reais

como se a vida dela dependesse disso. E você precisa escolher qual sacrifício é menor. O do homem que sempre te prendeu, ou da rainha que pode verdadeiramente governar para esse povo?

Eleanor não queria ter que fazer aquilo. Nunca quisera ser rainha e não achava que seria boa como sua mãe pensava que podia ser. Mas o plano permitiria que ela solucionasse tantas outras questões, tantas outras famílias poderiam ter uma vida melhor, se ela aceitasse que não precisaria tentar salvar a sua própria.

Alex se levantou e colocou a mão sobre seus ombros. As mãos quentes e calejadas que por muitos anos ela se apoiou para montar a cavalo, as mãos que ela ensinara a escrever, e que mesmo não sendo do maior poeta de Ravonlor, lhe escrevia bilhetes e os passava por debaixo da porta em seu quarto. Amava aquelas mãos, amava o dono delas. Saindo de dentro do abraço de sua mãe e olhando para cima, Eleanor encontrou os olhos do dono das mãos quentes que a amparavam e então ela soube que faria o que pudesse para nunca ter que colocar um anel nas mãos de outra pessoa por toda a sua vida.

~ Capítulo VI ~

A herdeira da magia

Quando Ella Theacea e Ina Theacea se olharam naquele campo cheio de camélias, na tarde daquele dia muito longo em que descobriram que talvez seu pai não estivesse morto - mas fosse um desertor da própria família - apesar dos muitos outros pensamentos que ambas tinham percorrendo suas mentes a toda velocidade, nenhuma delas conseguiu pensar em outra coisa além de que o homem que parecia ser uma réplica exata de seu pai, não apenas sabia o nome dele, como também morava dentro de um álbum de selos, onde elas estavam naquele momento.

- Como você sabe o nome do nosso pai, Deacon? – Ina perguntou.

Deacon sorriu. Ele tinha uma certa graça no olhar, como se tivesse esperado por aquele momento por muito tempo e agora tentava se conter pela exultação em finalmente poder vive-lo.

- Faz muitos anos, meninas! Muitos anos... – Ele suspirou – Mas mesmo em séculos eu não teria esquecido do meu querido irmão.

Ina segurou firme na mão de Ella, porque conhecia sua irmã o suficiente para saber o que ela perguntaria a seguir. A frase que sua irmã proferiu quase escapuliu de seus próprios lábios, se Ella não tivesse sido tão rápida.

- Ele está aqui? O meu pai, ele está vivo?

Deacon se aproximou delas e se abaixou para igualar as alturas, o livro azul

aveludado no qual ele tomava notas caiu no chão quando ele se agachou.

- Eu não posso afirmar que ele está morto. Mas sinto muito em dizer que não está aqui. É uma longa história. – Ele fez uma pausa, olhando para o céu que desenhava suas últimas cores alaranjadas no horizonte. - E já vai entardecer! Vocês provavelmente vieram de longe e não podem ficar aqui perdidas no relento. Me acompanhem até em casa e eu explicarei tudo, pode ser?

Ella tinha que decidir ali mesmo naquele momento se confiaria naquele homem que acabara de conhecer. Por tudo que sabia ele podia arrastá-las para o mato e cortar seus pescoços mais rápido do que poderiam dizer “selos mágicos”. Mas não ir significaria nunca descobrir as respostas sobre a carta, sobre seu pai e significaria que também não tinham outro lugar para irem, de modo que a oferta não lhe parecia tão assustadora.

Ina ia se abaixando para pegar o livro que Deacon derrubara, enquanto sua irmã se ocupava em responde-lo, mas Ella tinha suas suspeitas sobre deixar que a pequena se aproximasse além do que precisava de Deacon, então ela mesma se inclinou para pegar o livro de couro azulado e entregá-lo ao seu suposto tio.

Quando seus dedos o tocaram, aconteceu de novo. Ella viu o tempo andar mais devagar, e cenas em preto e branco começaram a passar diante de seus olhos. Era seu pai na maioria delas. Escrevendo cartas e fazendo anotações no livro. Então seu pai se aproximava de uma caverna com cristais, e então a cena cortava para uma torre alta, com uma mesa de pedra redonda muito grande no jardim dessa torre e então seu pai desaparecia. Ella viu um castelo, e Deacon andando por seus corredores, depois Deacon abraçado ao livro

esverdeado. Deacon chorando no colo de um amigo que o consolava.

As cenas passavam com muita velocidade, e se repetiam, se intercalavam com outras cenas de pessoas que Ella não sabia quem eram. Quanto mais as cenas se repetiam menos a primogênita de Gregory Theacea sentia que podia controlar a visão de seus próprios olhos e mais envolvida com as cenas ela ficava. E então, antes que o tempo acelerasse de volta para o normal, tudo ficou preto e Ella foi perdendo suas forças, até desmaiar.

~

Ao descer pelo poço de volta pelos túneis de *Firebird*, Grace recapitulou as informações que acabara de passar ao seu irmão. A maldição dos Cantio. O diário de sua mãe. Ter que procurar Stohlie e então conseguirem encontrar os cristais. As direções de Clarin estavam frescas em sua mente, e ela sabia que precisava começar pela loja de artefatos em Viridi Flumini, mas não sabia como chegar até lá sem que toda a armada de seu pai fosse procurar por ela.

Fora assim que Dan lhe ajudara. Ele havia entendido tudo que ela dissera, e juntos folhearam o diário de Eve. A conexão que havia ali, entre os dois e aquelas páginas, era quase como tocarem a própria mãe novamente. Quando Dan a abraçara, no pé das árvores, logo antes de montar Hermes, seu cavalo, ela soube que nunca poderia fazer o que estava prestes a fazer sem o apoio dele. Se tivesse seguido viagem à Viridi Flumini sem contar a ele, sem conversarem, ela teria ficado louca.

Ele voltaria ao castelo antes, pois estava a cavalo. Grace deveria prosseguir à *Firebird* normalmente, como se nada tivesse acontecido, e participar do baile

sem dar indícios de que qualquer coisa estava errada. Dada a importância da corte de Solum em receber a família Cantio depois de tanto tempo, e a grandeza dos acordos que se desdobrariam a seguir, ninguém haveria de prestar tanta atenção a Dan, pois aquela noite era sobre Grace e Neil. Ele iria organizar uma bolsa de viagem para Grace e preparar Hermes para levá-la. Partiriam à meia noite, depois do baile, na hora mais silenciosa para que ninguém desconfiasse. Teriam toda a madrugada de vantagem antes que amanhecesse e alguém desse falta da princesa prometida.

Andando pelos túneis secretos de *Firebird* com sua lamparina, sentimentos conflituosos dividiam o coração de Grace. De um lado o medo do que poderia acontecer quando conhecesse Neil, por causa do que Clarin lhe dissera, ela não conseguia evitar suspeitar que ele fosse uma pessoa horrível que a desmascararia no ato e colocaria todos os seus planos a perder. Por outro lado, também estava tomada por uma grande determinação em se manter muito controlada e sorridente, escapando dali livre de suspeitas o mais rápido possível para que pudesse então descobrir os segredos de sua mãe, e, com isso, a real causa de sua morte.

A entrada dos túneis para o castelo ficava numa parede de fundo falso, num corredor de fácil acesso pela ala oeste, onde ficavam os aposentos dos serviçais - construídos ali após o incêndio. O corredor ligava os cômodos da criadagem com a cozinha e a sala de jantar; através da qual se tinha acesso ao salão de bailes.

Grace não imaginava que teria demorado tanto a voltar para o castelo. Seu plano original ao sair para a biblioteca era de fácil execução e incluía estar de volta antes do pôr do sol, hora em que os corredores costumavam estar vazios

pois os criados estariam a preparar o banquete para o baile. Agora que estava escuro *Firebird* estava cheia de convidados e pessoas a andar de um lado para outro, e, principalmente, a procurar por Grace.

Dan levava sua capa, com o diário da mãe no bolso interno, escondida dentro da bolsa de couro que ele carregava por toda parte ao sair em cavalgadas. Era a coisa mais sensata a se fazer, pois liberava Grace de um possível interrogatório acerca de por onde estivera, e, caso o rei Marius decidisse investigar Grace, não encontraria o livro que tanto ela como o irmão desejavam proteger naquele momento. Ela decidira, pela primeira vez na vida, dizer a verdade sobre onde havia estado quando escapara dos muros de *Firebird*. Que fora à biblioteca devolver um livro. Ele não haveria como discordar dela, porque não poderia coloca-la de castigo numa noite em que sua presença era a mais importante em todo o castelo.

Já estava muito perto da passagem. Os túneis de pedra começavam a se estreitar ali aonde o painel de madeira cobria o buraco que lhe permitia escapar, grande o suficiente apenas para que uma pessoa passasse por vez. Grace parou em frente à parede, apagando a lamparina e deixando-a ali no cantinho para mais tarde, quando precisasse passar pelos túneis novamente. Encostando a orelha na falsa parede de madeira, ela tentava ouvir se haviam passos no corredor, mas pelo lado do corredor do castelo, uma cortina estava ali para ajudar a esconder a entrada do túnel. Era útil pelo lado de dentro do castelo pois disfarçava a parede falsa, mas uma vez no túnel, a cortina atrapalhava ouvidos atentos, pois abafava os sons mais baixos.

Pela fresta da pouca luz que entrava, no encontro das madeiras, no cantinho onde a princesa sabia que a cortina não escondia, ela viu que embora

iluminado, o corredor não projetava sombras e o único som que ouvia era o toque harmônico de um violão ao longe. Constatando que o corredor estava vazio, ela puxou para si a alavanca no cantinho da parede, e o painel se soltou do resto do portal. Deslizando-o para a direita, ela passou por ele, e, uma vez dentro do castelo, no corredor, voltou o painel para o lugar. Respirando fundo, ela saiu de detrás da cortina, se encaminhando para seu quarto com o queixo erguido.

No caminho para seu quarto, encontrou com alguns serviçais e percebeu o burburinho a respeito da visita dos Cantio já havia evoluído de fofocas rápidas para diálogos inteiros. Fazia muitas décadas desde que um deles havia estado ali, ela ouvia, e da última vez acabara em tragédia. Grace achava absolutamente curioso que seu pai governasse uma terra tão grande em meio a tantos acordos e segredos que até a manhã daquele mesmo dia, Grace não sabia nada sobre.

Astrid, sua dama de companhia, estava parada na porta de seu quarto com as mãos cruzadas na altura do quadril e uma expressão de preocupação. Elas eram amigas desde a infância, mas rei Marius havia pedido à família de Astrid uma permissão para que ela se mudasse para *Firebird* quando Eve morrera, para ser uma companhia para Grace. A princesa a adorava, e era muito bom ter alguém além de Dan para conversar, mas Astrid podia ir embora a qualquer momento, de modo que Grace nunca achava que ela entendia completamente o que significava ser a filha do rei.

- Grace! Meu Deus, você está bem! Graças a Deus. – Astrid parecia afobada, como se precisasse dizer muitas coisas, mas não tivesse tempo. – A família Cantio chegou, e seu pai... ele está furio...

- Olhem bem se não é minha filha querida e teimosa!

Rei Marius irrompeu de dentro do quarto de Grace antes que Astrid pudesse terminar sua fala. Uma capa em um tom de vermelho escuro lhe caia pelos ombros. Grace não tinha certeza se seu rosto estava tão vermelho porque refletia um pouco do tom de suas vestes ou porque ele estava irado. A resposta veio quando ele pegou Grace pelo braço, e a arrastou para dentro do quarto, deixando Astrid sozinha no corredor.

Se você e eu ficássemos perto de Marius, o chamaríamos de alto, isso é fato. Mas perto de Grace ele parecia um gigante, porque ela ia diminuindo à medida que ele gritava.

- Você está tentando me deixar louco nesse castelo, é isso que você está fazendo Grace? – Sua voz reverberava pelas paredes. Antigamente Grace teria tentado acalmá-lo e se explicar, mas ela aprendera que de nada adiantaria, e ele não lhe dava atenção quando ela o interrompia no meio da fúria. Não até que tivesse falado tudo que precisava falar. Dialogar com um rei é uma coisa difícil, pois eles estão muito mais acostumados a serem ouvidos do que a ouvir.

- Será que você não percebe, - continuou ele sem notar que era como falar sozinho – que eu estou tentando salvar um reino aqui? Você tem alguma noção da importância que tem a sua união com Neil? Faz ideia de quantas promessas eu estou quebrando ao arranjar esse casamento? E você nem estava aqui para recebe-lo. Meu Deus, as coisas que eu tive de dizer! Que você estava fazendo a prova de vestido para o baile de hoje! Eu parecia

patético falando de costura com um homem cujo poder sobre Colore nesse momento vai muito além do que você pode imaginar!

- Pai, eu preciso me trocar. – Ela disse simplesmente.

- Ah! Você precisa se trocar! Você precisava ter se trocado, Grace, há duas horas atrás, quando eu te mandei não se atrasar e esperar na entrada principal para recepcionar os nossos convidados quando eles descessem das carruagens! Pelo amor de Deus, o que eu estou comandando aqui? Uma feira livre?

Ele se aproximou dela, agora já sem gritar. Na verdade, Grace observou, parecia um pouco desesperado.

- Se James Cantio sair daqui sem uma noiva para seu filho, Grace, os desdobramentos para nós seriam terríveis. Você não se engane por um momento com essa vida boa que tem. Uma visita breve à Ravonlor te mostraria sobre o que é tragédia de verdade. Nossos banquetes, nossas flores, nossas cores e a nossa vida... Você não sabe o preço disso, minha filha. Não ouse colocar em risco sacrifícios que não foram seus.

- Sacrifícios, pai? Sacrifícios de quem?

- É tarde. – Ele disse com uma mão na cintura e a outra passando os dedos pela têmpora. – Vá se arrumar, ou não haverá baile e a visita deles se tornará um problema.

- É sobre a maldição que você está falando, pai? A maldição dos Cantio?

Marius arqueou as sobrancelhas e olhou para sua filha com atenção. Grace não se lembrava de jamais tê-lo visto olhando-a de igual para igual como ele estava naquele momento, Dan era quem recebia esses olhares.

- O que você sabe sobre a maldição, Grace? Quem te contou sobre isso?

- Ninguém precisaria ter me contado, se você tivesse.

- Minha filha, - ele balançou a cabeça para os lados, como se negasse alguma coisa – essa situação é uma mancha para a nossa história. Não há motivos para sair por aí esbravejando-a a plenos pulmões.

- Pode ser uma vergonha, pai, mas ainda é a nossa história, de modo que eu acho necessário que não continuemos sem conhecê-la. Nem que seja apenas para respeitá-la e evitar que se repita.

Marcus olhou para sua filha de uma forma que não se permitira olhar desde que Eve morrera. Mas ouvi-la ali, tão cheia de sensatez era como contemplar sua falecida esposa. Sua pele não era tão clara como a de Dan, mas exatamente igual a de Eve, tão típica dos habitantes de Solum que passavam tanto tempo nos campos debaixo do sol. Marcus se perguntou como ela podia parecer tão bronzeada, se ficava a maior parte do tempo dentro do castelo, e mesmo Dan, que fazia muitos treinamentos ao ar livre, não era tão bronzeado como Grace.

Havia muita coisa sobre ela que ele deixara de reparar. Com qual frequência ela estava saindo escondida, e como conseguia passar tão despercebida entre

as paredes daquele castelo? O cabelo de Grace solto lembrava ainda mais os da mãe. Eram cor de mel, acobreados, não tão claros como o dele e de Dan. E em seus olhos, a faísca. O resquício do brilho que ele vira apenas em outras duas mulheres por toda a vida.

Sua esposa, Eve. E a mãe dela, Velska.

~ Capítulo VII ~

A loja de artefatos

Ina estava sentada ao lado de uma cama simples de madeira com um colchão fino, que geralmente estaria coberto por uma colcha de retalhos bonita e muito bem-feita, mas, que quando Deacon chegara carregando sua irmã e a colocara na cama, agora se encontrava com a colcha a cobrir Ella.

O quarto onde estavam ficava no segundo andar de uma loja cheia de estantes, artefatos de todo tipo de material e formatos, e um cheiro de incenso. Deacon entrara com Ella no colo, e Ina fora atrás deles, subindo uma escada estreita no fundo da loja, tão preocupada com a irmã que não reparara em muito mais do que isso ao passar pelas portas, mas se lembrava de ter ouvido um pequeno sininho anunciar a passagem deles quando a porta da loja se abriu para que entrassem.

Não haviam andado muito entre o campo de camélias para chegar até uma vila, mas Ina não sabia o que teria feito se seu tio não estivesse lá, porque ela não teria conseguido arrastar sua irmã sozinha. Talvez pudesse ter *desejado* que alguém aparecesse para ajuda-la? Ina passou a mão sobre o rosto de Ella para conferir se ela estava com febre, ou gelada demais, mas era como se ela apenas dormisse. *Acorde, Ella*. Seu coração fez um pedido, e ela queria muito que ele se realizasse, como havia acontecido da última vez.

Se tivesse como voltar no tempo, jamais teria aberto o álbum de selos ou desejado viver aquelas aventuras, porque preferia ter uma vida simples com as aventuras imaginárias que vivia com sua irmã, do que uma vida agitada e cheia de acontecimentos sem Ella. Sua irmã não abriu os olhos ou deu

qualquer sinal de que realizaria o pedido secreto de Ina. Continuava desacordada e imóvel, embora seu peito subisse e descesse com a respiração.

Ina se levantou da cadeira onde estava sentada, ao lado da cama, e foi até a janela. Um céu estrelado e sem nuvens, mas de um tom de azul marinho muito bonito e vívido, o qual ela não se lembrava de ter visto antes, cobria uma pequena vila que crescia em círculos ao redor de um lago não muito grande. O lago, ali um pouquinho mais adiante, se estreitava e seguia em um rio até além do que a garota podia enxergar.

A loja onde estava, Ina percebeu, ficava numa dessas ruas circulares que ladeavam o rio. Toda a vila partia do lago e parecia que alguém jogara uma pedra na água e os círculos que se expandiam do centro formavam as ruas. Era um lugar fresco e calmo. *Mamãe teria adorado*, lhe ocorreu. O vai e vem tranquilo da água, o cheiro de terra molhada da margem do rio, a brisa suave que tocava as folhas das árvores pelas ruas. Se soubesse que Ella não estava em risco, poderia ter até mesmo se permitido sentir um pouco de paz.

- Ina, você quer tomar um chá? Um banho? Tirar um cochilo? – Deacon apareceu no corredor e parou ali no arco da porta, que estava aberta. Assim que as instalara ali, ele saíra correndo dizendo que precisava chamar alguém para examinar Ella, mas pelo que a garota podia ver ele voltara sozinho.

- Não, Deacon. Eu quero respostas. – Ele parecia terrivelmente assustado, como se estivesse a todo tempo tentando se desculpar por ter feito algo de errado. O entusiasmo que demonstrara ao falar de Gregory tinha sumido, e agora ele aparentava ser uma criança que quebrara um enfeite na prateleira onde a mãe lhe dissera para não subir.

- Venha comigo, filha de Gregory. Eu vou te explicar tudo. – Ele chegou pro lado e desbloqueou a passagem da porta. Ina não queria deixar sua irmã sozinha, mas para encontrar uma forma de acordá-la, precisava entender por que ela havia desmaiado, e, naquele momento, ela não tinha essas respostas.

A garota reuniu coragem em cada osso de seu pequeno corpo, e, pensando na bravura de Dorothy, Alice e Lucy, as suas heroínas favoritas que a acompanharam por todas as aventuras ao longo dos seus curtos 13 anos de vida, ela o seguiu.

A iluminação dos corredores era de uma luz fraca de duas lamparinas que ficavam penduradas na parede de madeira. O corredor era estreito, e depois de passarem em frente duas portas fechadas, entraram por uma porta aberta. Uma mulher vestida em rosa claro estava parada com seus cabelos cacheados, meio grisalhos e meio pretos ao lado de uma mesa baixa no centro da sala, onde um garoto forte e magro, alguns anos mais velhos que Ella, estava sentado numa almofada do chão. Ele bebia chá numa xícara que eventualmente colocava sobre a mesinha e parecia inquieto, passando a mão pelos cabelos ruivo escuro com certa frequência.

O aroma do incenso era mais fraco ali, mas um cheiro leve de camomila se fez notar. Ina olhou a mulher nos olhos. Já a vira antes. Na última carta que seu avô recebera, um selo com uma pintura dela tinha vindo colado. Ela parecia mais jovem no selo, mas Ina se lembraria em qualquer lugar no tempo, porque cada vez mais e mais seu cérebro tentava juntar as informações e fazer sentido da carta e das histórias de seu avô, para que, de alguma forma, ela encontrasse uma forma de ajudar Ella. Além do estado

máximo de concentração em que se encontrava ela também teria reconhecido as orelhas levemente pontudas em qualquer lugar.

Deacon pigarreou.

- Mãe, essa aqui é a filha mais nova de Gregory, Ina. – Ele apontou para a garota, e então, olhando para Ina, continuou – Ina, essa aqui é a sua av...

- Velska, - Ina disse se aproximando, para a surpresa de todos. – Muito prazer.

- Você sabe quem eu sou? A mulher de cabelos quase grisalhos lhe perguntou, com as sobrancelhas arqueadas.

- Eu vi um selo seu. Numa carta que meu avô recebeu. Você é minha avó, meu Deus, eu ouvi tantas histórias sobre você! Foi você quem o ensinou a plantar camélias. - Por um minuto a garota quase se esqueceu de que sua irmã estava desacordada no fim do corredor. – Onde estão as suas asas? - Ina não sabia que ela era uma fada pelas histórias. Seu avô nunca dissera isso. Mas tendo visto o selo e encarando-a ali era impossível não sentir um tipo de energia diferente.

Velska a olhou com um sorriso triste.

- Faz muitos anos que eu abri mão delas, minha querida.

- Você abriu mão delas? – Ina não podia acreditar - Quer dizer que você não é uma fada?

Antes que Velska pudesse responder, o garoto ruivo que estava sentado no chão bebendo chá se levantou e se aproximou delas.

- Oi, eu sou o Thomas! Seu tio.

- Meu tio? Você não tem idade para ser meu tio! Você é muito novo!

Thomas riu e seus olhos castanhos se apertaram junto com o arco dos lábios, fazendo seu rosto todo sorrir em conjunto. Ele tinha um tom de pele mais escuro que Velska e Deacon, era mais bronzeado e seus olhos eram mais redondos, enquanto os da mãe e do irmão tinham um cantinho mais acentuado, como gatos. Seus cabelos eram de um castanho médio que puxava para um ruivo escuro.

- Ou o seu pai que era velho demais? – Ele piscou, como se estivesse se divertindo bastante. *Era*. Ina observou. Ele se referia a Gregory no passado. – Deacon, traga um chá para a menina. – Thomas concluiu.

- Traga você um chá para a menina, Thomas. Eu já a trouxe até aqui, não é mesmo? Há muito que preciso contar a ela. – Os olhos de Deacon brilhavam.

Thomas apontou para si, e depois para o corredor. Fez um sinal de beber com o polegar em direção aos lábios e depois saiu.

- Nós precisamos contar. – Completou Velska.

O livro de couro azul aveludado que Deacon derrubara e Ella tocara estava

em cima da mesinha. Deacon se aproximou dele, desenrolou a fita de couro que o matinha fechado, abrindo-o numa página com um mapa. Velska sentou-se ali em uma das almofadas ao redor da mesinha, fazendo um sinal para que Ina a acompanhasse.

- Posso tocá-lo? – a garota apontou para o livro.

- Sim, Ina. *Você* pode tocá-lo. – Velska pousou a palma de sua mão em cima do mapa e o acariciou de leve, como que para mostrar que não havia perigo. Ina sentou-se ao lado de sua avó e relutantemente aproximou a ponta do dedo indicador do caderno. Quando seu dedo tocou no papel amarelado nada aconteceu.

- Por que ele não nos faz mal, mas fez mal à minha irmã?

- Ainda não posso afirmar com certeza, querida, eu preciso que ela acorde primeiro para saber se o objeto lhe mostrou coisas antes dela desmaiar. – Velska pigarreou e se ajeitando na almofada, continuou – As mulheres da nossa família, Ina, elas costumam ter... *talentos*. *Você* já experimentou alguma vez na sua vida um acontecimento que não pôde explicar por argumentos racionais? Nada além de *mágica*?

- Sim. Quando nós viemos para cá. Eu simplesmente *desejei* que as histórias da minha imaginação, que as fadas, fossem reais. Eu me concentrei nelas e desejei e então o livro do meu avô se abriu e nós estávamos aqui.

Ina usava as mãos para explicar o que dizia. Era notável o quanto estava nervosa. Velska confirmou com a cabeça, concordando com ela.

- *Muminah*? – Perguntou Deacon olhando para sua mãe – É possível? Depois de todo esse tempo.

- Mesmo antigamente elas eram muito raras, Deacon. Mas... – Velska semicerrou os olhos – vá até o quarto onde a irmã dela está e espere que ela acorde, meu filho. Algo me diz que não vai demorar muito.

Deacon se levantou sem questionar e saiu pelo corredor, não parecia em nada com o homem que há poucos segundos quase discutira com o irmão para poder estar ali. De um modo geral Deacon parecia bem perdido e aéreo, mas na presença de Velska ele prestava atenção a cada palavra que a mãe dizia, como se fossem as leis da vida dele, era como se não houvesse nada para ele acima da palavra de sua mãe.

Velska e Ina estavam sozinhas em volta da mesinha, sentadas sobre as almofadas com o livro aberto.

- *Muminah*. - A garota soltou a palavra no ar, e foi quase como se se a atmosfera estivesse esperando pelo som de sua voz. - O que significa? – perguntou Ina

- Quando sua irmã desmaiou, Ina, você desejou que ela acordasse?

- Sim, mais do que tudo. Eu quis tanto.

- O que fez de diferente? O que fez de diferente quando o livro as trouxe até aqui e quando desejou que Ella acordasse?

Ina não respondeu imediatamente. Não sabia o que havia feito de diferente. O livro estava aberto sobre a mesa e então Ella lhe perguntara se ela gostaria que as fadas fossem reais, e ela disse que sim.

Ela disse que sim. Ela *disse*. Proferira em voz alta seu desejo.

- Eu disse em voz alta! - A constatação fez com que seu cérebro trabalhasse aceleradamente - Quando o livro nos trouxe até aqui, eu *pedi* em voz alta que a magia fosse real. Quando eu desejei que Ella acordasse eu apenas desejei, mas não *disse* que ela acordaria.

Velska acenou afirmativamente com a cabeça.

- As *Muminah* são uma categoria muito antiga de fadas, Ina. É curioso que você esteja aqui agora, minha querida. Pois há muitos séculos uma delas não aparecia, e se há algo de que vamos precisar nesses tempos é de fé.

- Fadas? Você acha que *eu* sou uma *fada*? – Ina riu. – Isso é impossível.

- Não é apenas possível como altamente provável, Ina. Você é minha neta e eu sou uma fada. Minha mãe foi uma fada, e a sua tia, minha filha, também foi. Como eu disse, as mulheres da nossa família têm certos talentos. É muito mais uma questão de descobrir *qual* o seu, muito mais do que *se* você possui algum.

- Você não tem mais asas, mas ainda é uma fada? – Ina estava muito concentrada tentando entender como sua mãe e seu avô, as pessoas que mais

confiara por toda a vida, poderiam ter mentido para ela. – Espere, minha *tia*? Quantos irmãos meu pai teve – ela se corrigiu rapidamente - *tem*?

- Três. Seu avô e eu tivemos quatro filhos, Gregory, Eve, Deacon e Thomas.
– Velska colocou a mão no coração.

Antes que pudesse continuar, Ina a interrompeu.

- Nenhum deles sabe sobre Thomas. Sabe? – A voz de Ina não foi mais que um sussurro.

Os olhos de Velska se arregalaram. Uma lágrima solitária rolou pelo seu rosto quando ela abaixou a cabeça e apertou os olhos num lamento silencioso.

- Como você... A carta. Você leu a carta. – Ina fez que sim com a cabeça. – Não, Ina, nenhum deles sabe sobre Thomas, - sua avó fez uma pausa e o que se seguiu foi quase uma súplica - ou devem descobrir por enquanto. Eu espero que você possa guardar esse segredo.

- Não é o meu segredo para contar, Velska. – O coração de Ina batia muito rápido e ela estava muito confusa, mas, de alguma forma, era quase como se pudesse sentir a dor de Velska naquele momento. Ela teria feito qualquer coisa para que pudesse parar o sofrimento daquela mulher. Sua mãe sempre dizia que a maior força de Ina era se lembrar de ser gentil, mesmo quando as pessoas não pareciam merecer.

- Eu agradeço. E pretendo explicar tudo muito em breve, mas antes acho que sei uma forma de acordarmos sua irmã. – Ina estava prestando atenção, era o

motivo pelo o qual confiara em Deacon para leva-las até lá

– *Muminah*, - continuou Velska - significa aquela que acredita, Ina. O poder que você tem foi confiado a poucas mulheres ao longo da história, e me faz confiar muito em você. Quer dizer que a magia a sondou e o seu coração está cheio de bondade, e fé. Quando você acredita nas coisas, de todo o seu coração, e fala sobre elas como se já fossem verdade, antes de serem, elas acontecem.

- Falar sobre coisas que não existem? Mas esse lugar aqui, – Ina olhou ao redor – todo esse lugar onde estamos... eu não o criei. Eu simplesmente acreditei nele. Ele já existia.

- Sim, ele já existia. O tempo para nós, e principalmente para uma *Muminah*, é uma coisa muito relativa, Ina. Colore já existia, mas você não sabia disso quando acreditou e desejou que existisse, de modo que embora no futuro ele e você viesse a coexistir, no momento em que você acreditou ele não era tangível a você. O único motivo pelo qual você está aqui, Ina, é porque acreditou que poderia estar.

Velska apontou para o mapa aberto. Era uma terra cercada por águas e montanhas, com uma floresta a leste e montanhas ao norte. Cinco nomes maiores delimitavam as divisões das porções maiores de terra.

Alba, Amlívelir, Ravonlor, Solum e Seacantio.

– Minha neta, o que eu vou te contar agora muda todas as coisas.

Ina olhou para o caderno com atenção e passou a mão com gentileza sobre o mapa. Sentia uma forte conexão com aquele lugar, como se já o conhecesse de antes, mas não pudesse se lembrar de onde.

- É a triste história sobre o fim da magia.

~ Capítulo VIII ~
Chapeuzinho branco

Eleanor não conseguia se lembrar qual fora a última vez que saíra além dos muros de *Ravenest*. Amara o nome de seu lar. Entre todas as coisas que sua mãe lhe contara, sabia que uma das que levaria mais vivas em sua mente era as informações sobre seu lar.

Ravenest. Pronunciá-lo era como sentir o abraço do aroma de pinho nas florestas ao redor, e a brisa leve que lhe soprava música quando ela cavalgava com Genevieve ao pôr do sol. Sua mãe tinha razão, era importante nomear seu lar, para que quando estivesse longe se lembrasse de para onde ainda podia voltar.

A rainha se despedira de sua filha com um abraço e desejos de boa sorte. Colocando no dedo anelar de Eleanor um anel de cristais em que as pedras se organizavam no contorno de um corvo. Para mostrar à corte de Solum, que há anos não a via, quem ela era. Além disso, havia um vestido de baile, e brincos em pedras preciosas, o envelope com o acordo que Eleanor deveria selar, e uma capa para se proteger do frio à noite.

Alex fizera sua mala às pressas, levando apenas um saco com moedas, alguns pães e frutas que a rainha pessoalmente enrolara em uma pequena toalha e entregara a ele, uma capa, um arco e uma aljava com flechas que ele já portava em suas costas. Era sua arma favorita e ele se tornara especialista nela há quase uma década, quando ainda tinha 11 anos e sua mãe engravidara novamente de seu irmão mais novo, Jake. Alex havia levado coelhos para fortalecer sua alimentação e garantir que seu irmãozinho nasceria bem. Uma

vez conseguira flechar um cervo, com o qual sua mãe fizera ensopado por uma semana.

Ele não se despedira de nenhum deles, mas pedira à rainha que dissesse ao seu pai, o cocheiro real, que ele estava bem. Alex já havia entrado em todo tipo de aventuras com Eleanor, mas não se lembrava de uma que talvez terminasse em seu enforcamento, caso fracassasse. O pai de Eleanor já o havia punido sem salário por uma semana quando descobrira que Alex estava saindo escondido com a princesa para cavalgar, tirando-a das obrigações para ir visitar cachoeiras.

Felizmente para Alex, aquele havia sido apenas um, entre as centenas de passeios que eles fizeram nos quais foram apanhados. Ele tinha 17 anos e ela 13, fora apenas há quatro anos atrás, mas ele tinha a sensação de que acontecera antes dele nascer, pois a lembrança gostosa de ver a sempre mal-humorada e resmungona Eleanor sorrindo e jogando água nele quando eles entraram na cachoeira, era uma de suas cenas mais felizes por toda a vida.

Naquele dia Alex percebera que gostava de Eleanor muito mais do que como companheira de aventuras, mas também tinha fortes sentimentos em querer vê-la feliz e cuidar dela. Não se esquecia das vezes em que precisava entrar no castelo para entregar mensagens ou substituir lacaios doentes e passava pela princesa dentro de cômodos com mesas largas, debruçada sobre livros. Quando ele tinha 16 anos ela o ensinara a ler, e na véspera do aniversário dela de 15 anos ele a levava para aprender a manusear o arco, pois Eleanor tivera apenas aulas de esgrima com seus tutores.

Era impossível se lembrar de uma vida onde ela não estivesse, porque entre

as responsabilidades em ajudar seu pai com o sustento da família e tentar protegê-los da fome, Alex trocara seu bandolim por um arco, para caçar em seu tempo livre, e trocara a flauta que seu pai lhe passara, uma herança de seu avô, pelas selas e arreios, de modo a cuidar dos cavalos e poder colocar mais comida na mesa. Entre todas essas coisas, ter a companhia de Eleanor, o brilho da curiosidade e a irreverência de suas paixões era o que alimentava nele uma esperança de que havia mais na vida do que apenas servir ao rei e sustentar a família. Dava pra encontrar formas de ser feliz fazendo isso.

Dava para rir de coisas bobas, dançar no meio das cachoeiras e ficar alegre em ter um cúmplice. Eleanor tinha um tipo de olhar para as coisas que lembrava a Alex de uma coisa da qual ele sentia muita falta: ela dançava sem música e fazia seu próprio ritmo quando desejava.

Vinha de uma entre muitas famílias de músicos que tinham sacrificado sua arte em prol de sobreviver. Os instrumentos de seus antepassados, que em certo momento foram passados a ele quase que como contrabandeados, se encontravam guardados em um baú no quarto de seus pais. Às vezes Alex parava para escutar o vento e o canto dos pássaros. Sentia que se colocar ali pra ouvir a natureza e encontrar sua harmonia era o que o direcionava dentro de seu próprio caminho.

Era como se seu ouvido estivesse programado para ouvir a música, mesmo quando ela parecia cantar escondida nas tarefas do dia a dia, e a única coisa que permitia a ele que ouvisse a si mesmo era se atentar para a melodia oculta em todo o resto. Por isso, sempre que via Eleanor dançando, era como se um cadeado se destrancasse em seu coração, permitindo que ele não só a amasse pelo que via e conhecia dela, mas também pelo que ouvia: o toque de seus

pés no chão, a risada que saía tão de dentro que ouvi-la era quase uma prece, de tão íntima, o barulho de seus cabelos voando enquanto ela cavalgava. Eleanor tinha muitos sons, e Alex amava cada um deles, e a amava mais por eles.

A noite já caía sobre eles. Com a lua cheia, o caminho por onde subiam era visível, mas não tanto aos lados da estrada, por causa da vegetação fechada que os cercava. Estavam a alguns quilômetros de distância da bifurcação que pegariam para chegar até a vila mais próxima de *Ravenest*: Harpia. Eleanor viera calada por todo o tempo desde que deixaram a cozinha de seu lar, com a promessa da rainha em ganhar-lhe algum tempo e convencer ao rei que Ellie havia decidido prestigiar Dan Theales, indo representar a corte Raven em seu aniversário.

- Posso perguntar quais pensamentos te afastam para tão longe de mim? – Ele perguntou por cima do trotar espaçado e rítmico dos cavalos em que montavam, ele em um e ela em outro.

A princesa riu, mexendo os cabelos por cima da capa branca que lhe protegia do vento. Adorava a forma sempre carinhosa, mas muito respeitosa com que ele se dirigia a ela.

- Eu estou pensando em um nome. Vamos precisar parar daqui até lá, vamos passar por vilas e povoados e possivelmente encontrar pessoas nesses lugares. Eu não quero que saibam que sou *Eleanor*, a princesa.

Haviam saído a galope no pôr do sol, e pararam há pouco para dar água aos cavalos. Eles agora não cavalgavam mais, e na vontade de conversar com

Eleanor, Alex aproveitou a calmaria e o trote sossegado para tentar desvendar os pensamentos de Eleanor, eram muitas informações, e principalmente o fato de que sua liberdade custaria a possível prisão de seu pai seria uma realidade difícil de lidar. Alex planejava ajuda-la conforme pudesse.

Sob a luz do luar ela ficava ainda mais bonita, como se um brilho místico a contornasse.

- Como Ellie? – ele perguntou.

Eleanor balançou a cabeça de um lado pro outro em negação.

- Não. Nada que fosse tão infantil ou soasse ingênuo, - ela respondeu - mais como um nome que fosse só meu e com o qual eu pudesse construir a minha própria identidade.

Alex tomou as rédeas com mais firmeza e ergueu o pescoço em alerta, olhando de um lado para o outro. Estavam ladeados por árvores dos dois lados, ao longe Alex ouvia o som de águas correndo em algum lugar. Ele empunhou o arco com uma mão e alcançou uma flecha na aljava em suas costas com a outra.

- O que foi, Alex? – Perguntou Eleanor se virando para conferir.

- *Shhh.* – Ele fez muito baixo. A brisa leve na copa das árvores ainda balançava as folhas de leve. No céu, a sombra de um pássaro se fez ver. Alex olhava para a mata com atenção, de modo que não viu o pássaro, mas ouviu o bater de asas por cima de sua cabeça. Seus sentidos estavam muito aguçados,

por um segundo foi como se ele ouvisse cada som existente ao seu redor, e sabia que algo no ritmo desses sons estava diferente de antes.

Eleanor se virou de repente. Saindo da mata, em sua direção, havia dois homens vindo em um cavalo.

- Eleanor, vá. – Ele disse simplesmente, com o arco preparado.

- Eu não vou deixar você, está louco?

- Faça o que eu estou dizendo, por favor.

Eleanor não se mexeu. O cavalo dos homens era de um pelo claro, e vinha muito devagar, como se mal pudesse suportar o peso. Saíram de dentro da mata, já se aproximando muito, de modo que olhando para trás na estrada por onde vieram, Eleanor e Alex não poderiam tê-los visto chegar.

O que estava atrás, na garupa, escorregou com facilidade pela anca do animal e se colocou de pé. Era muito magro e não muito alto, usava umas roupas sujas de terra e levemente rasgadas nas extremidades, uma barba grande preenchia seu rosto, acentuando ainda mais as bochechas cadavéricas e as olheiras fundas. Eleanor teria achado que era um zumbi, se sua pele fosse branca, mas não era. O homem diante de seus olhos era negro e estava vivo, embora não aparentasse totalmente.

O outro, que conduzia o animal, manteve um olhar sério, e não se mexeu. Eram muito parecidos, ele era igualmente magro, embora mais forte. De sua cintura, escorregando pela perna e tocando no dorso do animal, uma bainha

com uma espada de um lado, e um pequeno machado do outro.

- Vocês também viajam. – Disse o magro que havia descido do cavalo – Tem o que comer?

Eleanor estava chocada. Piscou repetidas vezes, porque uma súbita vontade de chorar lhe inundou. Sabia que as coisas estavam ruins pelas terras de Ravonlor, mas quanto mais coisas ouvia, menos permissão de sair do castelo ganhava. Nunca teria imaginado que estavam *tão* ruins. Aquele homem era um dos seus. Como futura rainha era sua obrigação se preocupar com ele, que dependia e confiava nela para proporcionar condições de sobrevivência.

Alex não abaixou o arco. Quando ela fez menção de abrir a boca para responder ao camponês, Alex fez um não sutil com a cabeça de cima do cavalo ao seu lado, e ela se manteve quieta.

- Suba de volta, Colin. – O mais forte, montado no cavalo, ordenou com uma voz paciente e, de alguma forma, quase que sedutora. Suas roupas estavam manchadas de preto do que parecia ser algum tipo de terra preta e ele tinha o braço muito peludo. Não desviou os olhos de Eleanor em nenhum momento, e percorria seu corpo com o olhar de cima à baixo.

Colin não montou o cavalo. Mas deu dois passos à frente, se aproximando da princesa.

- Mas eu estou com fome. – Colin disse com um gesto de mãos e um dar de ombros.

Eleanor pigarreou.

- Temos pão. Eu vou dá-lo a você.

Colin começou a chorar no lugar onde estava e se virou para o outro, montado no cavalo atrás dele.

- *Pão*. Ela vai nos dar *pão*. Muito obrigado! – Ele completou se virando de volta para Eleanor.

A princesa desceu do cavalo, escorregando pelo lado do animal que se aproximava de onde Alex estava. No movimento, ela sentiu o couro do cinto que prendia a bainha com sua espada roçar pela pele.

- Você está louca. – Ele disse em voz baixa quando ela começou a mexer na bolsa dele, pendurada no pescoço do animal que Alex montava. – Não devia ter feito isso.

- Ei, camarada. Que tal baixar esse arco? – Disse o outro homem colocando a mão sobre a bainha, como quem dá um aviso.

- Que tal – Alex respondeu detrás do arco – você pegar o pão e dar meia volta?

Eleanor se aproximou de Colin com o embrulho do pão e uma maçã em mãos. O homem no cavalo, com as roupas manchadas de terra preta, desceu de sua montaria e deu um passo à frente, ainda com os olhos em Eleanor. Alex respirou fundo, mudando a direção da flecha de Colin para ele.

- Que anel bonito você tem. – O homem da espada disse à Eleanor com uma voz grave e macia quando ela estendeu a mão para entregar o embrulho à Colin. As sobrancelhas dele era tão grossas que quase se encontravam uma com a outra perto do nariz – Qual é seu nome? – Ele perguntou. Sua boca se curvou num sorriso e Eleanor viu grandes dentes se esconderem por detrás dos lábios.

Eleanor deu um passo para trás, sem virar as costas para eles. *É pra lembrar da minha família melhor*, ela respondeu mentalmente enquanto seu coração batia tão forte dentro do peito que ela podia ouvir o ritmo das próprias batidas. Colin mordeu o pão, e mais lágrimas desceram por seu rosto quando ele se aproximou do homem com o machado dizendo *Pão, ela nos deu pão* repetidas vezes.

O homem com o machado deu mais dois passos à frente, se aproximando tanto de Eleanor que ela sentiu seu cheiro de suor e uma mistura de madeira de carvalho com carvão.

- Fique onde está, *camarada*. – Alex atirou uma flecha em direção ao homem com o machado no cinto. Ela passou zunindo ao lado do rosto dele, quase triscando na barba. – Da próxima eu não vou errar. *Nora*, - ele disse em direção à Eleanor com autoridade - monte seu cavalo. Agora.

Colin esbugalhou os olhos e chamou pelo homem do machado como quem suplicava.

- Irmão, vamos embora. – Mas o homem com o machado nem se virou para

olhá-lo. Eleanor sentiu um aperto na boca do estômago quando ele repetiu o nome pelo qual Alex a chamara.

- *Nora*. Que nome bonito você tem. - O irmão de Colin agarrou o braço de Eleanor com um movimento rápido e a prendeu pelo pescoço, colocando o corpo dela na frente do seu. – Que bom saber dele, assim posso te chamar melhor. *Hã-ah*, bonitão. – Ele disse em direção à Alex enquanto desembainhava o machado e aproximava a lâmina prateada do pescoço de Eleanor. – Abaixе esse arco agora, ou a garota e eu vamos dar uma volta, para que eu mate uma outra fome. – O homem com o machado mostrou os dentes amarelados num sorriso, satisfeito com sua própria sugestão, e então sussurrou no ouvido de Eleanor – É uma capa muito macia que você tem, imagino o corpo que esconde por baixo.

As lágrimas de Colin passaram de alegria para desespero quando mesmo sem ouvir o que o irmão dissera a ela, ele viu lágrimas rolarem pelo rosto da garota que fora gentil o suficiente para alimentá-lo. O franzino e impotente Colin se aproximou do irmão com cautela.

- Connor, olhe para mim. Você prometeu. Já temos comida, vamos.

- *Connor*, - disse Alex num tom de aviso – faça o que seu irmão está dizendo. Solte-a e vá embora e nada lhes acontecerá.

Connor deu um passo para trás, arrastando Eleanor contra seu corpo. Antes que se movesse novamente, um crocitar alto se fez ouvir por entre as árvores e um bater de asas se seguiu. Um corvo voou por sobre eles e atacou o capturador da princesa, dando a ela tempo suficiente para morder no braço

que a sufocava, e escapar.

Eleanor desembainhou a espada e se colocou em posição de defesa, o gosto do sangue amargo que tirara de Connor na mordida ainda estava em seus lábios. Connor já se livrara do corvo, jogando-o por sobre o ombro num movimento violento, e indo em direção a ela novamente. Ele largou o machado e empunhou a sua própria espada. Alex flechou seu ombro, e desceu do cavalo, indo em direção a Connor com uma nova flecha em posição.

Colin largou o pão no chão, aturdido, enquanto chorava e implorava ao irmão que parasse, mas sem resultados ele desistiu e correu de volta para a mata com seu corpo fino, que tremia.

- Mas que coragem exemplar você tem. – Connor disse para Eleanor limpando contra a camisa o sangue que escorrera de seu braço depois da mordida, e então tirando a flecha de seu ombro com a mão livre. Alex já estava próximo o suficiente, a apenas dois passos de Eleanor. Connor percebeu que estava em desvantagem, e ao invés de desferir o golpe da espada contra Eleanor, conforme ela esperava, avançou contra Alex, que lhe atirou outra flecha e deu um pulo para trás quando o homem manejou a espada em sua direção.

A flecha acertou Connor na clavícula, fazendo-o berrar agudamente, quase como um uivo.

– Não deviam ter-me feito sangrar, *camaradas*. Eu tenho um certo gosto pelo sangue.

A princesa sabia que num embate corporal em que seu oponente tinha uma espada e Alex tinha um arco, Alex poderia sair gravemente ferido, ou morto, por isso antes que o homem pudesse desbravar um novo golpe contra Alex, ela, com a espada em riste, penetrou a lateral da costela de Connor com o metal gelado, e a retirou rapidamente. A lâmina saiu pingando sangue.

Connor caiu de joelhos e soltou a espada que segurava em sua própria mão.

- Que pena não ter podido te comer melhor. – Ele suspirou com os grandes olhos vidrados em Eleanor, quando seu corpo tombou para o lado e ele respirou pela última vez.

A princesa soltou a espada manchada, como se de repente ela tivesse criado consciência do poder que aquele pedaço de metal forjado lhe dava. Não se sentia digna de decidir pela vida de alguém e estava assustada por ter sido levada a escolher entre a sua e a de outra pessoa, porque nunca pensara que precisaria ser ela contra alguém, mas sim a favor. Fora educada para ficar a favor de seu povo.

- Alex, eu... – Ele estava tão próximo dela que só precisou dar um pequeno salto para estar ao seu lado, e então a abraçou. Ela enterrou o rosto em seu peito e ficou ali por quase um minuto inteiro, enquanto sua respiração voltava para o lugar.

- Já passou. – Ele disse acariciando os cabelos dela.

Ela se afastou dos braços dele, olhando para o corpo ensanguentado do

homem que a atacara. – Precisamos enterrá-lo. – Ela disse se afastando de Alex de repente – Não podemos deixa-lo aqui.

Ele teria esperado que ela se prostrasse no chão e começasse a chorar, ou decidisse voltar pra casa e esquecesse dos seus planos originais. Esperava várias coisas, mas não esperava aquilo. Talvez ela estivesse em choque.

- Tudo bem, - ele disse simplesmente, olhando-a com atenção – vamos enterrá-lo.

Ela tirou a capa branca que lhe cobria os ombros, jogando-a no chão e rolando o corpo de Connor por cima dela depois de fechar os olhos dele.

- Eleanor, essa é a sua capa favorita. – Alex disse passando as mãos pelos olhos e suspirando. – O que você está fazendo?

- *Nora*. – A princesa respondeu. – Nora é melhor. E eu não quero mais a capa.

Alex acenou com a cabeça, concordando silenciosamente. Nora foi até onde o corvo estava e se abaixou, pegando-o entre as mãos. Ainda respirava, sem ritmo e enfraquecido, mas respirava.

- Está vivo. – Ela disse gentilmente, e então começou a chorar.

Alex se abaixou ao seu lado e pousou a mão sobre o ombro dela com gentileza.

- Eu sinto muito. – Ele disse.

- Tudo bem. – Ela respondeu entre as lágrimas – Ele vai ficar bem, vai voar outra vez.

- Não, Eleanor. Eu sinto muito pelo ataque. E pelas coisas que aquele monstro te disse. E por não ter sido capaz de protegê-la como você merecia.

- *Nora*. – Ela suplicou por debaixo das lágrimas enquanto acariciava o corvo com a pontinha dos dedos. – Por favor.

Alex assentiu.

- Tudo bem, *Nora*. Você acha que Connor era mal mesmo, ou estava apenas com fome?

- Colin estava apenas com fome e não nos atacou. Nós já havíamos dado pão a eles, *minha bela*, o que mais ele queria? – Alex disse com um dar de ombros – eu acho que você salvou a minha vida. O porquê precisou salvá-la não me importa.

Ela fez que sim mexendo com o pescoço, e, secando as lágrimas, se levantou. Tirou um pedacinho do pão que ficara jogado no chão e o deu ao corvo, repousando-o com delicadeza no chão antes de se levantar. O cavalo em que Colin e Connor vieram montados ainda estava por ali e se aproximou deles, comendo o pão que sobrara e a maçã que também estava caída por perto. Alex prendeu os dois cavalos nos quais saíram de *Ravenest* em uma árvore na beira da estrada.

- Me ajude a arrastá-lo, Alex. – Ela apontou para o corpo de Connor jazendo por cima da capa branca, agora manchada de sangue.

Eles seguraram a capa, um de cada lado, arrastando-a com o corpo para a floresta enquanto uma trilha de sangue ficava pelo chão por onde passavam. Andaram por um pouco de tempo e Alex perguntara a Nora duas vezes se ali já era o suficiente, mas ela dizia que precisava ser no lugar certo.

Ali perto, num pequeno espaço em que as árvores cresciam mais separadas, quase como uma minúscula clareira, Nora disse que o lugar parecia apropriado e eles pararam. Ela enrolou a capa ao redor do corpo, para escondê-lo, mas a capa estava muito encharcada e suas mãos ficaram sujas, Nora as limpou na barra da calça, por dentro da bota, e então cobriu o corpo com galhos e folhas.

- Devíamos dizer alguma coisa? – Ela perguntou a Alex.

- Ele tentou nos matar, Nora, não merece nenhum ritual elaborado.

- O velório não é para o morto. Eu tirei a vida desse homem, independente de quem tenha sido em vida, quem carrega o peso de sua morte agora sou eu, Alex.

Alex respirou fundo e olhou para cima, reflexivo. Ele poderia viver com aquela culpa, com o peso em escolher viver quando o preço era matar, Eleanor era sua garota inocente, nunca deveria ter que passar por isso. Odiava que ela tenha tido que fazer aquilo e não ele.

Uma melodia saiu por entre os lábios dele, que cantava uma música numa língua que Nora não reconheceu. Ela, a estudada e instruída por entre os livros, estava curiosa e tocada pelo que quer que fosse que ele recitava. Nora o abraçou, grata por não ter que passar por aquilo sozinha. A música dele era serena, como um lamento, mas deixou-a mais relaxada, sentindo que ele a entendia.

Ali entre a mata fechada quase não ventava, por isso Alex estranhou quando começou a ouvir uma brisa, porque a clareira tinha uma abertura na copa das árvores, mas não grande o suficiente para que as folhas se movimentassem e os galhos fizessem barulho. Era quase como se a natureza tivesse se juntado a ele em um murmúrio coletivo que soava triste, mas que encheu o coração da princesa de paz.

- Alex! - ela disse segurando seu rosto entre as mãos enquanto ele cantava, com os olhos fechados. Na abertura entre os galhos altos das árvores um pequeno fecho da luz do luar os iluminava. Nora não conseguia sentir remorso pelo homem que matara, ou pela parte de si que morrera junto com ele, porque olhando para Alex naquele momento tudo que ela conseguia pensar era que ele estava vivo e ela o amava. Como ele era lindo! – Alex! – Ela repetiu, e ele abriu os olhos, olhando pra ela e então se calou.

Nora apontou para o lugar onde haviam colocado o corpo de Connor. Ainda estava cheio de galhos e folhas por cima do volume envolto na capa vermelha escura, que outrora fora muito alva como a neve.

Alex seguiu a ponta do dedo de Nora, um pouco lento, como se tivesse acabado de despertar de um sono. Nem Alex nem Nora acreditaram no que

seus olhos estavam vendo. Por cima do túmulo que haviam cercado de galhos, uma tulipa branca nascera e se desabrochava bem diante dos seus olhos.

E nenhum deles viu, e talvez fosse tarde quando descobrissem, mas o corpo peludo do homem que os atacara, enrolado na capa branca agora alvejada, escondido de olhares que mesmo se vissem, não entenderiam, era agora o cadáver de um grande lobo.

~ Capítulo IX ~

Claire de Lune

Quando Grace se olhou no espelho mal pôde acreditar que o reflexo por dentro do vidro era ela mesma. O último vestido tão bonito que usara fora há mais tempo do que podia se lembrar. E aquele, azul bebê com fios de ouro e bordado com pedras azuis nas mangas, havia sido encomendado diretamente de Ravonlor.

Seu pai, rei Marius, havia saído há quase uma hora, depois de contar-lhe sobre um crime terrivelmente desumano que o antepassado de Neil, Brandon Cantio, cometera contra uma fada chamada Erin, por quem Estorio Theales era apaixonado. A história toda envolvia perdas muito maiores do que Grace achara que sua família conhecia, pois em seu momento de dor inconscientemente resumira a lista de infortúnios e adversidades dos Theales à perda de Eve, que era o que ela sentira na pele.

O que ela descobrira naquela noite, no entanto, era uma lição que mesmo depois de ver Grace aprendendo, talvez leve um tempo para alguns de nós entender: a percepção de que a nossa história só existe à partir das outras que nos antecederam, e ignorá-las nunca faz com que o passado seja diferente e nunca honra quem o construiu, mas nos faz perder muito tempo no correr sem destino de pés que não sabem para onde vão.

Grace tinha um passado porque havia vindo de algum lugar, e a forma como chegara ali importava para conhecer as formas através das quais *não* sairia. Importava para as decisões que *não* tomaria, pelos caminhos que *não* seguiria e os erros que *não* desejaria repetir. Agora sabia que as fadas eram reais. Que

seu pai conhecera duas delas, três, talvez, se ela fosse uma. Sabia que a ganância dos mortais os havia levado a sucumbir ao assassinato como forma de vingança, e que o sangue derramado chamava mais sangue, até que o preço pela perversidade fosse pago.

Seu pai lhe contara sobre o pecado de Brandon, que terminara com chamas altas e mortais a se espalhar por *Firebird*, condenando os Cantio à uma descendência amaldiçoada. Maldição essa que ele achava que Grace podia quebrar. *Começou com o amor de uma fada, Grace, pode terminar com ele também.*

A frase não saía da sua cabeça, porque crer nela mudaria todo o curso da sua vida. Será que ela acreditava que poderia amar Neil Cantio? E será que acreditava que sua mãe era mesmo meia fada? Que seu avô Veter, de quem ninguém nunca ouvia falar ou falava, e sua avó Velska, que também não conhecera, eram os responsáveis por Solum ser tão grande e próspero?

Rei Marius explicara à Grace tudo sobre a Era da Magia e seu fim trágico, mas, principalmente, contara a ela como Colore havia passado pela Era dos Lobos, e o motivo pelo qual Solum havia se mantido fértil mesmo quando a magia se esvaía e o reino todo pareceu ter sido abandonado à própria sorte. Era muito sobre ela, porque fora sua avó, Velska, quem sacrificara tudo de si para preservar Solum.

Grace não se lembrava dos avós. Nunca os conhecera e não havia pinturas deles pelo castelo, embora seus nomes estivessem na tapeçaria da árvore genealógica Theales que havia em um dos quartos de *Firebird*. Ouvira muitas coisas sobre seus bisavós, rei Theodore e rainha Helena, que governaram

sobre Solum pelo período negro da Era dos Lobos, mas sempre houvera uma lacuna no conhecimento que tinha de sua família entre os bisavós e sua mãe. Eve falava muito sobre seus pais, Veter e Velska, mas Grace nunca encontrara nada sobre eles em livros, e nenhum de seus professores jamais mencionava os feitos deles enquanto reis.

Exceto pelos nomes gravados na tapeçaria, era quase como se todo mundo tivesse esquecido que eles foram reis. As coisas que sua mãe lhe contava eram sobre a vida em família, a disposição de sua avó em sempre fazer o que era certo e o cuidado do avô para com seus filhos, mas para a história de seu reino era como se eles não tivessem existido.

Mas agora Grace entendia o porquê. Seu pai lhe dissera que um dos irmãos de Eve havia desaparecido, e que após algumas expedições fracassadas, o próprio rei Veter saíra em busca do herdeiro de seu trono, Gregory. Quando nenhum deles voltou e a seca pós-Guerra Negra, que dera fim à Era dos Lobos, se estendeu por Colore, a então rainha Velska sacrificou a magia em si e a entregou à terra de Solum, nas intenções de que as sementes plantadas ali nunca parassem de germinar.

Seacantio vivia de seu pescado, e Ravonlor estava à beira de perecer sob uma fome severa que castigava seu povo, mas Solum seguia tão fértil, verde e florida quanto sempre estivera, embora ninguém soubesse o porquê, agora Grace sabia. Era grata pelo sacrifício de uma mulher que nem conhecera, mas através de quem ela pudera estar ali, dentro de seu vestido azul bebê, com os cabelos presos pelo lado direito e formando uma cascata pelo lado esquerdo de seu peito, com nada além da certeza de que era capaz de fazer o que precisava para ajudar seu povo.

Grace ainda confiava em Clarin e as palavras que ela lhe dissera não haviam sido apagadas de sua mente. Seu plano se mantinha o mesmo de quando ela e Dan voltaram para o castelo. Participaria do baile e então sairia em busca de Stohlie, para só voltar quando tivesse tido todas as respostas. Talvez conseguisse algumas delas naquela mesma noite, pois depois de tudo que aprendera sabia que de alguma forma a chave para quebrar a maldição dos Cantio, e possivelmente com isso restaurar a força da natureza tão grandiosa que a cercava, estava em Neil. Ele talvez não soubesse disso, e ela talvez não soubesse *como sabia*, mas sabia.

Um barulho na porta se fez ouvir e Astrid entrou. Seu cabelo cacheado e escuro preso em uma trança e o mesmo sorriso de sempre no rosto.

- Você está linda, Grace.

- Obrigada, Astrid

Já nos corredores a movimentação se fazia notar. Os lacaios estavam mais animados e havia flores frescas por todos os lados. Elas desceram as escadas de braços dados, e entraram para o salão de baile, onde a corte de Solum e a corte de Seacantio se encontravam juntas pela primeira vez em muitas décadas.

Seu pai sorriu para ela quando a viu entrar pelas largas portas de madeira maciça, fazendo sinal para que ela se aproximasse de onde ele estava, conversando com dois outros homens e uma mulher belíssima, que a princesa não conhecia. Os dois eram altos, mas as suas semelhanças paravam aí. O

mais novo era muito branco, em nada se parecia com um solummiano, que tinham a pele bronzeada pelo sol das lavouras. Ele tinha orelhas engraçadas, um pouco maiores do que o normal e sutilmente pontudas onde se esperaria que fossem arredondadas, além disso o príncipe também usava um cabelo quase na altura dos ombros, que ajudava a disfarçá-las, mas tendo sido avisada por Dan sobre a estranha simpatia de Neil e suas orelhas não muito tradicionais, seus olhos naturalmente se direcionaram para a lateral da cabeça dele assim que o viu.

Grace olhou ao redor do salão procurando seu irmão enquanto se aproximava do pai e seus dois convidados honrosos. Iria matá-lo por ter tirado a atenção dela para as orelhas de Neil, que teriam passado completamente despercebidas se ela já não tivesse chegado lá com a atenção voltada a elas, porque além de uma presença imponente e as sobrancelhas arqueadas, o outro homem de quem Grace se aproximava para cumprimentar tinha a barba azul e isso teria sido um fator de surpresa muito mais evidente.

Astrid fez uma saudação ao rei e apertou o braço de Grace com gentileza, como que para lhe dar boa sorte, e então saiu pelo saguão. O salão era alto e seguia o padrão do castelo com colunas de pedra e paredes revestidas de madeira, janelas largas e cortinas em verde escuro, que era a cor predominante entre a família Theales. Ao redor do saguão havia diversos vasos altos de uma cerâmica bonita, e dentro deles camélias brancas, amarelas e azuis, lisantos brancos, tulipas roxas e hortênsias azuis cobriam toda a boca dos vasos em arranjos claros que lembravam uma tarde de sol na praia.

No canto mais afastado do saguão um pequeno grupo com instrumentos se

divertia fazendo música com suas flautas, bandolins e pequenos tambores ao lado do piano em calda que Grace treinava quase todas as manhãs. Nas portas, uma visão incomum de guardas com uniformes azuis, dos Cantio, postando guarda e vigiando quem entrava e quem saía.

- Pai. – Grace levantou a barra de seu vestido azul claro que o pai escolhera para honrar a cor do brasão dos Cantio, e fez uma reverência.

- Grace, minha querida, esses é o rei James, de Seacantio. – A princesa se curvou de leve a ele, que ergueu seu queixo e estendeu a mão para Grace. Ela pousou sua mão sobre a dele, e o rei James beijou a parte externa, perto dos dedos. – Sua esposa e rainha Myra, e o filho de James, Neil.

- Seu cabelo é muito bonito, princesa Grace. – Disse a rainha Myra discretamente e num tom de voz muito baixo. – É *ruivo*.

- Obrigada, vossa alteza. – Grace fez um aceno com a cabeça e sorriu – Sim, minha mãe era ruiva.

- Encantado, princesa Grace. – Neil também a reverenciou. – Posso pegar algo para você beber? Eu ficaria honrado.

Grace o olhou surpresa, arqueando as sobrancelhas. Ela havia imaginado uma coisa bem mais medonha. Não havia absolutamente nada sobre Neil que indicasse remotamente que ele era amaldiçoado e embora fosse cedo para julgar, era quase como se ele fosse... Adorável.

- Não, príncipe Neil, de forma alguma. Eu não gostaria de incomodar, eu... –

Mas seu pai a interrompeu.

- É uma ideia encantadora, Neil. Grace, por que não o acompanha e vocês podem talvez dançar juntos e se conhecerem melhor?

Grace sorriu para o pai e acenou com a cabeça.

- Seria um prazer. – Ela completou, dando o braço para Neil, ao lado de quem parecia ser muito menor.

Eles saíram juntos, caminhando pelo salão. À medida que chegavam mais perto do meio, mais e mais pessoas se viravam para olhá-los. Era uma sensação estranha, pensava Grace, saber que em dois anos poderia se casar e o destino de todas as pessoas debaixo daquele teto, e também fora dele, dependeria de suas decisões.

- Myra, - disse Grace para quebrar o gelo, mas sem saber por onde começar – ela não cala a boca ein?

Neil riu descontraidamente.

- O horror é tentar falar enquanto ela está falando, a mulher tem muitas ideias e nunca dá uma trégua.

- Ah, isso é melhor do que... – Grace virou a cabeça para olhá-lo e ele ria ainda mais – certo. Você também está sendo irônico.

- Acredito que você tenha começado, princesa Grace. – Perto de uma das

pilastras de pedra no canto do salão, depois de já o terem atravessado debaixo dos olhares curiosos e cheios de expectativas dos que comiam, dançavam, conversavam e bebiam, Neil tirou duas taças de uma bandeja que um dos lacaios passou carregando, e entregou uma à Grace.

- Pode me chamar só de Grace, Neil. – Eu prefiro que a gente comece por nós, e *depois* passe para os títulos de nossas famílias, se for necessário.

- Começar só por nós então, você diz? – Neil ergueu uma das sobrancelhas e sorriu com o canto da boca. Tudo para ele era uma aventura intrigante. – E se a gente fizesse isso dançando?

Ele estendeu-lhe a mão e quando ela pegou a mão dele, ele a conduziu para perto da banda. Talvez perto demais, pensou Grace consigo mesma. Era difícil ouvir seus próprios pensamentos.

- *Grace*, - ele disse numa voz macia, quase que cantada – posso confiar em você?

Um-dois-três, ele a conduzia por entre as pessoas, girando-a no salão. Um-dois-três-quatro. Como numa percepção mágica, Grace viu pelo canto do olho, Dan entrar pelo saguão e ir conversar com seu pai. A princesa virou seus olhos para Neil, olhando-o fixamente. Um-dois-três-quatro.

- Sim, Neil. Você pode confiar em mim. – Um-dois-três-quatro, um giro. - A pergunta aqui não é se eu posso confiar em você? – Cinco-seis-sete-oito.

Ele assentiu sorrindo.

- Você sem dúvidas tem razão sobre as coisas que possivelmente ouviu sobre a minha família, Grace. – Um-dois-três-quatro, as mãos frias de dedos finos de Neil abraçavam sua cintura por cima do tecido macio – Eu, inclusive, vou me meter numa grande enrascada caso meu pai desconfie de que eu fui a pessoa a te alertar sobre isso, - cinco-seis-sete-oito - porque o motivo oficial da minha visita aqui é precisamente o oposto do que vou te dizer em segredo. – Um rodopio leve a jogou para mais perto da banda, ele soltou de sua mão e passou por trás dela, pegando-a novamente do outro lado com um pequeno salto.

- O que você quer me dizer em segredo, Neil? – Ela perguntou parando em seu lugar e erguendo as mãos para ele, que também parou em seu lugar e encostou a palma de suas mãos nas dela, conduzindo uma dança apenas com as mãos e olhando-a fixamente nos olhos.

- Começar por nós e depois passar para os títulos das nossas famílias, certo, *princesa* Grace?

- Certo. – Ela respondeu, assentindo.

Ele continuou erguendo as mãos e tocando-as nas dela, passava por cima de sua cabeça e então atrás de seu pescoço. Era como se brincasse enquanto dançava.

- Você não pode se casar comigo. – Ele disse em um sussurro, pegando-a pela cintura novamente e trazendo-a para mais perto de si. Um-dois-três-quatro.

Grace se sobressaltou, surpresa com tamanha sinceridade. Ela não queria se casar com ele, ao contrário, naquela mesma noite colocaria sua coroa em risco pela oportunidade de encontrar uma forma de não ter que fazer aquilo.

- Por que não?

- Porque eu não quero assinar sua sentença de morte. – Cinco-seis-sete-oito.

O piano tocou seu último acorde e a corte aplaudiu em êxtase, nem mesmo Dan, que corria de um lado para o outro cumprimentando pessoas e acenando para outras, percebeu quão pálida e gelada Grace ficou quando, depois de tocada a última nota, Neil se curvou para cumprimentá-la e se afastou em silêncio, no meio das palmas que a cercavam. E Grace ficou atônita no meio do salão enquanto ele se afastava de volta em direção ao pai e a barba azul que ele exibia.

~ Capítulo X ~

Firebird e as cinzas do pecado

- Esse é Colore, Ina. E nós estamos bem aqui. – Velska apontou para uma pequena porção de água no terreno de Alba, chamado Viridi Flumini, era perto da fronteira com Solum.

Ina olhava o mapa com atenção. Diferente do que se esperaria, ela não estava com medo, mas sentia finalmente que estava começando a encontrar respostas.

- Você vai observar que mais ao norte, quase na divisa com Amlívelir, há uma torre. – Sua avó continuou a passar os dedos pelo papel, mostrando no mapa onde estava escrito “Mesa de Pedra”. – As histórias contam que a torre sempre esteve lá, e desde o início dos tempos, ou o que pensamos ser o início, na verdade, ela permite acesso a outras dimensões... É uma fenda no espaço, através da qual um seleto grupo de pessoas por época, foram escolhidos para viajar por essas diferentes realidades. O seu pai foi uma delas. A torre se mostrou a ele em uma de suas viagens, e ele fez o que você fez hoje, viajou para outro lugar. Lá ele conheceu a sua mãe, e se apaixonou por ela, mas ela não podia viajar de volta, por isso ele abriu mão de voltar... Abriu mão daqui, para estar com ela.

Velska fez uma pausa, respirando fundo e olhando para cima, como que a medir suas palavras. Era dolorido falar sobre aquilo, era evidente, mas ela voltou seus olhos escuros para Ina e continuou.

- Enquanto isso, nós estávamos no meio da Era dos Lobos, sendo atacados por bestas ferozes. Houve uma feiticeira em Ravonlor que capturava garotinhas para alimentar esses lobos, e, com isso, perpetuar com o crescimento das alcateias, porque desde o fim da Era da Magia, tanto as fadas, como as feiticeiras, os duendes e gigantes, as ninfas e as bruxas, cada ser com magia dentro de si, foi sendo expulso para longe, e apenas os humanos ficaram aqui para governar essa terra.

- Por quê? Por que a magia foi embora? – Ina perguntou curiosa.

- A magia não foi embora, minha querida. Ela se tornou uma maldição, como uma lepra. Ela foi expulsa, porque as trevas e a luz não podem habitar o mesmo lugar ao mesmo tempo, e você vai descobrir que todos tem ambas dentro de si, mas alimentar uma requer, automaticamente, matar a outra de fome.

Antes que Velska continuasse, Thomas voltou com uma bandeja e três xícaras de chá, servindo-as primeiro e então sentando-se ao redor da mesa com elas. A mãe dele tomou a xícara pela mão, e, bebericando vagorosamente, continuou:

- Há algumas gerações houve uma fada, Erin, que como eu abriu mão de suas asas para se casar com um ser humano. Veja, o papel das fadas na sociedade sempre foi de ajudar ao homem, testá-lo, colocar bênçãos e provações em seu caminho para lapidar o seu caráter. Erin cresceu na Era da Magia, quando seres muito distintos eram capazes de usar suas diferenças para construir uma sociedade diversificada, mas com justiça. Ela se apaixonou por Estorio Theales, e decidiu se casar com ele, entregando assim parte de seus poderes

de volta à natureza e aos cristais da magia que concentram a luz desse mundo.

Enquanto explicava a Ina, Velska apontava no mapa e mostrava onde ficavam os lugares aos quais se referia. Ao redor de montanhas, no reino chamado Amlívelir, havia uma marcação chamada *Cristais da Magia*, numa terra chamada Bethel. Thomas ouvia tudo em silêncio.

- Estorio e Erin iam se casar em segredo, mas uma tragédia os impediu. Em Seacantio, um homem chamado Brandon Cantio atingira a maioridade e, num ímpeto ganancioso pelo poder, matou seu pai para ascender ao trono. Mas as tradições determinam que apenas reis e rainhas casados, ou seja, com possíveis herdeiros reais, possam assumir o trono, de modo que Brandon não podia nem deixar o trono de seu reino vazio e nem podia se assentar nele, o que teria feito com que o pai de Estorio, o rei de Solum, removesse a corte de Seacantio e governasse sobre ambas as terras. Brandon, seduzido pela beleza etérea que não foi embora com seus poderes de fada e tentado pela pureza do sagrado em Erin... Ina, ele... – Velska respirou fundo antes de continuar – ele forçou Erin a gerar um herdeiro seu.

- Oh meu Deus, isso é horrível! – Ina tapou a boca com as mãos, horrorizada.

- Sim, minha querida, é a pior dor que uma mulher jamais deveria ter de passar. Mas o problema não ficou aí, pois Erin apesar das chances improváveis, Erin de fato engravidou. Sendo ameaçada por Brandon, que achava que seu ato animalesco e atroz resultaria em algum tipo de criança mágica, por ser filho de uma fada, e com as intenções de preservar a vida de Estorio, Erin se casou com Brandon, permitindo que ele fosse coroado rei de

Seacantio.

- Pobre Erin, viveu sobre as garras desse monstro?

- Não por muito tempo. A magia, Ina, ela sempre cobra seu preço. Brandon não sabia que tipo de forças negras ele estava invocando quando corrompeu uma criatura inocente. Uma maldição recaiu sobre os Cantio, e todas as filhas mulheres de sua descendência começaram a nascer mortas, e as mulheres com quem eles se casavam passaram a morrer dando à luz. Veja bem, tradicionalmente, como em nossa família, as mulheres Cantio também tinham mais sensibilidade à magia, mas por causa da maldição e da injustiça perversa que nunca foi reparada, a magia foi sendo extinta de Seacantio. Seus homens foram ficando mais e mais ambiciosos. Começou lá, mas uma vez corrompida foi apenas uma questão de tempo para que todo o resto de Colore sucumbisse à barbárie que se estabeleceu quando as terras pararam de dar frutos. Toda a natureza sofre e responde às crueldades cometidas contra os seus, Ina.

- O que aconteceu com Erin? E Brandon, ele morreu?

- A História, Ina, por vezes conta uma versão diferente dos fatos, favorecendo aqueles que decidem conta-la. Você talvez escute por aí que Estorio frequentava muitos bailes na corte dos Cantio, mas isso é uma mentira. A verdade é que apesar da violência que sofrera e da dor em perder um filho que ela não desejara, mas escolhera cuidar e proteger dos horrores que ela mesma conhecera, Erin se tornou uma mulher triste e solitária. Brandon dava festas e tocava músicas para disfarçar o espírito de velório e depressão que assolou seu castelo, mas sua esposa saía do quarto apenas para ver Estorio.

Brandon se tornou ciumento, porque Estorio tinha o poder de fazê-la feliz. Um dia tentou matá-la.

- Oh meu Deus, como essa mulher suportou? – Indagou Ina em choque.

- Estorio soube da notícia, e fingiu que iria dar uma festa em Solum, convidando os Cantio, pela última vez em quase duzentos anos, a um baile. Mas o plano dele, na verdade, era matar Brandon para livrar Erin de seu sofrimento.

- Ele queria se casar com Erin depois disso? – perguntou Ina na esperança de que talvez Erin tivesse conhecido algum tipo de final feliz. – Ele a amava, não é mesmo?

- Ele a amava, mas, para ser coroado, Estorio também havia se casado, e a nossa linhagem não veio de Erin, embora, quando eu me casei com seu avô, o sangue dos Theales conheceu a magia, mas essa é uma outra história.

Thomas mexeu em sua xícara silenciosamente e, pigarreando, entrou na história, pois percebera que a voz de Velska começou a embargar.

- Nesse dia do baile, Brandon e Estorio entraram numa briga que terminou num incêndio. Erin e Estorio morreram, e parte do castelo de Solum, *Firebird*, ficou terrivelmente danificado. Brandon conseguiu escapar e se casou novamente, dando continuidade à linhagem dos Cantio com seus filhos que geram filhos e mulheres que morrem em trabalho de parto. A esposa de Estorio se tornou rainha e deu continuidade ao seu legado até chegar em Dan e Grace, os atuais herdeiros do trono.

Thomas fez silêncio, como que para respeitar o momento. Velska bebericou seu chá e reassumiu as redes da história.

- Quando a magia foi embora, os homens começaram a se tornar mais e piores porque as fadas não estavam mais aqui para julgar o caráter deles. A Era dos Lobos começou. Acho que quando as pessoas não conseguem se unir em prol de fazer o bem, o mal consegue encontrar formas de penetrar entre elas e enraizar desejos sombrios, sussurrar ideias perversas, e soprar planos cruéis em seus ouvidos, para que consigam o que desejam. Amor, fama, poder, reconhecimento, riquezas.

- Mas você ainda está aqui. E ainda é uma fada, não é mesmo? Quer dizer que a magia não foi embora, não completamente.

Velska sorriu.

- Amlívelir e Alba são terras mais próximas aos lugares onde a magia se manifesta. Amlívelir tem os *Cristais da Magia*, em Bethel. São pedras místicas em uma caverna, no alto de uma montanha, que respondem perguntas sinceras às pessoas de boas intenções que conseguem chegar até lá. Muitas vezes no passado os cristais deram poderes especiais e compartilharam da magia com aqueles que não a possuem, mas acreditaram o suficiente para merecer. Alba, aqui onde estamos, tem as mais curiosas manifestações da natureza. A *Mesa de Pedra*, a História diz, é onde as leis seladas pela natureza foram escritas. A torre entre as dimensões, a qual seu pai aprendeu a viajar. Até mesmo a Aurora Boreal, que não aparece há alguns anos e não dá poderes, mas costumava trazer paz de espírito aos que a viam.

A mãe de Ina lhe falava muito sobre um lugar que seu pai visitara, com uma Aurora Boreal tão bonita, que observá-la era como sentir um beijo de Deus na alma. Agora Ina sabia onde era, ela estava bem ali.

- Esses lugares, - continuou Velska - abrigaram alguns de nós quando os homens começaram a cobrar preço de sangue pela nossa magia.

- Nós nos escondemos aqui, - completou Thomas - e aqui permanecemos até que o equilíbrio entre os homens seja reestabelecido e haja paz entre os Cantio e os Theales.

- Eu não sei o que dizer. – disse Ina simplesmente. Estava tão cansada e com a cabeça tão cheia de informações que até se esquecera que Ella não estava ali para ajuda-la a entender todas aquelas coisas.

Ella. Ainda estava desacordada. Quantas horas haviam se passado? Perdera completamente a noção do tempo no meio das histórias que Velska lhe contara, e ainda nem começara a ter respostas.

- Exceto, - prosseguiu a filha de Gregory – que eu sou só uma garota de Primeira Semente, filha de uma confeitadeira e neta de um florista. Não tem como eu ser uma *fada*.

- Você quer descobrir? – Perguntou Velska.

- Eu... – Ina queria. Mas e se não fosse? Ela podia suportar e viver muito bem não ser uma fada quando sabia que não era, mas descobrir que poderia ser e

depois aceitar que falhara seria doloroso demais. Como se não fosse digna da magia, como Velska dissera que era. – Eu não sei.

- Você quer que sua irmã acorde, Ina? – Perguntou Thomas com a facilidade de quem pergunta se vai chover.

- Sim. Eu quero muito.

- Quer o quê? – perguntou Velska – pode dizer isso novamente?

- Quero que a minha irmã acorde. Quero que ela fique bem. – Ina respondeu com franqueza, porque mais do que queria descobrir o que era, sabia o que *não* queria ser. Não queria ser filha única. Queria sua irmã de volta para poder contar a ela tudo que acabara de ouvir e fazer a pergunta que não tinha tido coragem de fazer à Velska e Thomas, mas sabia que Ella poderia responder, que era qual o papel delas ali.

- Então talvez, Ina, nós precisemos ir levar um chá a ela. Não acha? – Velska disse se levantando. – É possível que as suas palavras a chamem de volta pra consciência. Porque se de tudo o que eu te disse há uma verdade, é que você, minha neta, sem dúvida nenhuma é uma *Muminah*, e o que nos falta descobrir aqui é de quanto treinamento você vai precisar para aprender a aperfeiçoar seus poderes.

- Talvez nenhum. – Disse Thomas apontando para o corredor, onde Ella vinha coçando a têmpora, com Deacon em seu encalço.

Alex e Nora haviam retornado para seus cavalos em silêncio e deixado para trás, naquela clareira abandonada na floresta, muito mais do que uma velha capa branca de cavalgar. O que perderam naquela noite era maior do que qualquer um deles poderia se dar conta no momento, porque era uma daquelas coisas que a gente não percebe muito bem que já é outra enquanto a transformação acontece, mas só depois de um tempo, quando a mudança já salta aos olhos.

Na calada da noite, cavalgaram até a bifurcação da estrada e viraram em direção sul quando uma placa mal pregada numa estaca lhes direcionou ao vilarejo chamado Harpia. Alex ia até lá com certa frequência resolver negócios para seu pai, e, portanto, para o rei. Mas, já há alguns meses vinha se dedicado a cuidar dos cavalos e ficar o mais próximo de Nora o quanto pudesse, por isso quanto mais se aproximava de Harpia, menos ele acreditava que estavam chegando. Não era nada do que se lembrava. Antigamente era um lugar bem maior, cujas luzes das janelas das casas pareciam vagalumes à distância.

Dessa vez, no entanto, Alex e Nora já estavam a menos de três quilômetros de distância quando ele foi diminuindo a velocidade com que cavalgava para um trotar curto e rítmico. Um rio corria mais abaixo, perto de onde estavam. A cidadezinha se fazia visível um pouco mais acima deles, e, seguindo o rio a oeste algumas poucas árvores eram visíveis aqui e ali. Estavam no meio de uma colina sem nenhuma vegetação a protege-los, quando ele chamou a atenção dela.

- Acho melhor não pedirmos abrigo em nenhuma hospedagem hoje, se aqueles homens estiverem com algum grupo, *minha bela*, pode ser que se coloquem à nossa busca, pois Colin fugiu e seria natural querer vingança pela morte de seu irmão.

- Eu estou muito cansada para seguir viagem noite adentro, Alex. – Nora admitiu.

- Podemos seguir o rio um pouco mais a leste e fazer um pequeno acampamento embaixo de uma daquelas árvores mais afastadas. Uma vez acima da colina o vilarejo se estende por quilômetros, estaremos seguros debaixo das árvores porque colina acima elas não são visíveis, exceto pelas suas copas, que nos esconderiam.

Nora assentiu silenciosamente. Não haviam trocado uma palavra sobre o que acontecera na floresta e ela sabia que o momento de conversar estava próximo, mas não havia conseguido formular respostas sobre o que sentir sequer a respeito do fato de quase ter morrido nas mãos de um homem perverso de quem havia tido que limpar o sangue de sua própria espada, quanto mais sobre a possível demonstração de magia que presenciaram.

O que mais impressionava a princesa era ver que Alex não estava tentando fazê-la sorrir ou falando outras coisas para preencher o silêncio, como ele costumava fazer apenas para ouvi-la falar também e ocupar o espaço com palavras. Ele viera calado e pensativo por todo o caminho que fizeram após virarem na bifurcação em direção à Harpia, e depois que Nora assentira em concordância sobre o plano de repouso, ele seguira em direção leste, contornando o rio por alguns quilômetros e então desmontando do cavalo

perto de uma árvore que julgara escondida e longe o suficiente.

Nora descera de seu cavalo, acariciando o seu dorso em agradecimento pela viagem que ele a ajudava a fazer, e então tirou o corvo ferido de dentro de uma pequena bolsa de couro que estava presa na sela do cavalo. Desamarrou sua mala pequena da anca do animal, e a colocou no chão, abrindo-a. Nora colocou o corvo ali dentro com muito cuidado, cobrindo-o com uma parte da saia do vestido de baile que a sua mãe preparara para a cerimônia de Dan Theales.

Alex mexeu no próprio saco que havia trazido em sua montaria. Havia duas toalhas de mesas largas. Ele estendeu uma pela relva e jogou a outra para Nora, que a pegou no ar, mas a colocou dobrada num cantinho, por cima da outra que Alex estendera.

- Se importa se dormirmos juntos por cima de uma só toalha e usarmos a outra para nos cobrirmos? Sem a capa sinto frio. - Alex fez que não com a cabeça e deu um pequeno sorriso de canto de boca, como que para dizer que tudo bem, apesar de ele não ser capaz de dizer isso em palavras. – Tudo bem, eu vou até o rio lavar meu rosto e volto logo. Não precisa me esperar, sei que deve estar cansado. Foi um longo dia.

Ela se virou e saiu, mas ele a chamou num rompante.

- Nora! – a voz doce de Alex parecia confortar seu coração instantaneamente. Não achava que alguém jamais diria aquele nome, que ele mesmo a batizara, como ele dizia. – Por favor, tenha cuidado. Eu não posso passar por aquilo de novo. – Alex se aproximou dela com incerteza, seus olhos cheios de súplica.

– Eu não posso perder você, Nora! Aqueles minutos em que achei que talvez fosse perder, que talvez... que talvez ele fosse levar você pra longe, fazer sei lá o quê e então matá-la, eu não posso. Por favor, tenha cuidado.

Ela se permitiu que a onda de amor que a inundou escapasse pelos olhos um pouquinho. Estava exausta e com frio. E o maior de seus problemas é que era uma assassina. Entre todas as coisas que mais lhe doía entre as muitas que sentia naquele momento, a pior era que seu melhor amigo, o homem que amava, estava ali em sua frente naquele momento e não havia nada que ela pudesse fazer para tirar a dor do rosto dele. Limpando algumas lágrimas que desceram pelo seu rosto, Nora se aproximou dele e deu-lhe um beijo na testa.

- Não vai haver nunca, Alex, um mundo em que eu não seja sua. – Ela sussurrou com o rosto muito próximo do dele. – Enquanto eu tiver vida, ela vai ser sua.

Alex ouvira a vida voltar a tocar um ritmo para seus ouvidos. O barulho da água correndo no rio, o crocitar baixo do corvo que sua bondosa e amável princesa salvara, o vento gentil pela relva, que fazia subir um cheiro de grama fresca. Eles estavam protegidos debaixo da copa grande e pesada daquela árvore, que parecia ser tão antiga quanto a origem dos tempos. Por entre as raízes que saltavam do chão em volta do tronco, grossas demais para ficarem contidas, um esquilo passou rapidamente, se perdendo entre a vegetação baixa do campo.

Entre os muitos sons que Alex podia ouvir novamente, o favorito estava ali, a um centímetro dele. Era o bater do coração de Nora. O filho do cocheiro, que cuidava dos estábulos e cavalos e aprendera a ler com 16 anos, colocou uma

de suas mãos calejadas na nuca da princesa e segurou o rosto fino dela com a outra, beijando-a nos lábios.

Nora pensara muitas vezes sobre como seria a sensação de estar sempre mais perto de Alex, e mais perto até que não houvesse outra forma além de unir seu corpo ao dele, mas nada do que imaginara se comparou à inquietude gostosa que pareceu dançar pelo seu estômago quando ele tocou os lábios dela com os dele. Alex fora gentil e delicado, como ela imaginou que ele seria, e então, sem querer nunca sair dali, Nora lançou seus braços por cima dos ombros dele e aprofundou o beijo, puxando-o para mais perto de si.

Nenhum deles poderia ter sabido dizer quanto tempo durou, pois se perderam um no outro. Ao mesmo tempo que poderia ter sido 1 minuto, talvez tivesse durado 2 horas. Quando ela tirou os braços do pescoço dele e se afastou sorrindo, ele disse.

- Uma coisa de cada vez, *minha bela*.

- Independente do que enfrentarmos depois de hoje, Alex, eu quero que você saiba... queria que já tivesse lhe dito, que é uma sorte estar viva no mesmo mundo em que você está, e que não há nada pelo que eu seja mais grata do que ter você aqui para dividir sua vida comigo, e a minha com você. Obrigada. – Ela disse beijando-o de leve na bochecha.

Alex a abraçou. Eles dormiram ali, com uma toalha de mesa por baixo de seus corpos e a outra por cima, cobrindo-os, um nos braços do outro. Nora se esquecendo de que queria ter lavado o rosto, Alex se esquecendo de dar água aos cavalos – nenhum dos dois se lembrando de que o nascer do dia estava

para chegar. Era de fato uma sorte terem se encontrado na loucura daquele mundo, e que quando estivessem juntos tinham a real possibilidade de esquecer de seus problemas e dores - que eram grandes.

~ Capítulo XI ~

A companhia extra de Hermes

Firebird estava muito cheia. A multidão que dançava e cantava parecia constantemente sufocar Grace dentro do salão de cortinas verdes escuras, enfeitado com diversas flores em tons de azul e branco que o cobriam por toda a extensão debaixo do lustre largo de cristais tão finos. Neil tentara se aproximar da princesa em outras duas oportunidades, mas ela conseguira se esquivar dele. Clarin estava certa, ela estaria em perigo constante enquanto eles estivessem ali, mesmo que aquela visita fosse apenas sobre firmar um noivado que ainda levaria quase três primaveras para se consumir, a ameaça estaria por perto enquanto os Cantio estivessem também.

Dan manteve um olho na irmã por todo o tempo desde que chegara, e mesmo à distância ele percebia que algo não estava certo. Eles haviam se despedido pelos túneis com o plano preparado para evitar problemas durante o baile, e Grace concordara em se esforçar para fingir que tudo estava de acordo com os ideias de seu pai, e além disso, pelo que Dan pudera ver, Neil não parecia ser tão ruim quanto era de se esperar. Especialmente agora que Dan e Grace haviam ambos concordado que a melhor coisa a se fazer seria fugir do noivado e ir em busca de Stohlie por respostas. O que estava errado com Grace e o plano para que ela parecesse tão inquieta?

O rei James e a rainha Myra passaram por eles em direção ao centro do saguão, onde as pessoas dançavam. Dan o cumprimentou novamente com um aceno de cabeça. Havia passado muito pouco tempo em sua companhia, mas entre tudo que ouvira falar, todos os temores de seu pai frente à união de Neil e Grace, e especialmente depois de tudo que Grace lhe contara, ele começava

a suspeitar de que talvez não deveria se preocupar tanto com o herdeiro do trono, mas com quem o ocupava naquele momento.

James segurava as costas de Myra com tanta pressão, que a parte visível das costas dela, no decote aberto debaixo de sua nuca, ficava com marcas brancas dos dedos dele quando ele mexia a mão e a circulação dela voltava ao normal. Havia algo de estranho sobre ele, como se a presença dele impusesse coisas a Dan; sensações ruins, como um pesadelo.

O rei Marius se aproximou dele com uma taça numa mão e um canapé na outra. Dan adorava que apesar do peso das responsabilidades, entre os segredos ocultos que, mesmo tendo informações privilegiadas, Dan não podia começar a imaginar, atrás do rei viúvo da terra mais próspera que sustentava o reino inteiro, havia um homem simples a quem ele tão orgulhosamente podia chamar e pai. Crescer sob a pressão eminente de ter que ser rei, especialmente conhecendo as difíceis fases e renúncias que Solum enfrentara, talvez tivesse deixado um outro príncipe aflito e frustrado, mas Dan tinha um senso de justiça e lealdade grandes demais para se deixar levar pelas dificuldades.

Seus pensamentos o direcionavam sempre para os fatos, para o que conhecia, e como colocar ordem nas coisas a partir deles. Os fatos eram que seu pai, intimamente um homem engraçado e amoroso, perdera sua esposa e vinha criando dois filhos enquanto geria um reino. Marius era um homem admirável. Ensinara a Dan tudo sobre focar nas soluções mesmo quando os problemas pareciam se acumular até onde os olhos podiam ver.

- Esses canapés estão mesmo deliciosos. – Ele disse erguendo a mão para

indicar ao seu filho sobre o que falava, e então dando uma mordida. Dan riu.

- Parecem ótimos, pai. – Dan deu um tapinha nas costas de seu pai. Olhando mais de perto ele parecia exausto. – Grace falou algo com você?

Marius semicerrou os olhos e colocou uma das mãos na cintura, bebendo um gole de sua taça enquanto olhava para Dan.

- Algo sobre... o quê, exatamente?

- Sobre nada. – Dan disse rapidamente – Nada em específico, quero dizer.

O rei apontou para seu filho.

- Ela te contou. Você sabe.

Os olhos azuis de Dan se arregalaram para Marius quando ele se pegou mentindo.

- Me contou? Sobre o quê? – Dan cruzou os braços, pacientemente.

- Você, meu filho, - disse Marius colocando uma das mãos sobre os ombros de Dan e olhando-o nos olhos – vai ser um excelente rei.

A mente de Daniel começou a repassar todas as informações que tinha para entender como Marius sabia que Grace lhe contara sobre a maldição - e sobre todas as outras coisas - se ela havia chegado da biblioteca e entrado pelos túneis sem se encontrar com ele? A menos que ele já soubesse antes. Mas

ainda não explicaria como sabia que Grace sabia.

- Você já sabia antes. – Ele respondeu ao pai – Você já sabia antes sobre a maldição e mesmo assim arranhou o noivado dela. Como pôde?

Marius esfregou a têmpora com os dedos da mão direita e tomou mais um gole do vinho.

- Porque ela pode quebrá-la, Dan. E porque precisamos acreditar que é possível, ou todo esse povo pode perecer porque dois reis no passado não conseguiram resolver seus problemas e nós não podemos viver uma vida baseada em pagar pelos pecados deles.

- Mas ela pode *morrer*. Você não entende? Que ela é a melhor entre nós e de longe a nossa melhor chance de sermos melhores?

- Eu entendo. E *porque* entendo sei que você tem razão. Grace não é a nossa melhor chance, é a única chance que temos.

- Eu não vou deixar que você a sacrifique por conta de uma justiça etérea insana. Se a magia ligasse para nós, se houvesse essa força maior unindo e cuidando de todas as coisas, nós não teríamos perdido a metade do nosso povo para lobos e feiticeiras e a outra metade para a fome. A magia não existe, pai, e se existe não está preocupada conosco.

- Você não sabe do que está falando, meu filho. Cale-se agora antes que atraia um tipo de maldição muito pior para si mesmo. Há poucas coisas mais perigosas do que as palavras negativas de maldições que proclamamos contra

nossa própria história.

- Você não quer que eu me cale para me proteger. Quer que eu me cale porque sabe que eu tenho razão, que a magia não existe.

- Filho, eu te ensinei muitas coisas e o instruí da melhor forma que eu podia, sei que você vai ser um rei inigualável e não tenho dúvidas de que sua mãe estaria orgulhosa, mas não seja burro e presunçoso o suficiente para achar que toda a verdade que você conhece é toda a verdade que há para conhecer. Saber muito não é saber tudo, Daniel.

- Então me conte. – suplicou ele – me ajude a entender! Mas por favor, não force Grace a se casar com um deles, pai.

Marius suspirou, balançando a cabeça negativamente. Naquele momento a rainha Myra se aproximou deles, levemente assustada. Talvez tivesse a voz mais baixa que Dan já ouvira na vida.

- Alteza, Daniel - Ela fez uma reverência a eles. - Vocês sabem onde James e Neil estão?

Eles olharam ao redor, mas nem Neil e nem o barba azul estavam em nenhum lugar que pudessem ver.

Grace também não estava mais ali.

- Está ardendo? – Perguntou a princesa para Neil enquanto passava um pano com água na ferida aberta, sangrando num hematoma que agora escurecia por suas costas. Grace havia ficado espantada quando ele tirara a camisa, porque nas costas dele havia muitas cicatrizes e marcas de feridas do passado desenhando em sua pele muito branca.

- Não, Grace, tudo bem. Escute, eu preciso ir. – Neil estava sentado numa cadeira de madeira com a camisa de linho abaixada até a metade e as costas expostas. A sala era grande, com dois sofás numa extremidade mais longe, frente a uma lareira que estava apagada. Uma estante pequena no meio do caminho e uma mesa larga de estudo com doze cadeiras ao redor, numa das quais Neil estava. Grace estava de pé ao seu lado, molhando um pano na água com arnica e passando pelos pontos das costas dele onde estava vermelho demais.

- Eu já disse a você que não vai a lugar algum sozinho, Neil. Mais que teimosia! Se você acha que vai sair daqui e ir enfrenta-lo novamente depois do que eu vi aqui, você não podia estar mais errado.

- Você não entende. – Ele pegou a mão dela com firmeza e a olhou fundo nos olhos. – O que ele vai fazer agora, o que ele veio aqui fazer. Eu preciso detê-lo. O meu pai é uma pessoa muito perigosa, Grace.

Neil se levantou e vestiu a camisa, se encaminhando para a porta, mas Grace bloqueou a passagem com o próprio corpo, o vestido azul bebê agora com o colo manchado de sangue. Sangue que limpava das feridas de Neil. Quando ele tentou passar, ela estendeu a mão e tocou-o no peito, forçando-o a parar.

- Me conte o que ele veio fazer, Neil. Me deixe te ajudar.

- Grace, eu prec... – Ele colocou a mão sobre a mão dela que estava sobre seu peito – O que você está fazendo?

Antes que Grace pudesse responder, um brilho leve e perolado começou a emanar de sua mão, como se entrasse no peito de Neil. Pouco a pouco, enquanto a mão de Grace estava sobre o peito dele, Neil foi sentindo a ferida se fechar em suas costas. Durou quase um minuto. Ela olhou assustada e tentou tirar a mão do peito dele, mas ele a segurou ali.

Tão subitamente quanto aparecera, o brilho se esvaiu da mão dela, e o corpo de Neil se balançou para a frente, no que Grace o ajudou a se equilibrar.

- Você está bem? – Ela perguntou atônita. Não fazia ideia do que havia acabado de acontecer. Havia entrado naquela sala para se esconder de Neil e também pensar sobre as tantas informações que recebera naquele dia. Se encontrava deitada num pequeno sofá que a escondia com seu encosto, na outra ponta da sala larga, quando ouvira duas vozes entrando numa discussão e fechando a porta atrás de si.

Não querendo atrapalhar e nem ser descoberta, ela ficara ali deitada na esperança de que nenhum dos donos das vozes a descobrisse. Quando identificou os envolvidos no debate acalorado, a reunião privada já estava se tornando uma briga. Grace ouvira coisas horríveis, de insultos a tapas e até um soco surdo, abafado por algumas camadas de roupa. Eventualmente quisera partir, mas seu medo a paralisou no lugar e ela esperou que a porta se abrisse e fechasse atrás de si até que o barba azul foi embora e Grace ouvira

apenas as respirações lentas e dolorosas de Neil.

James partira bufando e gritando que precisava destruir os registros da traição que sua família sofrera, e que estava desapontado pelo filho fraco que Neil era, por não o ajudar com aquilo. Posteriormente Grace viria a saber que rompantes de fúria como aquele se transformavam em agressão física com muito mais frequência do que qualquer herdeiro do trono teria coragem de admitir. Mais do que assustada, no entanto, Grace estava com raiva. Ouvir as coisas que foram ditas, e, principalmente, o modo como elas foram ditas, fez com que a princesa se atentasse para o fato de que Neil não dissera o que dissera para ameaçar Grace, mas de fato para protegê-la.

Ele respirou fundo, como se seu pulmão tivesse acabado de aprender como se fazia.

- Na verdade, eu acho que eu nunca me senti melhor em toda minha vida. - As mãos de Neil se moviam em direções diferentes pelas costas dele e com uma piscada longa ele pareceu encontrar o que queria, tateando às cegas por cima da camisa, e então a erguendo. Os hematomas vermelhos tinham desaparecido e não havia nenhum corte nas costas de Neil. – Você me curou, Grace.

Seus olhos não podiam acreditar no que via. Os hematomas estavam ali há dois minutos atrás. Grace não poderia tê-lo curado, não poderia... A menos que fosse..., mas não era, não. Não havia como ser *meio* fada. Não havia como. Mas também não havia como ter curado o corte nas costas de Neil, então, o que estava acontecendo?

- E-eu... Neil, eu não sei o que te dizer, e-eu... Isso nunca aconteceu antes.

- Não aconteceu antes ou aconteceu e você não percebeu que aconteceu? – Ele perguntou, arqueando as sobrancelhas que emolduravam seus olhos castanhos.

Se ela podia curar as pessoas, por que não havia sido capaz de curar sua mãe?

- Nunca aconteceu. – Mas se lembrou de quando a correnteza lhe afogara e Dan mergulhou para salvá-la. Lembrava-se sempre de não ter se machucado, mas e se tivesse se machucado? E se tivesse se machucado e se curado logo em seguida?

- Vamos averiguar isso mais tarde. – Ele disse simplesmente – Agora eu preciso ir atrás do meu pai, mas, muito obrigado. – Neil sorriu com os olhos, e as pontinhas de suas orelhas se ergueram levemente quando ele o fez.

- Você não sabe onde ele está, não teria como chegar lá se soubesse e não sabe passar pelos guardas para começar a procurar. Estamos em Solum agora, Neil. Eu posso te ajudar, deixe-me ir com você.

Neil assentiu.

- Tudo bem, mas só porque agora eu sei que você pode tomar conta de si mesma. – Ele olhou a redor – Então quer dizer que você sabe como sair daqui?

Grace se encaminhou para o outro lado da sala, perto da lareira, em frente ao

sofá onde havia ido se deitar mais cedo. O príncipe de Cantio em seu encalço. Ela colocou a mão por dentro da lareira e mexeu numa trave. Um clique se fez ouvir e uma abertura leve apareceu no painel de madeira que cercava a lareira, com o papel de parede escuro.

- Olha quem é cheia de segredos. – Disse Neil com um sorriso. Uma vez dentro do túnel, Grace o guiou até o lugar onde havia combinado com Dan para deixasse suas coisas. Hermes estava amarrado ali perto, com uma sacola funda de couro se pendurando de suas ancas. Grace abriu a sacola para conferir. A capa de sua mãe e o caderno aveludado estavam lá dentro. – *Você já estava indo a algum lugar? Estava não estava?*

Grace não o respondeu, simplesmente montou Hermes e fez sinal para que Neil fizesse o mesmo.

- Vamos fazer assim. Eu te conto uma coisa e você me conta uma coisa. – Ele disse se acomodando na garupa. Jamais havia cavalgado na garupa de um cavalo guiado por uma princesa de catorze anos com poderes de cura. Talvez estivesse animado demais para alguém que havia acabado de levar uma surra do pai, mas Neil sabia aproveitar as partes boas das coisas, e Grace parecia estar repleta de surpresas muito boas. Não que ele não estivesse ferido, apesar de sua pele já não sangrar mais, mas havia aprendido a tentar concentrar suas energias em algo além da raiva que ter de lidar com seu pai abusivo gerava na boca de seu estômago, porque ao focar nisso gerava em si mais e mais raiva que nunca o levava à lugar algum além da frustração.

- Sim, - disse Grace – eu estava indo a algum lugar. Não que isso seja da sua conta. – Ela respondeu ácida. Não estava com a cabeça muito disponível para

amenidades enquanto sua mente tentava racionalizar a cena de cura que não apenas assistira, mas protagonizara.

Neil assentiu e respondeu.

- Bem, princesa-a-quem-tentei-protetger-mas-aparentemente-nunca-teve-reais-intenções-de-se-casar-comigo, a biblioteca da cidade, você sabe onde é? É onde ele foi. Meu pai, quero dizer, ele foi para a biblioteca.

Grace segurou o arreio com confiança. Havia poucos lugares onde ela sabia chegar com tanta certeza quanto sabia chegar na biblioteca da cidade, e apesar de nunca ter ido até lá de madrugada, sabia que a lua cheia que enchia sua noite de luar, a ajudaria a enxergar mesmo o que não estava visível num primeiro olhar mais desatento.

Eles cavalgaram pelo caminho ladeado de árvores que levava até os muros de *Firebird*. Passaram como um vulto pelos guardas reais que estavam atentos demais guardando a entrada para se prevenirem de uma saída em fuga, e seguiram caminho pelas ruas enviesadas das quais Grace tanto gostava.

Quase prestes a virar numa esquina para chegar até a praça, Grace começou a sentir um cheiro de fumaça enquanto fuligens dançavam pelo ar da noite. Por entre as ruas, janelas começavam a se abrir com cabeças curiosas saindo para fora, e, mais diante, onde a princesa haveria de virar, na esquina da praça, um pequeno grupo de pessoas se formava. Homens e mulheres, correndo, chorando e gritando pelos outros que ainda dormiam.

Grace puxou o arreio com toda a força quando a luz de uma imensa tocha

invadiu seus olhos no minuto em que chegou na praça. Ali bem de frente, atrás de todas as bandeiras e luzes penduradas nas árvores e postes, do outro lado das flores e árvores, bancos e balanços que Grace adorava ver, estava sua biblioteca favorita, exceto que agora completamente em chamas, tomando a noite de luz e calor.

Suas mãos cobriram a boca imediatamente quando ela desceu do cavalo, parando ali por meio segundo antes de começara correr, mas sentiu braços fortes a conter-lhe. Era Neil, e seus olhos estavam cheios de ódio e dor.

- Não, Grace. Você não pode... É tarde demais.

Grace começou a se debater dentro dos braços dele, mas ele era alto e forte demais para que ela conseguisse se esquivar do abraço protetor dele, que a imobilizava, então ela começou a chorar, esmurra-lo e gritar, tudo ao mesmo tempo.

- NÃO! ME SOLTE AGORA, NEIL! ME SOLTE! EU PRECISO TIRÁ-LOS DE LÁ. EU... –um soluço agudo, cuja dor atingiu Neil na boca do estômago, saiu da garganta dela enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. – POR FAVOR! POR FAVOR, NEIL! – e ela tornou a bater nele para que a soltasse, mas Neil a abraçou ainda mais forte e começou a chorar também.

- Eu sinto muito, Grace. Eu sinto muito, mas não posso deixar que você vá. É o que ele faz, por onde ele passa ele destrói tudo. Eu não posso deixá-lo fazer isso com você, entendeu? Eu sinto muito, me perdoe. Me perdoe, Grace. Eu não posso, me perdoe.

- POR FAVOR! É A MINHA VIDA TODA QUE ESTÁ LÁ DENTRO, EU PRECISO... POR FAVOR, NEIL! NÃO!

A voz dela foi se tornando mais aguda à medida que chorava e o desespero tomava conta de seu coração. Ao seu redor, todas as pessoas também choravam. Algumas tapando a boca com as mãos, outros ajoelhados, como se doesse muito para ficar de pé. Mas todos, com suas camisolas largas e roupões amarrados, a maioria com os pés descalços, tinham lágrimas escorrendo pelos olhos.

A respiração de Grace foi voltando ao normal e Neil parou de chorar, mas o ódio que sentia por seu pai e a raiva em ver Grace, tão corajosa e gentil, sofrendo tanto, ainda cresciam dentro dele. Neil foi afrouxando o abraço devagar.

- Posso soltá-la? Você não vai correr para o meio do fogo?

Ela fez que sim com a cabeça, e ele a soltou. Mas assim que ela tirou a cabeça do peito de Neil e olhou novamente para a biblioteca em chamas, o barulho dos vidros estourando e caindo e toda aquela fumaça, ela deu um impulso para correr de novo, e Neil tornou a segurá-la.

- Por favor, Grace. Temos que ir. – Agora uma multidão grande se juntava ao redor deles e Neil podia ouvir o nome de Grace ser repetido diversas vezes. – Não há nada que possamos fazer aqui, mas ainda podemos pará-lo e impedir que ele continue saindo impune.

Ele a soltou, pronto para imobilizá-la novamente com o próprio corpo caso ela tentasse correr para o prédio que caía e queimava, mas ela não fez aquilo. Não fez nada. Seus olhos vidrados estavam presos na biblioteca, e a cada barulho de vidro estourando e caindo, ela apertava os olhos com força e contorcia o rosto numa expressão de dor, como se os vidros a rasgassem de dentro pra fora.

Neil pegou Grace no colo, o que não foi muito difícil já que ele era bem maior que ela e ela agora não mais se debatia. Colocou-a de volta em cima de Hermes, dessa vez propositalmente na frente, porque abraça-la e guiar o cavalo era a única forma de garantir que conseguiria tirá-la dali sem que ela caísse do animal. Ele não conhecia o lugar para onde estava indo, e Grace estava em estado de choque, por isso, sem tê-la *consciente* para guia-lo, ele cavalgou um pouco em direção contrária ao castelo, para se afastar do movimento e das pessoas que se aglomeravam.

Depois de diminuir o galope e trotar vagarosamente por uma colina, Neil desmontou Hermes. Carregando Grace por cima dos ombros ele a colocou sentada com as costas apoiadas em uma grande pedra. No horizonte, o amanhecer começava a enrolar o pergaminho da noite de volta em seu rolo, cobrindo a escuridão com os primeiros raios de sol.

- Grace, - ele disse olhando-a nos olhos com gentileza – eu preciso que você volte. Respire fundo. Você está ouvindo a minha voz?

Ela não estava. Ou se estava não fez questão de informar-lhe. Seus olhos continuavam vidrados num ponto fixo à sua frente, olhando o nada e piscando pesadamente. Neil beliscou seu braço, mas nem o estímulo da dor

lhe despertou os sentidos.

Neil suspirou em seu lugar. Podia voltar pro castelo, entregar uma princesa aparentemente desacordada, mas de olhos abertos, ou podia encontrar uma forma de tirá-la de seu estupor e voltar ao normal, para que pudessem encontrar uma maneira de incriminar seu pai e fazê-lo pagar pelo que havia feito. Suas opções eram muito limitadas, e quando ele pensava sobre tudo que seu pai havia feito, dentre as mais sórdidas a queima da biblioteca não chegava nem em terceiro lugar.

Mas Grace estava indo para algum lugar, ele se lembrou. Talvez houvesse alguém lhe esperando, alguém que pudesse ajudar. Se havia um cavalo e uma bolsa esperando por ela na madrugada, talvez ela tivesse um cúmplice dentro do castelo, alguém que já havia se preparado com uma história para caso ela não voltasse.

Abrindo a bolsa e jogando seu conteúdo no chão, Neil encontrou o livro aveludado. Estava escrito à mão e ele não quis intrometer, de modo que ao invés de lê-lo, segurou pela lombada e sacudiu. Um pergaminho com um mapa mal desenhado de última hora caiu de dentro dele, com uma rota marcada em tinta e um círculo em algum lugar em volta de um lago, olhando mais de perto Neil identificou que o lugar ao redor do lago era Viridi Flumini.

Embaixo da rota apenas seis palavras formavam uma espécie de lista. *Loja do Sr. Pender. Maldição. Stohlie*. Ele ergueu os olhos por cima do mapa em direção à Grace, escorada na pedra com os olhos vidrados, a respiração lenta e o vestido levemente manchado do sangue dele. Ela sabia desde o princípio.

Ela sabia e mesmo assim dançara com ele, mesmo assim o ouvira, mesmo assim o curara. Aquela visita nunca fora sobre ele alertá-la e protegê-la porque ela já vinha se protegendo desde o princípio.

- Grace? – Ele se ajoelhou em frente à pedra para igualar a altura de seus olhos. – Grace? Você está me ouvindo?

Os olhos dela ainda contemplavam o horizonte, sem brilho. Neil já vira muitas coisas horríveis e ouvira falar sobre traumas pós estresse, talvez Grace estivesse repassando dentro de sua mente o que os olhos viram, presa dentro de sua própria cabeça. Ele, no entanto, estava esgotado de viver uma vida de medo e reclusão baseada em escapar das consequências horríveis da maldição de sua família e falta de compaixão de seu pai, que por toda a vida vinha fazendo coisas estúpidas no calor da raiva.

Toda a viagem dele havia sido feita em prol de recuperar um livro que ele dizia contar a história de seus antepassados, e restaurar o equilíbrio perdido pelos Cantio com a morte de Brandon e Erin, tantas décadas atrás, seu pai chegara antes e colocara a biblioteca abaixo.

Neil não conhecia Stohlie e sabia que o outro ponto da lista, a maldição, nunca havia lhe ajudado por toda a vida, por isso ele guardou o mapa no bolso e pendurou a sacola de Grace na traseira de Hermes novamente, carregando-a de volta para o cavalo e se pondo em direção à Loja do Sr. Pender com seus braços a sustentar Grace no cavalo enquanto ele segurava o arreio por detrás dela.

~ Capítulo XII ~

A garota do corvo

Remexendo-se dentro do abraço de Alex, Nora apertou os olhos antes de abri-los, bem quando uma luz clara começou a escapar por entre as folhas da velha e grande árvore embaixo da qual ela se deitara. Acordaram na mesma posição em que foram dormir, deitados um ao lado do outro, ela protegida pelo abraço dele.

Nora se descobriu da parte da toalha que lhe protegera pela noite, mas deixou Alex deitado ali, tão serenamente quanto estava antes. Ela se levantou e foi até o cavalo, fazendo um carinho nele, que comia grama, e, conferindo a mala no chão para ver se seu pequeno corvo estava em repouso, a princesa colocou a mão por entre os tecidos e o acariciou.

- Vou cuidar de você, garoto. Você vai ficar novinho em folha. – Ela disse descendo com ele nas mãos em direção ao rio.

A princesa colocou-se a descer o rio até um lugar onde a margem dele era mais calma. A campina em que estava agora era mais plana, e Nora via os telhados da cidadezinha apontando no alto da colina no meio da qual a árvore estava. Não estavam muito longe de Harpia, ela percebeu olhando as plantações secas de abóboras descendo pela encosta de um morro não tão inclinado, um pouquinho mais afastado de Harpia. Haviam passado por ali na noite anterior, mas fosse pela exaustão pós embate com os homens que a atacaram, fosse por estar à noite ou fosse por não ter treinado seu olhar para enxergar esse tipo de coisa, ela não tinha observado quão morta a vegetação estava.

Toda sua terra parecia com a seca, e o coração dela pesou ao ver quão seca estava a parte da relva que se afastava demais da beira do rio. Com a água fresca correndo pela margem, Nora lavou o rosto e deu água de beber para o corvo, enchendo também seu cantil, pendurado no cinto.

- Acho que vou chama-lo de Robin. – Ela disse para a ave. Que crocitou em concordância. – Você quer morar comigo? Para que eu sempre me lembre de como me salvou. – Nora acariciou a cabeça dele.

Enquanto lavava o rosto, umas cenas da noite anterior começaram a voltar em flashes. Colin chorando enquanto mordia o pão; Connor prendendo-a pelo pescoço e sussurrando em seu ouvido; a sensação da espada penetrando o corpo dele e o sangue que jorrou quando ela tirou o metal forjado de dentro de sua pele; a flor que se desabrochou do túmulo improvisado dele. Nora balançou a cabeça, espantando essas lembranças. Seguindo o rio, relativamente perto de onde estava, ela ouviu sons de risada e ergueu os ombros para redobrar a atenção.

Não muito longe dali duas mulheres entraram no rio, jogando água uma na outra, cantando e se divertindo com a correnteza. Elas eram bem mais velhas que ela, Nora observou. Como sua mãe. Uma delas era negra e tinha um cabelo crespo, no qual a outra jogava água. A outra era mais gorda e muito loira, e as duas davam risada, vestidas apenas por uma camisola fina que cobria seus corpos e logo que se molhou colou em seus corpos, delineando as silhuetas. As mulheres, no entanto, não pareciam se importar em estarem expostas pois logo em sequência um homem se sentou na beira do rio com um violino e se colocou a tocar para elas, que continuavam a cantar e se

divertir enquanto se lavavam.

Nora queria sair sem ser vista pois parecia um momento muito íntimo. Ela não desejaria ser incomodada por uma completa estranha caso estivesse seminua se banhando num rio. Lembrava com carinho dos banhos de cachoeiras que Alex e ela frequentemente tomavam quando eram mais novos, e de como era divertido poderem molhar e brincar um com o outro dentro da água. Aquilo parecia diferente, e Nora soube que de fato era quando o homem uniu a melodia de seu tamborim às vozes delas.

Era a língua que Alex cantara. A música foi tomando conta do ar e sendo levada a todo canto pelo vento. Debaixo daqueles primeiros raios da manhã e sentindo tanta paz pela melodia que a envolvia, Nora desejou entrar no rio e se banhar também; uma refrescada nas ideias e uma lavagem de alma lhe seriam bem-vindas.

Não tão perto do rio onde as mulheres se banhavam, descendo a campina, um homem com duas grandes sacolas de pano à tiracolo tocando uma flauta veio se assentar ao lado do violinista e uma terceira mulher carregando uma grande harpa com o auxílio de um outro homem se aproximou. O homem e a mulher colocaram a harpa no chão e a mulher começou a trocar seus dedos pelas cordas dela com tanta suavidade que Nora começou a dançar sem perceber.

O homem da flauta organizou uns galhos numa parte mais seca, em cima de uma pedra larga, um pouquinho mais afastada da margem e começou a acender uma fogueira. Tirando uma frigideira larga de dentro de uma sacola grossa de pano e alguns ovos de outra, ele começou um café da manhã

improvisado enquanto os outros cantavam e dançavam. Mexia os ovos no ritmo da dança com seu corpo deslizando de um lado para o outro em volta da própria circunferência. Embalado pelo ritmo do violino ele cantava com elas numa voz alta e imponente.

Robin se mexeu na margem do rio onde Nora o deixara, e crocitou alto, se colocando sobre seus pés e sacudindo as asas como quem espreguiçava os braços. O barulho que ele fez tirou Nora do transe da dança e fez com que se virasse para olhá-lo, mas ela não foi a única, o grupo à margem do rio percebeu sua presença e começou a acenar pra ela.

O corvo voou por cima de sua cabeça e pousou em seu ombro quando ela se colocou de pé.

- Robin, - ela disse acariciando-o – como você sarou tão rápido?

As mulheres saíram do rio e vestiram suas roupas. Vestidos soltos e simples que grudaram em seus corpos molhados, por cima da leve camisola já molhada que usaram para se banhar. A terceira, que tocava a harpa, acenou para Nora e fez um sinal com a mão para que se aproximasse. As outras duas se sentaram e continuaram a cantar, tão naturalmente como respiravam, mas o som era tão acolhedor que envolvia Nora por completo. Alguns pássaros, no topo dos galhos das árvores que se debruçavam sobre a outra margem do rio, se juntaram à cantoria. Inclusive Robin, que voou de seu ombro para a pedra onde o homem da flauta mexia os ovos.

- Robin, volte aqui. – Ela gritou para o corvo.

Nora não havia levado sua espada para o rio, na verdade, fora a última coisa que fizera antes de se deitar - tirá-la de perto de si - e não pretendia embainhá-la tão cedo pois sentia que o metal ganhara um peso extra entre seus dedos, como se o sangue de Connor ainda estivesse impregnado nela. Mas o fato de não ter como se defender caso aquelas pessoas se voltassem contra ela como Connor fizera, não a fez ter medo de se aproximar. Até porque mesmo com a espada Nora não teria podido se defender de seis pessoas. Mas ela se aproximou mesmo assim. Porque na verdade o pensamento de que eles pudessem lhe trazer qualquer coisa além de paz sequer passou pela sua cabeça.

- É um belo corvo, - disse o homem da flauta quando Nora se aproximou – Eu sou o Gyleenhaal, mas pode me chamar de Gyl. – Ele apontou para o resto do grupo, começando pela mulher na harpa, e depois para o violinista, até o homem que ajudara a harpista a colocar a harpa ali e agora acenava para Nora com um peixe na mão, de dentro do rio, terminando nas duas mulheres que se banharam. – Esses são Karina, Lewis, Bernard, Toni e Sophie.

Todos eles a cumprimentaram com entusiasmo e um sorriso no rosto. Sophie, uma das mulheres mais lindas que Nora já vira, a negra que se banhara no rio, se aproximou de Nora e puxou-a para se sentar ao lado de onde ela estava. À exceção de Toni, todos os outros tinham a pele negra, em diferentes tons, e os cabelos escuros.

- A garota do corvo. – Sophie disse colocando a mão sobre a testa dela. Robin pousou em seu ombro novamente.

- Vou colocar mais uns ovos para você também. – Disse Gyl voltando a

dançar quando o grupo deu os cumprimentos por terminados e voltaram a cantar e tocar – Ei, Bernard! – Gyl chamou o homem no rio com o peixe na mão – me traga esse pacu aqui, garoto!

Bernard não era um garoto. Nora talvez achasse que Alex fosse um garoto, ou Neil, ou ela fosse uma garota, ou mesmo Genevieve. Mas Bernard era um homem mais velho, forte e barbado de queixo quadrado. Sob nenhum aspecto possível podia ser confundido com um garoto.

- Na verdade, - disse Nora estupefata – eu preciso ir, não quero que meu companheiro de viagem fique preocupado e precisamos ir seguindo viagem.

- Nós estamos indo para Solum, - Karina disse por detrás da harpa alta que ela ainda tocava – você precisa de uma carona? Tem espaço na nossa carroça.

- É muita gentileza sua, - disse Nora se levantando, mas Robin voou de seu ombro no momento em que ela o fez – mas eu preciso mesmo ir andando. Vamos, Robin.

- O nome dele é Elliot. – Disse Sophie – qual é o seu, garota do corvo?

- Como você sabe qual o nome dele? – perguntou Nora inquieta. Talvez tivesse se engando, talvez não fossem pessoas em quem deveria confiar tanto quanto achara.

- Ele nos mandou até aqui para encontrá-la. – Lewis disse, baixando seu violino.

- Para me encontrar? Por quê?

- Esperávamos que você pudesse nos dizer. – Disse Sophie tomando a pelas mãos – Estávamos indo para Solum, saindo desde Amlívelir pois soubemos do Festival da Primavera e há grandes rumores sobre esse evento. De praxe teríamos contornado a floresta pelo Norte e passado pela mesa de pedra, mas Elliot aqui apareceu no meio do caminho e nos disse para tomarmos a estrada para Harpia pois a parte mais importante da viagem não era chegar, mas ajudar você a chegar.

- Elliot lhes *disse*? - Nora olhou para Elliot e ele crocitou alto, parecendo concordar. – Com palavras? Como eu estou dizendo?

- Bem, - disse Sophie – na verdade, ele meio que recita poesias.

Nora riu. Era melhor ir voltando, não queria envolver com pessoas que achavam que seu corvo não apenas falava, mas recitava poesia.

- Por que vocês haveriam de me ajudar? – Perguntou Nora.

- Ora, querida. A ajuda que uma pessoa precisa é pessoal consigo mesma, eu não posso dizer-lhe como ou por que você precisa de ajuda, só posso oferecê-la uma vez que você já saiba disso.

- Escute com atenção, inquieto coração, para a festa além da fronteira você precisa desocupar a trincheira. Na trupe há sempre um lugar para aqueles que às vezes precisam de ar. – Elliot recitou com uma voz grave e terminou com um crocitar, pousando no ombro de Nora novamente, que o olhava de boca

aberta.

- É um grande guardião que você tem aí. – Disse Gyl por cima da fumaça que subiu da frigideira quando ele colocou os pedaços de peixe ali.

- Que tal ir buscar aquele seu companheiro? – Perguntou Sophie, e Elliot fez um carinho no rosto de Nora – nós queremos chegar em Solum hoje, e há muitos outros lugares para onde precisamos levar a música.

A trupe recomeçou a tocar depois de um pequeno intervalo em que comeram os ovos e a música tornou a preencher o espaço, como se ocupasse um certo volume e fosse quase tão perceptível quanto Elliot pousado no ombro de Nora. Ela podia sentir a presença da música, como uma coisa física que preenchia o espaço, e apesar de perplexa pelo corvo poeta em seu ombro que lhe acariciava o bico na bochecha, não pensou duas vezes antes de começar a se mover ao som do violino novamente. Robin, ou Elliot - como quer que ele chamasse - havia de fato salvado a vida de Nora. E Sophie não mentira, ele de fato recitava poesias. Por tudo que ela sabia, aquelas pessoas alegres e muito cheias de vida que Nora encontrara em seu caminho não podiam estar falando mais a verdade do que haviam falado.

- Ah, não vai ser necessário. Aí vem ele. – Disse Sophie apontando para o garoto e o cavalo que se aproximavam. Alex empunhava o arco, e parecia prestes a disparar no minuto em que fosse preciso.

- Ele também tem nele, - disse Toni à Gyl quando Alex se aproximou de Nora perguntando quem eram aquelas pessoas e o quê diabos ela estava fazendo ali – está sentindo, Gyl? Ele também tem nele.

Gyl assentiu.

- Ei garoto, por que não larga esse arco? Suas armas não têm qualquer efeito contra nossos instrumentos.

Alex o ignorou e inqueriu Nora novamente.

- O que você está fazendo aqui, Nora? Sabe que não podemos nos separar. Quem são essas pessoas? – Alex a puxou com força pelo braço, afastando-a de onde estavam. – Você não pode fazer isso de novo, está me ouvindo? Sair por aí sem me falar onde foi! Nora, eu acordei e você não estava lá! Tem alguma noção das coisas horríveis que comecei a pensar? Eu fico louco só de imaginar alguma coisa acontecendo com você.

Alex a abraçou.

- Alex, eu acho que a música nos trouxe aqui. Essas pessoas... Elas cantam como você.

Ele olhou de volta para o grupo, que cantava e dançava de novo. Ouvindo com atenção, Alex era capaz de perceber desde cada tom de diferença das vozes deles até o chiar do peixe na frigideira, e o canto dos pássaros na outra margem do rio. A poeira se levantava sob seus pés quando eles dançavam e o barulho de pés batendo no chão fazia como uma bateria para a música.

Nunca conhecera ninguém que cantava como ele, porque as músicas que cantara foram seu pai que lhe ensinara, tendo aprendido do pai dele, quando

Ravonlor ainda era conhecido como a terra mais harmoniosa entre os reinos.

Nora contou por alto sobre as coisas que eles haviam lhe dito, e Alex olhava perplexo de Elliot para Gyl, para Nora, para Sophie e de volta a Elliot. Ao som da música ele se sentiu acolhido, como se conhecesse aquelas pessoas por toda a sua vida, como se seu lugar fosse ali.

- A música deles curou o corvo, Alex. É quase como se fosse... como se fosse viva. – Nora disse com os olhos brilhando.

Já haviam passado por coisas demais num período muito curto de tempo, e, ainda assim, Alex não sentiu que nenhuma das coisas que Nora lhe dizia era menos plausível, na verdade, quanto mais caminhavam em sua jornada, mais possíveis as coisas impossíveis lhe pareciam.

Dando a mão a Nora, Alex se aproximou da trupe.

- Então, - ele disse jogando o arco no chão. - Vocês estão indo para Solum, é isso mesmo?

- Não antes de dar algo de comer a vocês dois aí. – Respondeu Gyl com um sorriso.

Toni se aproximou de Alex e Nora. Seus olhos claros, num tom de cinza, se arregalando para examiná-lo. Com os dedos pequenos e rechonchudos ela tocou-lhe o rosto.

- Você carrega dentro de si, não carrega, garoto? – Ela perguntou

emocionada.

- Carrego o que? – Perguntou Alex.

- O poder da música, perdido há décadas pelas gerações de nossos avós que inverteram suas prioridades e esqueceram de onde a magia verdadeiramente vem.

- Eu... eu sei cantar, sim. – Disse Alex simplesmente com um dar de ombros.

- Não é só sobre saber cantar, mas acreditar nas palavras. – Ela disse com um sorriso misterioso - Cante conosco. – Toni pegou-o pela mão, mexendo os braços dele num ritmo lento que acompanhava seus passos.

A trupe se uniu em uma só voz. Alex sabia a letra, e embora Nora não soubesse o que significava, o som a preencheu e a fez se sentir completa. Elliot e os outros pássaros se uniram a eles.

A brisa carregava a música colina acima, até os campos de abóboras, e soprando o som como um grande fôlego de vida por aquela terra seca.

- Alex! - Chamou Nora com os olhos cheios de lágrimas de alegria enquanto seu próprio pescoço, ombros e pés – cada membro do seu corpo – se movia no ritmo da harpa e do violino, embalada pelas vozes incorporadas da trupe e de Alex, que na verdade pareciam uma só.

- Alex, olhe só! – Ela apontou para a plantação de abóboras que estava seca no nascer do dia, quando Nora as contemplara pela primeira vez. O pequeno

morro foi se alaranjando enquanto o vento carregava a música até lá, fazendo brotar grandes e vistosas abóboras da terra que antes não tinha nada. A música foi acordando o campo.

- É ele. – Disse Bernard largando o peixe e correndo para abraçar Alex. – A sétima voz que procuramos pelos últimos vinte e um anos está no garoto.

~ Capítulo XIII ~
Theales e Theacea

Ella e Ina dormiram abraçadas na cama do quartinho pequeno onde Deacon havia colocado Ella em repouso quando chegaram, no entardecer do dia anterior. Haviam ficado acordadas até muito tarde, enquanto Ina contava a Ella todas as informações de sua família que sua avó lhe relatara.

Os irmãos de seu pai, o incêndio em *Firebird*, o pecado de Brandon e a maldição dos Cantio sobre suas mulheres que sempre morriam ao dar à luz. A herança mágica que carregavam e a explicação sobre Ina ser uma *Muminah*: aquela que acredita. Todos aqueles fatos giravam pela cabeça de Ella, a quem Velska também explicara o que o termo *Unwinder* significava: a capacidade de Ella em tocar objetos e conseguir rever coisas que aconteceram no passado com aqueles objetos.

A manhã vinha irrompendo seus primeiros raios de sol pela janela, e Ella cutucou Ina no braço, acordando-a.

- Não acredito que mesmo na terra da fantasia você ainda insiste em não me deixar dormir, meu Deus! – Resmungou Ina virando para o lado.

- Você vai ficar aí *dormindo*? Isso não faz o menor sentido. Minha cabeça está a mil por hora, implorando para explorar a vila e ouvir mais coisas que nunca pensamos sobre nossa família. E você quer dormir? *Dormir*! Pelo amor de Deus!

- O peso de ser uma pessoa tão incrível me deixa exausta, - respondeu Ina por

debaixo do travesseiro – eu preciso descansar.

- Talvez a gente possa descer e tomar café da manhã, pelo menos? – Disse Ella se levantando – Procurar Deacon e perguntar sobre papai? Descobrimos muitas coisas ontem, Ina, mas ainda não sabemos o que realmente aconteceu com ele, e nem como o vovô foi parar no nosso mundo.

Velska apareceu naquele momento, batendo os nós da mão fechada no portal onde deveria haver uma porta, mas não havia.

- É realmente uma história a se contar. – Disse ela se aproximando com duas xícaras de chá numa bandeja que carregava na outra mão – Me permitem?

As garotas fizeram que sim e sua avó se aproximou com seus dedos finos a entregar-lhes as xícaras, sentando-se na pontinha da cama. O lugar onde ela entrava, Ina observou, se preenchia de um cheiro floral, como se a própria primavera tivesse chegado.

- Seu avô me deu uma rosa vermelha no dia que nos conhecemos. Era linda, e eu a encantei para não morrer porque queria tê-la para sempre comigo. Nós continuamos a nos conhecer e cada dia mais e mais nos apaixonamos um pelo outro. Quando eu abri mão de minhas asas para me casar com ele nós éramos muito novos, e Colore estava enfrentando dias difíceis na Era dos Lobos, mas eu soube instantaneamente que era o que eu precisava fazer, porque nunca fez sentido que eu vivesse para sempre e fosse poderosa se não pudesse verdadeiramente amar os mortais. Toda a minha vida se dedicava a tornar o mundo um lugar melhor para eles.

Ella ouvia com atenção e se ajeitou na cadeira ao lado da cama para não perder nenhum detalhe. Ina havia lhe relatado tudo sobre o período em que ficara desacordada, mas ouvir da boca de sua própria avó – uma fada! – era muito diferente.

- Sem as asas, - continuou Velska – eu continuei tendo magia, embora já não fosse mais capaz de influenciar a vida das pessoas ou criar situações para testá-las, puni-las ou recompensá-las. A magia sempre foi uma questão de equilíbrio com a natureza e com a nossa forma de ver e lidar com o mundo, então eu continuei conseguindo cultivar plantas, cuidar de animais e outras coisas menores que não envolviam diretamente os mortais. Sendo herdeiro do trono, Veter assumiria a coroa em breve, mas nunca foi uma coisa que nem ele ou eu desejávamos, ou sequer tínhamos pretensão de fazer. Mas fizemos, porque Colore precisou. O que começara como um ataque de lobos, na verdade acabou se tornando uma guerra entre as forças do bem e do mal em que fadas queriam condenar o homem por seus pecados e com isso foram corrompidas e seduzidas pela magia negra.

Como que num aviso, Velska ergueu os olhos para as netas antes de continuar.

- Ter muito poder sobre as pessoas, minhas netas, é frequentemente o que nos faz perder o poder sobre nós mesmos. Quando as fadas começaram a ter suas asas removidas por punição, se tornaram incapazes de usar sua magia para o bem, porque já haviam se tornado muito gananciosas e juízas de destinos. Por isso o ataque dos lobos, na verdade, deu início a uma chacina sobre essa terra. As bruxas, fadas punidas pela natureza, se uniram com outras forças negras para tentar expurgar a magia branca daqui.

Ella teria nadado de braçada nas palavras da avó se elas fossem um rio. Era a história mais envolvente que já ouvira, e ela podia dizer que conhecera histórias o suficiente para entender que não há nenhuma história tão boa quanto a tangível, que não apenas ouvimos como também podemos viver. Aquela era mais do que sua, era a história de toda sua família. Em sua mente era como se as palavras se tornassem imagens e ela quase se sentia no meio da história de sua avó; uma expectadora distante.

- A força das trevas foi ganhando adeptos, as pessoas se tornaram egoístas e más, e soldados foram morrendo em batalhas. Os campos começaram a ficar inférteis. Por isso, quando Gregory nasceu, bem no início de toda essa sujeira, antes de a guerra ter ficado tão feia, Veter e eu estávamos em uma jornada à mesa de pedra, da qual apenas algumas pessoas ainda falavam sobre, mas veja, só porque as pessoas ressignificam e se esquecem do que é sagrado, o que é sagrado não vai deixar de ser o que é. O pai de vocês, na verdade, nasceu ali, em frente ao jardim da torre, numa noite de trovões, mas sem chuva. Em cima da mesa de pedra, um dos lugares mais sagrados dessa terra, onde a criação quando em harmonia nos permite pequenos vestígios da magia invisível que cerca a todos nós.

- Vovó, - disse Ina, mas se arrependeu, pois não sabia se podia chamar Velska assim, e Velska, ao notar seu cuidado assentiu para que ela prosseguisse – você deu à luz no meio do mato? Numa mesa de pedra milenar onde as leis da magia foram escritas?

- Sim, Ina. Seu pai nasceu em um dos lugares mais cheios de magia que essa terra já conheceu. Talvez seja por isso que a torre o tenha escolhido, quase

duas décadas depois, para fazer o que seu avô e eu tentamos, mas não conseguimos.

- O que é que tentaram fazer, vovó? – Perguntou Ella sem conseguir se conter.

- Queríamos viajar pelas dimensões e procurar uma forma de ajudar Colore, nos fortalecendo para a guerra com o que quer que pudesse estar nas outras dimensões da torre. Seu avô nunca conseguiu, mas Gregory foi muitas vezes em viagens entre as dimensões e escreveu sobre suas descobertas, voltando sempre para relatar o que aprendera. Um dia ele voltou, depois de alguns meses fora. A situação da Guerra Negra estava caótica e nosso povo perecia, ele disse que havia descoberto uma forma de proteger o reino, ou pelo menos uma parte dele, preservando-o com magia através do sacrifício de alguém que tinha luz em si. Mas essa não era a maior notícia que nos deu. Gregory estava apaixonado, e disse que não ficaria mais para ajudar um reino que abrisse mão de si mesmo. Ele queria se casar com Lucy, sua mãe, e não voltar mais para Colore porque dizia que não era seguro para ela e tentar trazê-la aqui poderia matá-la; tanto no processo de trazê-la aqui, como pela guerra que acontecia.

- E ele nunca mais voltou? – Perguntou Ina curiosa, sabendo que seu pai amara sua mãe o suficiente para escolhê-la independente do que fossem as outras opções – Nem mesmo para visitar? Para saber se havia dado certo?

- Não. Ele nunca mais voltou. – A voz de Velska embargou.

- Eu sinto muito, vovó. – Disse Ina, compadecendo-se dela.

- Não tem problema, foi há muito tempo e ele tinha razão. É impossível salvar homens que não sabem que precisam ser salvos. Por muito tempo a população de Colore se esbanjou dos benefícios da magia sem se preocupar em como manter o equilíbrio que a natureza pede.

- Vovó, - interrompeu Ina – *A natureza*, que você diz, é o meio ambiente? O espaço? Por que você fala sobre ela de uma forma tão diferente?

- *A natureza*, Ina, é que dá, é o que nos cede a magia em sua criação. Ela é o meio ambiente, sim, as árvores, os rios e os pássaros, mas também é eu, é você. Tudo que vemos, o mundo que nos rodeia, ele não é tudo que existe. Tem muito mais, e às vezes temos vislumbres, nuances, acesso a certos níveis dessa magia. A natureza é quem somos, e quando sabemos ser com ela, a magia acontece.

Ina acenou com a cabeça, como se lhe dissesse que entendera, e Velska voltou à história anterior.

- Antes que ele, Gregory, partisse, eu dividi a rosa que seu avô havia me dado em duas partes. Plantei uma, e dei a outra metade para ele, dizendo que a plantasse também assim que chegasse em sua nova casa.

A boca de Ella se abriu num “O” completo.

- A roseira do vovô... todo aquele jardim maravilhoso que ele passou a vida cultivando... Era seu! Era pra você! Era como se você estivesse lá.

Velska sorriu, assentindo com a cabeça.

- Seu pai plantou a rosa conforme eu havia lhe instruído, e a nova roseira, com magia daqui em outra terra, floresceu e se tornou grande e forte. Um dia, com uma chuva, um de seus galhos quebrou e caiu no chão. No dia seguinte havia uma caixa de correio plantada onde o galho caíra. A minha roseira havia se transformado no par da caixa de correios, e foi assim que seu pai e eu começamos a trocar cartas, de modo que mesmo longe nós conseguíamos nos comunicar. Gregory mudou o nome para Theacea, para começar uma nova história com Lucy.

- Mas como o vovô foi parar lá? – perguntou Ella – Por que ele foi e você ficou aqui?

Velska olhou para baixo, mexendo nas mãos. Não se lembrava qual fora a última vez que falara sobre aquilo.

- Eve se casara com Marius, e, na ausência de Gregory, ela passara a ser a herdeira do trono, de modo que seu avô e eu ficamos livres do peso da coroa. era uma responsabilidade que nunca quisemos ou sonhamos. Mas Marius viera de uma família nobre, e ele sempre teve um bom coração, por isso a coroação deles foi antecipada e assumiram a coroa logo após o casamento.

Quando Thomas nasceu, alguns anos depois - Velska olhou de esguelha para Ina à menção do nome de Thomas, mas sua neta parecia contida, por isso ela continuou seu depoimento – a guerra já havia se desenvolvido muito e estava quase perdida. Nós pensávamos que não havia nada que pudéssemos fazer para salvar os mortais das forças negras que os rodeavam, porque era mais do que deter os lobisomens ou as feiticeiras. A guerra foi perdida no minuto em que precisamos salvar o homem de si mesmo. Só a bondade e humildade

interior e a magia da natureza podem fazer isso por alguém, de forma que seu avô e eu não tínhamos a menor chance de livrar Colore do mal pois o mal estava em cada um de nós e só aumentava à medida que o homem foi virando as costas para a justiça. O que Brandon fez não foi reparado nunca, e essa mancha ficou na história como um véu rompido com a magia e tudo que ela representava, um véu que se abria cada vez mais, aumentando a separação entre as dimensões do que é físico e do que é invisível – mas existe e é sagrado.

- Então, - disse Ina – vovô foi para a torre buscando uma forma de recuperar essa harmonia dos mortais com a magia?

- Não, Ina. Em grande parte, seu avô, eu... Nós já havíamos desistido. O seu avô foi procurar uma forma de encontrar Gregory porque ele queria saber onde ele estava e como chegar lá, como levar Deacon e Thomas... nós queríamos ir embora. Nós queríamos desertar de nossa própria terra.

Lágrimas rolaram pelo rosto de Velska, ela começou a respirar fundo para conter os soluços. Ina colocou a mão por sobre a dela, com cuidado.

- Mas não desertou. – Ela disse sorrindo – você ficou aqui.

- O que mudou? – Perguntou Ella – Por que vovô foi e não voltou, e por que você não foi também? Como ele passou pela torre? Ina me explicou que ela mesma escolhe quem pode vê-la e quem não pode e só aparece para os escolhidos?

Ina fez um sinal de não com a cabeça, como a reprovar o bombardear de

perguntas da irmã.

- Não importa, Ella. – A caçula respondeu – Os motivos pouco importam quando a decisão já foi tomada. Ninguém liga para os porquês tanto quanto para o que vem depois deles. Vovó está aqui, ela salvou Solum.

- Os motivos sempre importam. – Velska disse secando as últimas lágrimas e acalmando o ritmo da respiração – Talvez não importem para quem não pode compreendê-los, mas sempre e para sempre importam para quem se baseia neles para chegar a qualquer lugar. Para conseguir abrir a fenda entre as dimensões na torre eu precisei abrir mão de quase toda a minha magia e fiquei muito fraca, não consegui trazer seu avô de volta porque eu já não era mais fada, não podia me recuperar de uma magia que não existia em um ambiente destruído por ela mesma. Então ele ficou lá e a caixa de correio se tornou nossa forma de comunicação. Quando eu vi que ele não voltaria e os rumos que a guerra estava tomando eu fui até Bethel, o pequeno vilarejo no extremo norte de Amlívelir, e ali pedi ajuda à natureza. Os Cristais da Magia ficam em uma caverna, no alto de uma montanha nas redondezas de Bethel. Naquele dia em que fui até eles, não sei como, por algum tipo de milagre consegui passar ilesa pela zona de guerra na fronteira de Ravonlor e chegar até lá com Thomas comigo, ele era apenas um recém-nascido...

- O *seu* Thomas? – perguntou Ella.

- *Psssss*, - Ina interview – deixe ela continuar.

- Então, - prosseguiu a avó com os olhos marejados – eu perguntei aos cristais. Eu às vezes acho que não devia ter perguntado, porque eles nem

sempre respondem, mas quando respondem é sempre a verdade e nunca se pode ir contra o que eles dizem.

- Eles respondem? *Como?* – inquiriu Ina num impulso – Eles *falam*?

- Você perguntou *o que*, exatamente? – Ella perguntou erguendo o corpo e pousando a xícara de chá de volta na bandeja.

- Os cristais têm uma concentração de poder muito grande. Há lendas que dizem que as primeiras fadas surgiram naquela região. Quando alguém pergunta coisas a eles, coisas que não dizem respeito a si mesmas, mas que são úteis a outras pessoas, eles respondem como que a guiar a pessoa, ou direcioná-la na jornada que deve enfrentar. Frequentemente eles dão profecias aos que se propõe a encontra-los. Eles não *falam*, mas nos presenteiam com pequenas bolas de cristais em que palavras, como profecias, se formam.

- Por que eles não respondem perguntas sobre nossas próprias jornadas? – A menor continuou interrogando. Pra cada resposta que sua avó lhe dava outras três perguntas surgiam em sua mente.

- Porque nem sempre a jornada que trilhamos é para nós, às vezes ela se trata de pavimentar estradas onde outros vão andar. Realizar nossos sonhos, Ina, é frequentemente ajudar outras pessoas a realizar os sonhos delas, e, no processo, descobrir que estamos prontos para realizar os nossos. O que seu avô e eu fizemos, em querer fugir e cuidar apenas de nós mesmos, aquilo foi errado, e, em contrapartida, ao ficar... foi o que permitiu que essa terra ainda existisse. – Virando se para Ella, Velska respondeu à pergunta que ela fizera

– Eu perguntei se haveria alguma forma de reverter a maldição que se espalhava e cessar com a magia negra.

- O que eles responderam? Os cristais? – Ella perguntou, incapaz de segurar as perguntas dentro de sua boca.

- Eles me deram uma profecia sobre Thomas, e por isso eu entreguei o que sobrou da minha magia para proteger Solum. Naquela noite eu enfraqueci. Quase morri, na verdade, e a caverna dos cristais, em Bethel, brilhou. Do alto da montanha em Amlívelir eu vi como uma redoma perolada descer ao redor de Solum. Logo depois ela desapareceu, mas a terra continuou fértil, e por isso eu soube que havia funcionado.

- Thomas... – Ella fez menção de perguntar – Ele não *sabe*, sabe? O que você fez, ele não sabe. Que você o trocou por Dan para mantê-lo em Solum e assim protege-lo?

- Ella, eu não o tro... – Mas antes que Velska pudesse responder, Deacon irrompeu pela porta com seus olhos grandes e sempre surpresos, e a mesma roupa clara do dia anterior, mas que agora estava bem mais limpa.

- Mãe, o príncipe e a princesa estão aqui e eles precisam de ajuda.

- Daniel e Grace estão aqui, Deacon? – Velska inqueriu, levantando-se num salto. Seu rosto ficou branco.

- Curiosamente, não é esse o príncipe. Neil Cantio, mamãe. Neil Cantio e Grace Theales. A garota está em algum tipo de transe, desacordada, mas de

olhos abertos. Eu acho que você devia vir, todas vocês deviam. – Ele concluiu saindo pela porta, e as três mulheres Theacea o seguiram.

~ Capítulo XIV ~

Um salto de fé

Dan havia procurado Grace por toda parte. Não sabia onde ela estava, mas sabia que Neil, em quem agora ele não tinha mais certeza se confiava, estava com ela. Sabia também que onde quer que eles tivessem ido, não fazia parte do plano que fossem juntos porque toda a fuga de Grace consistia em se afastar do herdeiro de Seacantio. Algo não estava batendo.

Rei Marius estava furioso e rei James entrava e saía bufando de todos os cômodos e falava com quase toda a corte como se fossem um velho saco de pão branco mofado, à exceção de Marius, a quem tentava respeitar, embora nem sempre fosse bem-sucedido.

A barba azul de rei James, seu porte forte e musculoso e seu queixo quadrado eram as primeiras coisas que qualquer um avistaria assim que ele entrava em qualquer aposento. A voz exaltada e as vestes ornadas vinham em segundo plano. Era o tipo de homem que chamava atenção por si mesmo e teria sido tão notado quanto, mesmo se trajasse as roupas de um lacaios. Os olhos azuis de rei James combinavam com sua barba e fazia um contraste contra sua pele muito branca. Mas agora, enquanto ele quase gritava, seu olhar cheio de fúria ganhava um tom mais quente, como se os vasos sanguíneos de suas pupilas se projetassem para fora.

- Onde. Está. O. Meu. Filho? – Ele perguntava pausadamente, mas com firmeza. Como se estivesse se concentrando para não perder o controle e precisasse garantir que eles entendiam o que ele tentava comunicar. Falava devagar, mas imponentemente.

Dan mantinha seu rosto calmo, e, sempre que se lembrava, respirava fundo e lentamente para evitar que socasse a cara azulada daquele homem que a cada minuto passado ele odiava mais. Precisava dar um crédito ao seu pai. Rei Marius não sabia onde a própria filha estava, ao contrário de Dan, que ao menos sabia que ela não tinha sido sequestrada, e, ainda assim, tentava respirar fundo e mobilizar soldados para procurar também pelo príncipe de outro reino. Seu compromisso diplomático era impecável, considerando que sua vontade era ele mesmo deixar a coroa no trono e sair em busca de Grace em pessoa.

Seu pai andava de um lado para o outro, com as mãos na cintura dando ordens a soldados. Agora ele sabia que aquele homem lhe ensinara a respirar fundo e lentamente sob situações estressantes porque ele mesmo estava fazendo aquilo naquele momento.

- Rei James, meu caro, minha filha também está desaparecida. O prédio mais importante do meu reino virou cinzas, e é altamente provável que a festa mais esperada para o meu povo em 21 anos seja cancelada se todos esses problemas não forem resolvidos e responsabilizados da forma como devem ser. Vamos encontrar nossas crianças, eu só preciso que você tenha paciência e cale a boca enquanto eu penso.

Dan ficara chocado quando quebrara o braço e Grace copiara sua lição de casa, porque quando criança os dois sempre ficaram se implicando mais do que se ajudando, depois, quando sua mãe morrera e ele passou o primeiro Festival de Primavera sem ela, ele ficara muito impressionado com a quantidade de saudades que cabia em seu coração. Aos 18 anos ele cavalgara

por 6h seguidas e Hermes não parara sequer para beber água ou diminuir o ritmo. Olhando em retrospecto, haviam sido muitas as situações em que ele se surpreendera ao longo da vida, mas ver seu pai mandando um homem tão imponente quanto rei James calar a boca, estava pelo menos no top 3. Especialmente porque o dono da barba azul não respondeu, e o máximo de trabalho que teve fora revirar os olhos e se virar para falar com um soldado da sua própria guarda.

Rei Marius havia reunido a guarda real de Solum em seus uniformes verde escuros ao redor da sala do trono. Por todo o salão homens fardados se alinhavam à espera do que haveriam de fazer em seguida. A noite que começara em música e terminara em cinzas não parecia tão perto de acabar, embora há algumas horas o sol tivesse aparecido, nenhum deles dormira.

- Oliver, venha cá! – Chamou rei Marius para um homem de vestes verdes que se aproximou do trono – Preciso que destaque um grupo para percorrer Solum atrás das bibliotecárias, Clarin, Stohlie e Colline, bem como varrer cada centímetro ao redor da praça principal e interrogar os moradores, descobrindo quem viu o quê e quando. É possível que o desaparecimento das crianças e o incêndio sejam fatos relacionados.

Oliver assentiu e chamou alguns homens consigo, saindo ao todo um grupo de 6 soldados. Dan começou a mexer com os dedos das mãos em movimentos circulares para ocupar sua cabeça e tentar se concentrar em outra coisa além dos problemas. Ele sabia que o incêndio não tinha a ver com o desaparecimento das crianças. Será que estava sendo negligente ao não contar? Pode ser que tivesse atrasando as buscas e prejudicando que encontrassem Grace.

Mas não devem encontrá-la. Sua mente o corrigiu. O plano era que ela ficasse desaparecida até a noite do festival. Talvez uma distração fosse importante para que ela chegasse à Viridi Flumini em segurança sem ser interceptada, talvez até já tivesse chegado - embora a última coisa que desejasse fosse uma distração em chamas de três andares e labaredas destrutivas.

- Eric, se aproxime! – Ordenou rei Marius fazendo sinal com as mãos para que o chefe da guarda, um homem baixo e com os cabelos começando a se tornar cinzas, caminhasse até onde ele estava.

- Sim, vossa alteza. – Disse Eric com uma reverência.

– Quero que fale com todas as pessoas que estavam presentes no baile de ontem. Os lacaios, as cozinheiras, os porteiros. Todo mundo que saiu e entrou por aquele portão na noite de ontem deve ser ouvido. Alguém viu algo. Grace não pode ter simplesmente se metamorfoseado em outro lugar, se ela saiu eu quero saber por onde, como, levando o quê. Entendeu?

Eric assentiu e Marius o dispensou com um sinal de mãos. Era o chefe da guarda real e ficava sempre responsável pelos serviços da parte da noite, de modo que ele mesmo estivera presente quando deram por falta da princesa Grace e do príncipe de Seacantio. Eric olhou de soslaio para Dan. A primeira coisa que fizera ao saber a respeito do desaparecimento fora checar os estábulos, e o único cavalo desaparecido era Hermes, cujo dono era o príncipe.

Os olhos azuis de Dan o flagraram encarando-o, e ele ergueu as sobrancelhas intrigado. Dan sabia que Eric era um excelente investigador: ele havia encontrado Dan em quatro das sete vezes em que Dan saíra escondido e seu pai colocara a guarda para procura-lo. Mesmo hoje, já crescido e não mais intimidado pelo poder que Eric, como uma autoridade sobre tantos homens poderosos daquele reino, ele sabia que Eric conseguia quase farejar o malfeito de Dan. Ou talvez fosse sua culpa falando, mas era como se o chefe da guarda fosse levantar o dedo e acusa-lo de ser cúmplice ali mesmo.

Dan passou a mão pelos cabelos finos e loiros e o observou se aproximar, fazendo a sua melhor cara de quem não sabia de nada, mas desejava colaborar com o que pudesse.

- Príncipe Daniel, você sabia que seu cavalo sumiu dos estábulos? – Ele perguntou em voz baixa parando ao lado de Dan.

- Hermes? Não, eu o deixei nos estábulos ontem antes de o baile começar, depois de voltar da vila.

- Mas ele não está lá. É o que estou dizendo. – Eric o olhou desconfiado – Você não sabe nada sobre isso, sabe?

- Não, senhor. Não sei. Mas eu vou agora mesmo conferir nos estábulos e pode contar comigo para o que precisar pois me parece que há coisas demais desaparecendo por aqui.

Num canto mais afastado do salão, quase escondida pelas pilastras, a rainha Myra os olhava de soslaio e o rei James discutiam com um dos guardas de

Seacantio, que os acompanhara até ali em suas fardas azuis.

- E bem quando algumas outras apareceram, que coincidência. – Eric concluiu inclinando a cabeça em direção a James e Myra enquanto se afastava, deixando Dan intrigado olhando para Myra e sua cara sempre assustada enquanto considerava a indireta deixada no ar.

~

Velska deveria ter se contido ao contar a história às suas netas. Sabia que se emocionara demais ao confessar em voz alta, depois de tantos e tantos anos, os arrependimentos mais profundos que guardava dentro de si, bem como uma história que lhe tirara o sono por muitas noites.

Ela se lembrava também das noites de sono perdidas num quarto quente e bem decorado no alto da torre norte em *Firebird*, com Marius ao seu lado dando ideias e bolando planos para livrar Colore de um tipo de magia negra que estava a sugar-lhe a vida. Mesmo em todas as suas décadas de vida como fada observando os mortais, Velska não se lembrava de ter visto tamanha devastação assolar aquela terra, era como se o sangue derramado por Brandon Cantio tivesse corrompido um lugar de beleza e pureza com mentiras e intrigas de tal forma que um buraco negro pairava sobre toda parte, propiciando às forças da escuridão que se desenvolvessem mais e mais na ausência da luz.

Ver sua terra padecer em sofrimento enquanto bruxas andavam pelas vilas sem precisar se esconder, impondo medo aos moradores simples, crianças

desaparecendo e lobos da noite sendo avistados em plena luz do dia cada vez mais e mais perto da população porque a falta de abastecimento nas trincheiras enfraquecia os exércitos mais do que a própria guerra, foram alguns dos fatos que havia mudado toda a concepção de humanidade que Velska tinha.

Mas mesmo com essas lembranças a assolar sua memória constantemente, ela sabia que se permitir falar sobre isso a deixava por demais emocionada. Sequer ouvira o sino de aviso quando Neil entrara carregando Grace pela porta de loja de antiguidades. Ela estava tão acostumada à loja; ao tilintar objetos de metal contra as prateleiras de madeira; ao brilho dourado, prateado e por vezes perolado das pedras. O fato de Deacon ter precisado subir as escadas da loja para a casa e avisá-la de que alguém chegara, lhe indicava que precisava se concentrar mais. Estava muito distraída pelas memórias do passado, o que frequentemente significava que não prestava tanta atenção ao presente.

O Sr. Pender saía com frequência para pequenos povoados e vilas próximas, até lugares mais afastados em Seacantio para negociar artefatos com famílias antigas e ricas da região. Ao longo dos anos, depois de tudo que acontecera e a forma como acabara ficando sozinha para cuidar de Deacon e Thomas, Velska se tornara uma auxiliar do Sr. Pender. Aquela loja lhe acolhera e era uma forma de se manter próxima de sua história e até mesmo da sua magia, pois mais frequentemente do que ela podia se lembrar, o Sr. Pender atravessava a porta da frente com um ou dois itens que saltavam aos olhos de Velska, pois ela sentia a áurea mágica pairando ao redor deles.

Perder suas asas fora um sacrifício consciente. Uma decisão que Velska

tomara sabendo que sua vida mudaria e ela ficaria impossibilitada de agir conforme sempre fizera, pois, a escolha de novos rumos lhe requeria abrir mão de caminhos antigos. Ela vivera bem com aquilo. Não se arrependera de ter se tornado uma mortal, até porque ainda sentia certas vibrações da natureza e era capaz de realizar uma ou outra coisa extraordinária aqui e ali - apesar de não ser mais capaz de encantar objetos ou criar situações de conflito para testar o caráter de outras pessoas.

Não era a falta das asas que fizera Velska se entristecer, ou sequer a perda da habilidade de voar que a deixara inconformada com quem se tornara. Mas a percepção, depois de tantos anos recompensando pessoas que agiam certo e punindo pessoas que agiam errado, de que ela se tornara apenas mais uma entre os humanos que nem sempre acertavam, e, por vezes ao errar, feriam pessoas ao seu redor que a amavam o suficiente para viver as consequências de suas ações. Consequências essas que já pareciam punição o suficiente sem que qualquer fada precisasse usar de magia para lhe mostrar isso.

Sentia saudades da sensação do vento em seu rosto. Isso era o que mais lhe fazia falta a respeito das asas. Se lembrava de ser muito nova e correr pela vila das fadas, em algum lugar oculto além da mesa de pedra, um lugar que ela não mais podia pertencer e por isso se esquecera de como encontrar. Mas ainda se lembrava da vila como se nunca tivesse partido. Sua irmã, Abigail, e ela correndo pelos campos e encantando sapos em paletós e cartolas para tocar os mini violinos e fazendo músicas pela floresta com sua trupe em miniatura. A tarde em que se lançaram da árvore mais alta, da colina mais alta e confiaram que a magia lhes daria asas para voar. Velska se lembrava de tudo.

A iniciação de uma fada era uma coisa muito preciosa, não bastava nascer com magia, era preciso também se entregar a ela. *Escolhê-la de volta* – eles diziam. Velska se lembrava do dia do seu salto. Acontecera numa manhã sem nuvens, de muito vento e céu muito azul. No início do salto ela sentira um frio na boca do estômago, se a natureza não a escolhesse ela morreria; cairia no chão e morreria, se tornando pó e retornando sua magia interior de volta à natureza que lhe dera a semente da luz, embora não pudesse fazê-la florescer por ela. Depois do frio na barriga, ela se lembrava de sentir um formigamento nas costas, uma lufada de vento a carregara e ela passara a ver tons de roxo ao redor, enquanto suas asas rosadas a conduziam pelo céu azul. Fora o segundo melhor dia de sua vida.

O voar em si fazia falta, mas nem de perto tanto quanto a vila das fadas fazia, ou Abigail. Crescer como uma fada fora a melhor coisa de sua infância. Colorira a história de Velska de vida e esperança, porque ela aprendera a sempre *acreditar*. *Acreditara* que a natureza a tinha escolhido, e depois *acreditara* que se fosse corajosa o bastante para desafiar a gravidade, não morreria. *Acreditara* em sua família, em sua magia e em si mesma, e sabia que se não tivesse aprendido assim, talvez tivesse sido para sempre uma das escolhidas que tinham magia mas não tinham coragem o suficiente para se lançar e receber as asas, e por isso frequentemente se tornavam amargas e invejavam as fadas que podiam voar.

O surgimento das feiticeiras fora um acaso. Um grupo de três fadas, uma que perdera suas asas como punição por maus usos de sua magia, e por isso perdera também os privilégios de voar e conceder recompensas e punições aos mortais, junto com duas outras, que nunca haviam voado pois não fizeram o salto, se mudaram da vila das fadas revoltadas e cheias de ódio pela

vida cheia de magia que fora *negada* a elas.

Bryallin, a fada que perdera suas asas, era uma das grandes líderes da vila. Respeitada e poderosa, ela fora conhecida por gerações como uma fada bondosa e solícita, mas se apaixonara por um mortal e o encantara para amá-la, quebrando completamente o juramento das fadas a respeito de nunca interferir com o livre arbítrio dos mortais, mas de ajuda-los e julga-los baseando-se em seus feitos.

Velska ainda era muito nova quando Bryallin fora expulsa pelo conselho das fadas e suas asas removidas, mas se lembrava do alvoroço que os fatos geraram em toda a comunidade mágica, pois embora algumas fadas ao longo da história já houvessem entregado suas asas em troca de uma vida mortal, nenhuma delas tivera as asas removidas de si a força. Velska soubera quando se apaixonara por Veter que não podia repetir os erros de Bryallin. Estaria condenada a uma vida amaldiçoada se fosse contra as regras da natureza. Não porque a natureza era ruim ou injusta, mas porque havia um preço natural a se pagar por privilégios, e os deveres que precisava cumprir não podiam ser colocados de lado.

Aos mortais sempre havia a escolha. E mesmo que Velska pudesse influenciar e testar essas escolhas, jamais podia escolher por eles. Mas Veter a escolhera. Velska nunca precisara manipulá-lo para que seu coração pertencesse a ela, ele o entregara sem reservas e por vontade própria, de modo que o sacrifício de Velska fora justificado, e jamais se arrependera dele. Não quando perdera as asas, não quando ele não voltara da torre, não quando ela entregara seu filho a um estranho para cuidar, não quando Eve adoecera e ela enterrara a própria filha.

Não se lembrava quando havia pensado sobre isso por último, mas o fato é que desde que Veter partira, a guerra acabara e as feiticeiras foram banidas para além das minas e florestas de Ravonlor, desde que Velska quase morrera tentando proteger Solum com os últimos resquícios de magia em si, desde que ela trocara os bebês e desde que seu reino ficara em segurança, ela, sendo apenas uma mortal sem magia, com dois filhos e viúva perante ao reino, não suportara ficar no castelo preenchido pela ausência de Veter e Eve, e, estando banida da vila das fadas, fora acolhida pelo seu velho amigo, Sr. Pender.

Se acostumara com o tilintar da base de metal dos objetos tocando uns aos outros em sacolas quando as pessoas apareciam com um lustre especial enrolado em um lençol, ou um pequeno frasco de um perfume raro extraído por fadas de flores místicas, ou um broche de cristal vindo do alto da montanha em Bethel, montanha que ela conhecera tão bem.

A bola de cristal que ela recebera dos Cristais da Magia na noite em que a profecia lhe fora dada, havia sido transformada por ela em um delicado broche em formato de camélia, o símbolo de sua família. Velska confiara o broche, sua profecia velada, à Eve em segredo pois sua filha era a mulher mais cuidadosa e gentil que já conhecera e a única em quem Velska teria confiado uma coisa tão importante. Mas não sabia de seu paradeiro desde que Eve morrera. Ela podia contar nos dedos as ocasiões em que havia saído de Viridi Flumini em quase 21 anos, com exceção da aparição discreta que fizera no velório da filha.

Velska escolhera o anonimato para sua vida cheia de perdas. Um marido preso em outra dimensão, um filho desaparecido e uma filha morta somados

ao peso da culpa pelo que fizera com seu caçula - sem mencionar a vergonha pelo abandono que desejara fazer, largando Colore e sua magia à própria sorte - foram mais do que o suficiente para fazê-la se recluir dentro da loja do Sr. Pender por duas décadas.

Olhando para Deacon, que a conduzia pelos corredores apertados da casa não muito grande que se erguia acima da loja de artefatos, ela sabia que aquele talvez fora o único com quem não falhara, embora se lembrasse da dor de ter que tirá-lo do castelo aos catorze anos de idade e sequestra-lo da própria vida para segui-la no anonimato.

Deacon nunca reclamara de nada. Ele mantivera por todos os anos que se seguiram aquele mesmo olhar doce e curioso que tinha na infância ao escalar árvores e correr pelo castelo com Gregory e Eve em seu encalço, quando ainda era o caçula. Ele fora sua base por todos aqueles anos, a pessoa que não permitia a ela que enlouquecesse de solidão e desespero. Era a única conexão entre a vida que tivera e a que tinha agora, como um âncora para sua sanidade.

Desde que se mudaram para Viridi Flumini, Deacon seguira o Sr. Pender e aprendera com ele, ajudando-o em muitas viagens, recolhendo artefatos, trocando heranças, desenhando mapas, estudando livros e conhecendo seres, pessoas, mortais e etéreos. Ele era o ponto entre o passado e o presente, e o filho que a amava e respeitava acima de todas as coisas. Sempre ouvindo-a e admirando-a em tudo, apesar de seus infinitos erros. Deacon era seu melhor amigo, não havia segredos entre eles. *Quase nenhum segredo*, ela se corrigiu em pensamento, lembrando da solidão que era não ter podido contar a ele sobre Thomas.

- Eles acabaram de chegar, mãe. – Disse Deacon abrindo a porta do último quarto que antecedia a salinha em que Velska e Ina haviam tomado chá e conversado na noite anterior – a princesa... mãe, ela é *exatamente* como Eve. E Neil Cantio... – Deacon diminuiu a voz. Nós precisamos falar sobre ele.

Um garoto de rosto fino e tenso estava sentado ao lado da cama segurando as mãos da garota, que contemplava o horizonte com os olhos vidrados. Velska parou embaixo do arco da porta olhando de um para o outro sem reação, e então olhou de volta para Deacon, que a encarara com seriedade como se tivesse acabado de descobrir o que ela fizera. Ella e Ina estavam no corredor, atrás de si.

Velska tornou a olhar para Neil Cantio. Ela estava emudecida, seu rosto branco.

- Você pode curá-la? – Ele indagou com os olhos naturalmente pontudinhos no canto externo. O cabelo castanho se alongava até a altura dos ombros, mas estava preso num coque da metade pra cima. – Ela estava vindo para cá, eu encontrei um mapa e umas instruções. Não foi culpa dela. – Neil falava sem parar, e seus olhos estavam cheios de uma dor, e inquietação. – Foi o meu pai, ele... Eu acho que ela só está em choque.

Neil suspirou. Suas pernas não paravam de balançar, os joelhos se movendo involuntariamente devido ao nervosismo.

Velska se aproximou de Neil e se ajoelhou ao lado dele, olhando-o nos olhos. Quando ela se afastou da porta, Ella e Ina se aproximaram da entrada do

quarto.

- Você está bem? – Ela perguntou a Neil. – Você está ferido? Está machucado de alguma forma?

- Não. – Neil a olhou assustado, ela estava muito mais preocupada do que ele julgava ser necessário frente aquela situação. Será que o caso de Grace era mais grave do que imaginara? – Eu estava, mas Grace me curou. Essa é uma outra história... E-eu estou bem. Você pode ajuda-la?

Velska passou a mão pelo rosto dele. Seus dedos finos e gelados se aproximando das bochechas de Neil. Ninguém soube se ela estava fazendo um carinho ou simplesmente se certificando fisicamente de que ele de fato estava lá.

Ela se levantou, limpando a garganta num pigarro.

- Deacon, meu filho, onde está Thomas?

Deacon a olhava perplexo, encarando Neil por um tempo e então voltava os olhos de volta à mãe em completo silêncio, incapaz de responder. O tio de Ella e Ina saiu do quarto de repente, ignorando sua mãe pela primeira vez na vida. Seu cabelo quase preto formando cachos que se penduravam atrás, por cima de sua nuca, quando ele lhes deu as costas. Ina e Ella o acompanharam com o olhar, até que ele desceu a escada para a loja no final do corredor. Vozes se fizeram ouvir lá embaixo, e o sino na entrada da loja fez um barulho, seguido pelo bater surdo da porta, e alguns segundos depois Thomas subiu correndo.

- O que houve com Deacon? – Perguntou o caçula de Velska com seus olhos muito redondos e o rosto levemente bronzeado formando rugas em sua testa enquanto ele os encarava intrigado. Thomas olhou para Neil na cadeira, e Grace na cama sem entender nada – Quem são vocês?

- Eu sou Neil Cantio, príncipe herdeiro do trono de Seacantio, essa aqui é minha amiga Grace, princesa de Solum, viemos em busca de ajuda, ela está sob algum tipo transe.

Thomas o encarou.

- Filho, - disse Velska colocando a mão sobre o ombro de Thomas – você pode ir buscar Stohlie, por favor? Vou precisar da ajuda dela.

- Eu... – Thomas a encarou, voltando os olhos para Neil, que não era nada parecido com qualquer coisa que já ouvira falar sobre os Cantio. Não era loiro. Não tinha olhos azuis. Não era rude. Não tinha a barba azul. Era magro demais e sob nenhum aspecto ameaçador.

- Por favor, Tom. – Suplicou Velska, seus olhos marejados de lágrimas – Por favor.

Thomas assentiu e saiu correndo porta afora. Ella e Ina estavam muito desconfortáveis ali. Parecia um momento muito íntimo de sua família, mas elas não se sentiam tão próximas deles ainda - apesar do laço sanguíneo - para participar.

- Ina, você pode me acompanhar? – Ella disse de repente – Tem uma coisa que eu preciso falar com você.

Velska as olhou pela primeira vez desde que chegara ali, como se então se lembrasse delas. Seus olhos estavam molhados, mas ela não chorou.

- Não precisam ir, isso é exatamente o que parece.

- Me desculpem, - interrompeu Neil – há algo errado? Eu não estou entendendo. Vocês podem ajudar Grace ou não? – Ele fez menção de se levantar, antes que pudesse prosseguir, Velska pousou a mão com gentileza sobre seu ombro e ele se sentou novamente – Porque se não puderem eu vou procurar alguém que possa.

- Não é necessário, Neil. Nós podemos ajuda-la. Na verdade, eu creio que hoje vai ser o dia em que todos nós vamos ser ajudados *por você*.

~ Capítulo XV ~

O som da música

A música foi acordando os campos. Não tinha nenhuma outra forma de explicar o que acontecera ali. Gyl, Karina, Lewis, Bernard, Toni, Sophie e Alex junto com o corvo de Nora e uns outros pássaros que se reuniram ao redor do acampamento deles, soltaram suas vozes num canto uníssono que deixara Nora emocionada e fora colorindo a colina - outrora morta - de cores e frutos. Eles se sentaram em círculo ao redor de onde a fogueira com a frigideira estava enquanto Toni explicava a eles o estavam presenciando.

- Há alguns séculos, Alex, esse reino era conhecido por ser um lugar de magia e luz. Nossas florestas tinham fadas, nossas montanhas duendes e nossas minas anões. A nossa principal atividade era a arte. Dentre nosso povo estavam os artesãos, costureiras, músicos, atores e inventores. Tudo que havia para ser criado nessa terra, era criado aqui e nós dividíamos isso com o resto do continente.

- Por conta da nossa localização geográfica, - continuou Gyl – quando a primeira fada corrompida, Bryallin, se rendeu ao poder e não entendeu que amar é inevitavelmente estar vulnerável, ela foi expulsa, teve suas asas arrancadas e se tornou rejeitada pelo conselho das fadas o qual ela mesma ajudara a fundar. O reino de Amlívelir, que era uma extensão de Ravonlor, foi dividido e para lá foram expulsas as feiticeiras

- Espere, - Interrompeu Nora – Amlívelir e Ravonlor eram um reino só?

- Sim. – Respondeu Sophie – Eram três reinos ao todo, Seacantio, Solum e Ravonlor. É por isso que apesar de hoje termos cinco territórios, possuímos apenas três realezas, porque Alba e Amlívelir, os dois lugares mais cheios de encanto de Colore, ambos com representações físicas e concretas do mundo sagrado de magia que nos rodeia por toda parte, faziam parte de Ravonlor e foram posteriormente divididos para abrigar as criaturas mágicas. As feiticeiras tomaram Amlívelir, porque a energia dos cristais, mesmo que elas não sejam diretamente apresentadas por eles, emana fortemente de sua fonte, uma caverna no alto de uma montanha em Bethel, uma região distante e pouco povoada.

- Já Alba – continuou Gyl novamente - se tornou a região para onde os outros seres da magia se refugiaram, porque os duendes, as fadas e as crianças, especialmente as que descendiam de famílias com magia no sangue, começaram a ser caçadas e mortas para alimentar os poderes e recuperar as energias das feiticeiras, que, por terem sido expulsas da Vila das Fadas e terem suas asas arrancadas, não podiam continuar desenvolvendo seus poderes além do que já tinham.

- Veja, - Toni assumiu a narração da história. Karina, Lewis e Bernard assentiam e olhavam com atenção, apesar de já conhecerem todos os fatos de cor – a coisa toda é muito simples. Muitas pessoas nascem com um tipo de magia dentro si, mas a maioria delas não sabe disso, e por isso não têm a chance de desenvolvê-la. No geral essas pessoas com magia são descendentes de outras pessoas que se envolveram ou com fadas ou com feiticeiras. Mas não é ter a magia ou não que conta, mas o quanto a pessoa confia que essa pequena magia inerente a ela pode se desenvolver nela, faz parte dela, é dela. A história diz que para as fadas receberem suas asas, a máxima demonstração

física de confiança da natureza que um mortal pode obter e uma honra na comunidade mágica, é necessário se lançar de uma árvore muito alta, e confiar que a sua magia é suficiente para te fazer voar. As pessoas não se lançam porque podem voar, elas se lançam porque acreditam que podem.

- O problema é que quando as fadas começaram a usar seus poderes a seu próprio favor e foram banidas, elas começaram a Guerra Negra, onde muito sangue inocente foi derramado, homens foram amaldiçoados para se tornarem lobisomens, meros fantoches de Bryallin, e lutarem em favor das feiticeiras.

- Eu sei sobre a Guerra Negra, - concordou Nora – ela marcou o fim da Era dos Lobos e o início da Era da Paz, que vivemos hoje.

Gyl e Toni assentiram, e Toni prosseguiu:

- O que as pessoas não contam dessa história, Nora, é que quando dividimos o território, Ravonlor perdeu suas duas fontes principais de magia, e, estando os homens em situação de desespero para evitar que feiticeiras e lobos – e posteriormente lobisomens – extirpassem toda nossa população, e trocando nossos instrumentos por armas ao mandar nossos homens para as trincheiras para defender nossas fronteiras, a Natureza foi parando de nos ouvir e foi como se Ravonlor fosse amaldiçoada por ousar se afastar do projeto inicial para o qual foi criada.

- Como assim amaldiçoada? – perguntou Alex.

- Nós demos as costas a quem éramos, Alex. A natureza se alegra e responde

às nossas vozes porque entoamos canções de gratidão a ela. É como uma forma de manter a paz, só existimos porque ela permite, e se não agrademos ela para de nos oferecer o que pode. Nunca foi sobre ela precisar da nossa música, mas sim sobre nós precisarmos, pra nos lembrar de quanta sorte temos. Nós vamos passar desse mundo e morrer, como todas as folhas e todas as flores e todos os frutos, mas ela permanecerá, quem você acha que precisa de quem?

Alex e Nora ouviam tudo com muita cautela. Acharam que a história sobre Brandon e Estorio contada pela rainha fora a origem de sua história, mas havia muito mais que eles não conheciam. Muito mais que talvez nem a rainha soubesse, ou se soubesse não desejara contar.

- Por que não se fala sobre isso? Por que ninguém sabe sobre a divisão de Ravonlor? Por que ninguém fala sobre Bryallin e por que Solum e Seacantio continuaram prósperos? – Nora inquiriu.

- Seacantio paga por seus pecados de outras formas, mas Solum não foi corrompida e mesmo após a Guerra Negra ter tido fim e a Era da Paz ter começado, Solum continuou muito fértil, como se fosse intocada, mas não sabemos por quê. – Disse Toni.

- Mas você, Alex, é importante para que consigamos restaurar as tradições de nosso povo. As nossas palavras e vozes são absorvidas pela natureza como a terra bebe as águas de um rio que passa no meio dela. Sua família deve ter sido importante em algum lugar na história, pois você tem o dom da música em si, o que significa que você pode curar a terra, quer dizer que a natureza *te* *ouve*.

- A nossa trupe, Alex – interrompeu Karina – passou por muita coisa e saiu de Amlívelir – uma terra esquecida e muito conturbada – na esperança de encontrar você, pois há muitos anos os pais de Gyl receberam uma profecia de que sete vozes gratas poderiam espalhar a magia de volta na terra se o homem se lembrasse de voltar para o lugar de onde nunca devia ter saído com o seu mundo. Quando cantamos sobre a vida... É assim que a vida acontece.

- Me encontrar? Karina, eu sinto muito, mas eu sou só o filho do cocheiro. – Ele disse simplesmente com um dar de ombros.

Nora o olhou e sorriu.

- Você sempre foi muito mais do que só o filho de alguém, Alex. Talvez seja a hora de construir sua própria história. – Ela disse segurando seu rosto com gentileza.

- Queremos que venha conosco, garoto. – Completou Sophie - Juntos podemos ir andando por todo o reino e reavivando os campos. Podemos libertar Ravonlor de sua seca, se pelo menos pudermos abrir nossa boca e soltar a voz... eu sei que a natureza nos ouvirá e a magia pode voltar, os frutos, as cores! Tudo pode voltar a ser como antes.

Alex a olhou desconfiado e então concluiu.

- Posso fazer isso. Mas primeiro vamos acompanhar Nora até Solum e cumprir a missão que nos foi dada.

- Parece um ótimo plano. – Disse Gyl começando a ajuntar seus itens de cozinha. – Há uma carroça em cima da colina na qual transportamos nossos instrumentos e chegamos até aqui. Podemos carregar tudo de volta e ir agora mesmo.

Elliot crocitou satisfeito e voou para o colo de Alex. O filho do cocheiro o acariciou e assentiu para Gyl.

- Vamos indo. – Ele disse se levantando e se unindo à trupe na missão de levar o som da música colina acima e mundo adentro.

~

Quando Stohlie passou porta afrente na loja de artefatos com Thomas em seu encalço, e encontrou a loja sem Velska ou Deacon, ela soube que algo estava errado. Já desconfiara quando Thomas fora bater na cabaninha onde ela estava, na outra margem da grande lagoa, onde ela temporariamente se hospedara. O garoto chegara lá branco feito uma nuvem, chamando-a sem explicar exatamente o porquê sua presença era importante.

Stohlie e Velska eram amigas há muitos anos, desde a Vila das Fadas, mas diferente de Velska, que entregara suas asas por amor a um mortal, Stohlie não entregara as suas, mas escolhera viver disfarçada entre os humanos, em prol de discretamente ajuda-los. Não da forma tradicional como aprendera que deveria ser, com testes e recompensas, mas ensinando-os coisas. A bibliotecária de meia idade também era uma fada, e já havia visto e vivido de tudo na companhia de Velska quando eram mais novas.

Na época em que as criaturas de magia começaram a ser caçadas, Stohlie se escondera exatamente onde ninguém nunca procuraria por ela: à plena vista de qualquer um. Ela encantara suas asas para serem transparentes e assumira a identidade de uma mortal, de modo que ainda podia fazer as mesmas coisas de fadas, mas sem perder o contato com o mundo humano, o qual tentara desesperadamente salvar.

Não concordara com todas as que fugiram para se proteger. Stohlie conhecia sua identidade e sabia muito bem para o que fora chamada para fazer, conhecia os motivos pelo qual fora escolhida e para o que sua magia servia. Ela não teria jamais optado por abdicar dela, ou ficar com ela só para si. Era por causa de sua magia que pessoas como Eve, que adoecera, tinham a chance de viver um pouquinho a mais e se despedirem de suas famílias.

Stohlie era uma curandeira, conhecia as plantas, as ervas e as combinações e era muito boa em receitas de cura e poções dos mais variados tipos. A magia dela não interferia diretamente na vida dos humanos, ela não podia encantar pessoas ou criar situações, ou enfeitiçar animais e nem sequer dar recompensas, cavalos ou terras aos mortais. Os seus poderes se limitavam, majoritariamente, à fertilidade de coisas que cresciam da terra e a manipulação desses ingredientes para transformá-los em outras coisas.

Passando no meio das prateleiras e subindo escada acima, Stohlie encontrou Velska no último quarto ao lado da cama com um garoto muito branco, de rosto fino e orelhas levemente pontudas ao lado de sua tão amada princesa Grace, a quem tentara proteger por toda a vida, especialmente após a morte de Eve - para quem fizera uma promessa em seu leito de morte.

- Velska? O que houve com ela? – Indagou Stohlie se aproximando da princesa e passando o dedo indicador na altura de seus olhos para ver se ela o seguia. Grace continuou encarando o além. Thomas entrou no quarto logo em sequência.

- Está em estado de choque. Stohlie... eu não sei como te falar isso, preciso que se prepare.

- O que aconteceu? O que ela viu? Quem é o garoto? Como ela veio parar aqui?

- Esse é *Neil Cantio*. – Velska respondeu, pronunciando o nome dele de um jeito diferente e então se calou, deixando o silêncio preencher o resto da fala.

A boca de Stohlie se abriu num “O”.

- Ele sabe? – Stohlie perguntou.

Velska fez que não com um aceno de cabeça, olhando para baixo envergonhada.

- Ainda não.

- O que eu não sei? – Perguntou o garoto.

Ele percebera desde que o outro homem, Deacon, saíra, que havia algo de estranho acontecendo. Mas não tinha sido capaz de descobrir o quê. Estava

preocupado com Grace, mas de alguma forma a sua presença parecia ter tomado mais importância do que a de Grace e ele não sabia o porquê.

Stohlie ajustou os óculos por cima do nariz, tirou uma echarpe de cima dos ombros e com um sinal de mãos por cima da cabeça, asas verde água bem claras apareceram por detrás de seus ombros. Neil a olhou perplexa.

- Você tem asas. – Ele disse simplesmente como quem constata que o céu é azul.

Stohlie afirmou e olhou para Thomas preocupada.

- Velska, - ela disse olhando de um garoto para outro, e então para Grace – você devia ir com eles, e eu fico aqui com Grace.

- Ir aonde? – Perguntou Thomas.

Velska fez que não com a cabeça.

- A garota primeiro, Stohlie. A garota primeiro, depois falaremos sobre isso.

- Mãe? – Chamou Thomas – Será que você pode me esclarecer o fato evidente aqui, e dizer de uma vez por todas por que diabos esse homem que diz ser o príncipe de Seacantio é tão parecido com você?

- Eu não *digo* ser o príncipe de Seacantio, – Neil afirmou o interrompendo – eu *sou* o príncipe de Seacantio.

- Está bem, está bem, garotos, uma coisa de cada vez aqui, certo? – Stohlie declarou, se aproximando de Grace – Você, Neil Cantio, você a trouxe até aqui?

- Sim senhora. – Ele afirmou – Você é uma fada?

- Sim senhor. – Ela disse sorrindo pra ele antes de continuar – Então, o que a deixou nesse estado de estupor?

- Stohlie... Você talvez precise se sentar. – Velska disse a ela, mas Stohlie não se sentou, apenas a olhou com as sobrancelhas erguidas.

- O que quer que seja eu posso aguentar, Vel. Não é como se ainda tivéssemos mais coisas a perder.

- Grace e eu estávamos indo tentar impedi-lo, mas nós não chegamos a tempo. Quando viu o prédio em chamas ela simplesmente começou a chorar e depois de um tempo abriu os olhos e estava com a cabeça presa em qualquer lugar menos aqui.

- O prédio em chamas? Qual prédio?

- Era o lugar favorito dela, minha senhora. – Respondeu Neil com uma recém adquirida reverência para com a fada – A biblioteca Solumnes.

Stohlie se sentou na beira da cama com a mão no coração.

- Oh! – Ela exclamou com os olhos cheios de lágrimas – Oh não! Oh não! O

que houve com a minha biblioteca? Alguém se machucou? Oh não...Meus livrinhos preciosos.

- Sinto muito, minha senhora. Não salvou nada, o prédio todo foi abaixo em cinzas. – Neil olhou para baixo envergonhado e triste em ter que dar aquela notícia.

- Não é de se admirar que a garota esteja desolada, era o único laço dela com a mãe. – Stohlie suspirou, esfregando os dedos pela fronte – O caderno de Eve, Velska. Os relatos, os mapas, tudo... Tudo estava lá.

- Um caderno com mapas e anotações? – Perguntou Neil – Grace tem um desses. – Ele disse mexendo na sacola e tirando o livro de couro verde escuro aveludado.

Thomas se aproximou. Ele reconhecia o livro porque era igual o que Deacon carregava, que outrora pertencera a Gregory, exceto que o de Gregory era azul e aquele esverdeado. Significava que agora a coleção estava completa. O caderno de Gregory tinha anotações sobre suas viagens, e as dimensões da torre, o de Veter tinha os selos que aparentemente, pelo que Ella e Ina disseram, permitia viagens por entre suas paisagens. Agora possuíam também o de Eve, que investigara a fundo a maldição dos Cantio e anotara muitas coisas sobre botânica e alquimia com a ajuda de Stohlie. Aqueles cadernos eram a enciclopédia de sua família, e juntos continham muito conhecimento e brechas de magia saindo por entre suas páginas.

Antes que Thomas pegasse o caderno com Neil, Velska o tirou de suas mãos, abrindo e passando a mão por entre suas páginas. As memórias de sua filha,

sua caligrafia, eram uma lembrança muito dolorosa de uma vida que há muito tempo Velska enterrara fundo em sua mente.

- Obrigada por trazê-la até aqui, Neil. – Disse Velska passando a mão pela testa de Grace – E obrigada por trazer o caderno também, é muito importante para mim.

- Por quê? Por que ela e o caderno são importantes para você? Por que ela já estava vindo aqui? Eu não a trouxe por acaso, ela teria vindo mesmo sem mim se não tivesse sido interceptada pelo choque do incêndio.

- Porque ela é minha neta. – Disse Velska simplesmente – E agora nós vamos acordá-la. O que você precisa, Stohlie?

- Um galho de hortelã, duas folhas de arnica, um pouco de anis estrelado e suco de maracujá concentrado.

Velska acenou afirmativamente com a cabeça e saiu porta afora, deixando Tom, Neil e Stohlie na companhia de Grace, ainda em transe.

~ Capítulo XVI ~

Deacon descobre a verdade

Ina e Ella haviam saído da loja do Sr. Pender no encalço de seu tio Deacon, na esperança de conseguirem conversar com ele e sondar a respeito das suspeitas que tinham sobre o que poderia ser a verdadeira identidade de Neil.

Ao redor do lago, que se estreitava num rio e seguia até se perder de vista, a pequena vila de Viridi Flumini crescia em círculo, casinha ao lado de casinha, com seus telhados triangulares a cobri-las até a metade e as janelas de madeira contra batentes de pedra. Era um lugar muito charmoso e pacato, nem de longe as irmãs teriam imaginado que um cenário como aquele poderia ser o palco de tanto drama.

Antes de saírem atrás de Deacon elas foram até o quarto onde Ella ficara desacordada e pegaram o álbum de selos, conferindo as páginas novamente e fazendo as conexões com todas as informações que tinham recebido nas últimas 24h. A torre de pedra estava lá, representada com um selo só, sozinho em uma página. Uma longa coleção de selos com camélias, que elas descobriram ser o símbolo de sua família, e continuara sendo mesmo depois que seu pai trocara de sobrenome no mundo delas. A única coisa que continuavam não entendendo era porque as primeiras páginas, quase até a metade do livro, estavam em branco.

O álbum era muito rico em detalhes, era como um imenso mapa se desdobrando em pequenos quadradinhos desenhados. Mas a pessoa devia ter muita imaginação e atenção para entender como ele se encaixava, pois talvez ao passar página por página sem se atentar para os detalhes aquele álbum se

tornaria um peso inútil. As páginas eram amarradas por um barbante bem no meio do álbum, e numeradas no verso. Veter deveria ter se dedicado bastante ao montar tudo, pois era muito bem organizado.

Nenhuma delas descobrira se seu pai estava vivo ou não, e, se estava, onde ele estivera por todo aquele tempo. Também não sabiam se o tempo corria na mesma velocidade ali do que em sua casa, mas parecia que quanto mais respostas encontravam mais e mais perguntas surgiam em suas mentes. Ina estava sentindo falta de seu avô e de sua mãe, e Ella sob nenhum aspecto achara que ao entrar escondida na garagem do avô e descobrir uma velha mesa de madeira só pra bancar a exploradora e matar o tédio a teria levado até ali, naquela longa aventura.

Tinham poderes. Como podia funcionar isso? Eram descendentes de fadas e tinham poderes. Era a coisa mais surreal a respeito da qual já tinha ouvido falar por toda a sua vida. Exceto que Ella já sabia que Ina tinha um poder, que era o poder de tirá-la do sério, mas agora ela tinha certeza que a irmã e ela tinham poderes *reais*.

- Então, - Ella começou batendo com o ombro de leve no ombro da caçula – como você está lidando com esse negócio de *Muminah*?

Ina deu de ombros.

- Eu sei lá. Como você está lidando com esse negócio de *Rewinder*?

- É... *estranho*. – Ella respondeu – Eu tenho tido um certo receio de tocar em coisas, porque eu não sei pra onde aquele objeto pode me levar ou as

memórias de quem eu vou ver. E se eu estiver jantando e tocar num garfo e de repente tudo ficar preto e eu estiver no meio de uma guerra? As visões são muito reais, Ina. E o tempo desacelera, então eu vejo as coisas em detalhes, mesmo se forem *flashs* rápidos.

- Talvez os objetos precisem ter magia também, não deve ser toodo objeto do mundo, caso contrário você ficaria louca.

Elas iam caminhando ao redor do lago e conversando, olhando a redor e procurando Deacon.

- Ou talvez eu já esteja louca. – Disse Ella.

- Graças a Deus! Teria sido um tédio total enlouquecer sozinha. – Ina completou rindo.

- Você acha que o papai está vivo? – Ella perguntou de repente, e o sorriso se foi do rosto de Ina quando ela respondeu séria.

- Não. Acho que se estivesse a vovó teria nos dito. Ela contou tudo, por que evitaria falar justamente sobre isso?

- Talvez ela não saiba. Talvez ela ache que ele está morto, mas não tenha certeza.

- Você não acha estranho que a mamãe e o vovô nunca tenham falado sobre nada disso? É como se fosse a vida de outras pessoas, tudo que ouvimos aqui... o vovô foi de *rei* a *florista*? Como é possível que a gente simplesmente

não sabia disso? Meu Deus!

- É que a gente sempre vê só o que as pessoas permitem que a gente veja. – Ella respondeu finalizando o assunto. Era inútil pressupor quando tudo sobre essa nova parte de sua vida era totalmente desconhecido.

Elas andaram mais alguns minutos e acharam Deacon sentado num banco em frente ao lago. O sol refletia suas luzes na água e Deacon estava lá com os cotovelos apoiados no joelho, segurando a cabeça com as mãos e contemplando o movimento sutil da água a se mover quando um peixe passava mais próximo da superfície. Elas se sentaram ao lado dele em silêncio.

Dois minutos inteiros se passaram quando Deacon resolveu dar sinal de que percebera a presença delas. Depois de respirar fundo ele ergueu a coluna e escorando no encosto do banco cruzou os braços.

- Então, mais alguém acha que o garoto príncipe é a imagem esculpida em carrara de mamãe? Não apenas os cabelos cacheados como Ella ou eu, mas o rosto todo é angulado e cheio de pontas! E os olhos como de gato, e as olheiras pontudas!

As meninas se olharam totalmente em silêncio. Ina apertou o álbum contra o peito, se sentindo repentinamente muito desconfortável com a carta de sua avó que colocara lá dentro. Era como se as folhas entre seus dedos tivessem se transformado em chumbo, apertava com tanta força que seus dedos chegaram a ficar brancos nas extremidades que amassavam o couro.

- Você se parece com papai, e papai com certeza se parece muito com a vovó.
– Disse Ella – Mas o príncipe não se parece com você ou papai. Como ele pode se parecer com a vovó então?

Deacon a olhou de soslaio.

- Eu tenho o mesmo cabelo escuro e o sorriso de seu pai, sim. Mas os olhos do garoto são exatamente como os de Gregory e Eve, como os de mamãe. Com o cantinho externo meio puxado.

- Ora, Deacon! O que você está insinuando? – Perguntou Ina.

- Eu estou evitando de insinuar qualquer coisa. – Ele respondeu passando o dedão e o indicador pela têmpora – mas a atitude de mamãe ao vê-lo... Era a forma como ela tratava Gregory, era exatamente daquela forma, como se ele fosse todo o mundo dela.

- Você e meu pai se davam bem? Ou brigavam muito? – Indagou Ella como que para trocar de assunto.

- Não, muito pelo contrário, nós éramos muito próximos. Mas ainda assim era como se mamãe tivesse uma admiração por ele, provavelmente pela forma que ele nasceu e por ter sido o primeiro filho, eu não sei. Não quero que pensem que eu tinha ciúmes dele, mas é só que eu nunca pensei que fosse vê-la agir assim com outra pessoa novamente, especialmente uma pessoa que ela nunca viu antes. Eu teria entendido se a preocupação fosse sobre Grace, pois ela é filha de Eve, mas *Neil Cantio*? Há algo sobre ele. Vocês não acham?

Nenhuma delas falou nada, apenas continuaram a se olhar em silêncio.

- Ora, falem logo o que acham! – Ele insistiu.

- Acho que você realmente devia falar com a sua mãe, Deacon. – Ella cedeu à insistência e deu sua resposta.

- Sim, total! – concordou Ina – Qualquer que seja a história é melhor que ela te conte do que nós, não é mesmo?

Deacon virou a cabeça para ela, os olhos semicerrados e um ponto de interrogação praticamente estampado em sua testa.

- O que você quer dizer com uma história? Você sabe de uma história, mocinha?

Ina apertou o couro do livro com mais força. Seria mais fácil se seus dedos simplesmente caíssem. Ela desejou internamente que estivesse em qualquer lugar sem ser ali e contorceu o rosto fechando os olhos para então abri-los, conferindo se seu pedido havia dado certo, mas aparentemente não dera pois ainda estavam os três sentados no mesmo banco, em frente ao mesmo lago.

Droga! Precisava ter dito em voz alta, Ina! Sua mente e ela estavam num conflito muito grande pois ao mesmo tempo que não queria mentir para Deacon e era muito grata a ele por tê-las levado até ali e cuidado de Ella com tanta atenção, também não se sentia no direito de contar um segredo que não era seu.

- Não tem nenhuma história específica, quero dizer, não que eu saiba. Estou dizendo de uma maneira geral.

- Ina... – Ella a interrompeu, balançando a cabeça negativamente – Não podemos fazer isso com ele. Deacon, - Ella ergueu as costas e virou seu corpo em direção a ele – a vovó, digo, Vels...

- Ella, não faça isso. Por favor. – Ina suplicou. Ella estava desacordava quando Velska lhe contara sobre Thomas, por isso não sabia que ela prometera não contar nada.

- As mentiras, Ina, foram o que nos trouxeram até aqui. Não podemos seguir cometendo os mesmos erros que os outros cometeram antes de nós. Só a verdade trabalha para si mesma, todo o resto trabalha em favor do engano.

Ella não sabia o quanto sua concepção de *justiça* afetaria o destino de todo o reino, mas naquele momento ela só estava muito cansada e impressionada por tudo que ouvira e absorvera. Estava brava com sua mãe e seu avô e não queria mais viver num mundo em que todos lhe escondiam coisas. Tampouco achava que Deacon precisava viver nesse mundo.

- Thomas não é seu irmão de verdade, Deacon. – O tio das garotas colocou os cotovelos sobre o joelho novamente e abaixou a cabeça, enterrando-a entre as mãos – Velska o trocou quando era um bebê, para cumprir uma profecia que prometia livrar Colore da maldição da infertilidade que recaiu sobre a terra após a Guerra Negra.

- Vocês sabiam desde o início? Desde quando eu as encontrei junto das

flores? Quando eu me apresentei como seu tio e as trouxe para a minha própria casa? Quando eu salvei a vida da sua irmã, Ina, carregando-a até aqui e vigiando-a enquanto você ouvia a sua história, você mesmo assim sabia e escondeu a minha história de mim?

- Sim. – Ina disse com os olhos marejados – Mas não é a *sua* história, para desvendar ou a *minha* história para contar. Não posso dizer que me arrependi por ter guardado um segredo que me foi confiado a sete chaves.

- Santa natureza! – Exclamou Deacon se levantando – Eu preciso voltar e encontrar Thomas, eu preciso contar a ele.

- Deacon, não, por favor. – Ina suplicou e Ella começou a chorar – Isso destruiria a sua mãe, ela só estava tentando salvar o reino.

- Salvar o reino? A que preço? Entregando seu próprio filho? Quem faria isso?

- Alguém que se importava muito e sabia que era a única forma. Alguém que ama muito. – Respondeu Ella – Ela conseguiu, estamos aqui, Colore ainda existe e há uma chance de reparo. Por causa dela, por causa do que ela fez.

- Não. Isso não está certo. – Deacon estava irredutível, havia um desespero em seus olhos inconformados – Preciso contar a Thomas.

Ina abriu o álbum de selos e tirou a carta de Velska lá de dentro.

- Vamos fazer um acordo, - ela disse – eu te entrego uma coisa muito

importante, e você promete só falar com Thomas depois de ter ouvido o que sua mãe tem a dizer. Combinado?

Deacon assentiu.

- Combinado.

Ina entregou a carta a ele, que leu tudo em um segundo e se colocou de pé.

- Vamos! – Deacon as chamou – Minha mãe me deve uma explicação.

~

Nora e Alex haviam vivido o dia mais estranho e incrível de suas vidas. Acordaram com os primeiros raios de sol debaixo de uma árvore frondosa muito grande, logo depois de terem sido misteriosamente salvos por um corvo de um ladrão e assassino em potencial. Presenciaram um milagre e encontraram uma trupe de seis pessoas que afirmaram que Alex carregava dentro de si mesmo um tipo de magia que era capaz de fazer a terra prosperar e ser fértil se ele cantasse para ela.

Agora eles estavam já bem longe de Harpia e prestes a chegar em Solum, depois de uma jornada de um dia inteiro em que foram todos na carroça, apertadinhos com os instrumentos, cantando, comendo e vendo a terra ficar mais verde à medida que eles passavam por ela. Nora nunca vira nada parecido, e Alex já ouvira falar sobre, mas nunca esperaria que seus próprios olhos presenciassem aquilo, quanto mais que sua voz seria responsável pelo feito.

Ouvira sobre fadas ambiciosas e traiçoeiras que perderam suas asas e foram banidas por não cumprirem propriamente com o tratado do conselho das fadas, e ouvira sobre homens maus que desejaram o que não podiam ter e pecaram contra o sagrado, mas agora que Alex sabia que tinha tanto poder quanto eles, ele tinha um certo medo misturado à alegria, porque não sabia se merecia, se era bom o bastante para carregar aquele dom.

A estrada para Solum viera deserta. Com exceção dos pássaros, coelhos e esquilos que cruzaram seus caminhos, eles não encontraram uma alma viva. Mas a verdade é que faltava apenas um dia para o Festival da Primavera, de modo que todos os viajantes que precisavam chegar em Solum, muito provavelmente já estavam ali.

Mesmo no final da tarde, como era o caso, há apenas uma ou duas horas do pôr-do-sol, Nora teria esperado que Solum tivesse mais *cores*. Ela nunca estivera ali, mas ouvira falar coisas muito diferentes a respeito do reino em que acabara de entrar, especialmente considerando que estavam a menos de 24h do dia mais aguardado do ano, que era um festival. Animado, colorido, vivo.

A cidade que entrara estava cheia de fuligem pelas ruas, tomadas por um tom cinza não só nas calçadas, mas como se um espírito de luto pairasse sobre o povo. Homens e mulheres se agrupavam nas portas das casas com vassouras, tirando um pó cinza do chão. Ainda era uma cidadezinha muito bonita, Nora observava. As casinhas eram diferentes das de Ravonlor, conforme sua mãe sempre lhe dizia, o telhado era mais alto e pontudo formando triângulos perfeitos. Flores se penduravam de colchetes nas janelas, mas pareciam de mentiras. Coloridas, mas mortas.

Gyl vinha na frente da carroça, conduzindo os cavalos. Ele virou numa praça que estava muito cheia de gente, inclusive muitos guardas reais uniformizados transitavam entre a população.

- Com licença, - Ele desceu da carroça e se aproximou de um guarda – Eu sou Gyl e estou transportando a princesa Eleanor Raven, qual o caminho para o castelo?

O guarda o olhou intrigado.

- Você trabalha para a guarda real de Ravonlor? – Replicou o guarda. As pessoas cruzavam por entre eles, indo e vindo carregando escombros e entulhos, bem como baldes com cinzas.

- Não. – Gyl apontou para Nora na carroça, que acenou ao guarda – Eu estava vindo para o festival e a encontrei a caminho daqui a cavalo, então lhe dei uma carona.

- Meu querido, o festival foi cancelado. Houve um incêndio aqui ontem, como você pode ver. – O guarda apontou para um buraco entre um pequeno jardim que parecia ter sido queimado, e um segundo prédio – aquilo ali costumava ser a nossa biblioteca.

Eleanor olhou para os escombros com pesar e desceu da carroça.

- Sinto muito, senhor. – Ela disse se aproximando do guarda – Mas eu ainda preciso falar com Dan Theales, ela estendeu a mão para ele, o anel com o

corvo em cristal em evidência, brilhando em seu dedo anelar – Eu sou Eleanor Raven e estou aqui numa missão diplomática entre os reinos.

O guarda ergueu as sobrancelhas a ela.

- Suas cortes e seus costumes... VINTE ANOS Solum sobreviveu à fome e à seca, e de repente *Ravens* e *Cantios* começam a aparecer aqui e nos deixam com essa bagunça para arrumar. – Ele balançou a cabeça negativamente – Venha, princesa, eu vou escolta-la até o castelo.

Nora olhou para Alex insegura. Não esperava que tivesse de fazer aquilo sem ele. A jornada não chegava a ser nem de longe tão perigosa quanto o que estava prestes a enfrentar. Sua espada ainda se pendurava pela lateral da bainha ao redor de seu quadril, mas o apoio de Alex não era físico, e sim o suporte que ele lhe dava simplesmente por estar ali.

- Eu admiro muito que você esteja fazendo isso. – Ele disse quando ela se aproximou da carroça – Nora tocou seu rosto dos lados e segurou-o, encostando sua testa na dele quando ele se abaixou um pouco.

- Obrigada por me manter viva até aqui. – Ela disse sorrindo.

- Obrigado por me permitir ir com eles e trilhar minha própria jornada em prol desse reino. Se nós pudermos mesmo fazer isso, Nora... e sabemos que é possível, nós vimos as abóboras nascerem na colina! Se nós pudermos realmente fazer isso, se a natureza nos ouvir, podemos salvar Ravonlor da fome para sempre.

- Vá fazer o que você precisa fazer. Eu mandarei Elliot encontra-lo quando for a hora de voltar para casa, para saber onde você está. – Alex lhe entregou a pequena mala que continha o envelope com os documentos e o vestido que ela não precisaria mais usar, se o festival estivesse cancelado – Voltarei com esse tratado assinado, vou me casar com você, Alex Berglund. – Nora sussurrou para ele, que deu um beijo na testa dela antes que ela se afastasse.

Então Gyl subiu de novo na carroça e eles fizeram seu caminho de volta para a rua, fora do grande volume de pessoas que tentavam organizar a praça em meio a todo aquele luto. Alex foi vendo Nora sumir no meio das pessoas, até que só soubesse que ela estava lá no meio porque Elliot levantou voo bem acima da multidão.

~ Capítulo XVII ~

A princesa desprometida

Dan faria 21 anos em menos de 24h e havia passado as últimas 12h de sua vida colaborando com uma investigação que lhe revelara mais coisas do que talvez achara possível descobrir num período tão curto de tempo. Encontrara pedaços de panos rasgados e manchados numa sala de estudos frequentemente ocupada por sua irmã e descobrira, perguntando a serviçais leais, que rei James e príncipe Neil foram vistos entrando nela na noite anterior.

Quanto mais tempo passava na presença de rei James, mais Dan o achava estranho. Ele tinha um ar de comando para com as pessoas e parecia constantemente irritado com absolutamente tudo. Era uma pessoa extremamente desagradável de estar perto, porque estava sempre berrando com alguém ou reclamando de alguma coisa.

A rainha Myra, por outro lado, era a pessoa mais calma e quieta de quem Dan já tivera notícias na vida. Se tivesse ouvido sobre ela provavelmente não teria acreditado que uma pessoa era capaz de ser tão pacífica, mas talvez fizesse sentido, porque qualquer outra pessoa que fosse ligeiramente tão explosivo quanto James, em sua constante companhia, não teria suportado ficar dois dias casada com ele.

O olhar detalhista de Dan, no entanto, lhe chamou a atenção não só para as características dos estrangeiros, mas também das pessoas que conhecia muito bem. Seu pai, por exemplo, estava andando de um lado para outro, interrogando pessoas e ordenando guardas e serviçais em toda parte, na

esperança de facilitar a investigação sobre o paradeiro das crianças. *Crianças*, que aliás nem podiam ser chamadas assim mais, apesar do que os reis insistiam em dizer. Neil era da idade de Dan, e Grace podia não ser uma adulta ainda, mas já estava bem distante da infância, especialmente depois de tudo que ouvira e processara desde que saíra escondida do castelo para pegar um livro na biblioteca.

Qualquer estrangeiro que tivesse acabado de pisar no castelo pela primeira vez não teria entendido o que estava acontecendo, pensou Dan. O que na noite anterior era um baile alegre regado a música e um banquete animado, se tornara quase um funeral. Rei Marius havia declarado publicamente que a única forma de retomarem as celebrações e prosseguirem com o Festival, bem como a festa de maioridade de Dan, que o permitia assumir a coroa quando se casasse, era se Grace e Neil fossem encontrados, de modo que toda Solum estava a procurar por eles. Um clima mórbido assolava qualquer um que tivesse estado ali tempo o suficiente para conhecer a biblioteca, o marco mais imponente de Solum, com a arquitetura mais diferente de toda Colore e também uma referência a Estorio e à vitalidade de Solum no período pós Guerra Negra, que estava completamente destruído, e, com ele, destruída também fora a alegria de muitas pessoas.

Dan estava na sala do trono conversando com seu pai e rei James sobre a possibilidade de um deles se juntar às buscas, ele queria ser o escolhido pois podia ao mesmo tempo descobrir se Grace chegara ao seu destino em segurança, como impedir que seu pai descobrisse seu paradeiro. Não fazia diferença a ele que sua festa de maioridade não fosse realizada naquele fim de semana pois ele não tinha planos de se casar tão cedo, e apesar de se sentia capaz para assumir a coroa quando fosse necessário, não tinha pressa.

Portanto, o desaparecimento de Grace lhe beneficiaria mais do que atrapalharia, especialmente porque sem o festival, Neil também não seria reconhecido como futuro rei, e, visto Dan não tinha certezas ainda do quanto podia confiar nele, era bom que ele não obtivesse aquela influência.

- Eu só estou dizendo, rei Marius, - interrompeu rei James assertivamente – que alguém que conhece sua filha tem muito mais chances de encontrá-la do que um bando de soldados. Onde está a outra garota, a dama de companhia dela? Chame-a até aqui para que a entrevistemos novamente.

Rei Marius maneou a cabeça em negação.

- Não, James. Um rei não simplesmente deixa seu trono vazio assim, especialmente se há uma ameaça à vista. E sabemos que há, pois bibliotecas curiosamente pegam fogo por aqui quando estrangeiros aparecem para o jantar.

- O que você está insinuando, exatamente, rei Marius? – James elevou sua voz, virando-se para olhar diretamente nos olhos de Marius, azuis como o céu claro da manhã.

- Eu não estou insinuando nada, rei James, estou constatando fatos. Duas vezes na história deste reino tentaram apagar a nossa história e destruir nosso passado através da queima dos nossos arquivos mais importantes. Uma vez foi quando Estorio Theales recebeu Brandon Cantio para um baile há duzentos anos atrás, e a segunda foi ontem à noite, quando eu te recebi aqui. Agora minha filha está desaparecida e minha biblioteca destruída, ao passo que muitas pessoas te procuraram ontem e nem sua própria esposa sabia onde

você estava, enquanto você tem a grande coragem de me dizer que estava *passando mal* em seus aposentos.

- Ora seu...! Crawley! – Rei James invocou um dos seus soldados que o havia acompanhado até ali – encontre Myra e prepare nossas coisas, nós vamos embora daqui imediatamente. Eu não preciso ficar aqui ouvindo esses insultos. Isso foi um erro! Os Cantio e os Theales nunca devem permanecer juntos realmente, nossos filhos nunca se casarão!

Dan ergueu a sobrancelha surpreso. Quem era mais favorecido pela união de Neil e Grace era o reino de Seacantio, não havia razões o suficiente para ele cancelar o noivado de repente apenas por causa de um ímpeto de raiva.

A pesada porta de madeira que abafava as vozes alteradas se abriu e Eric veio acompanhado de uma garota. Ela era magra, não muito alta e com pesados cabelos escuros, andava com confiança, trajando botas altas até seu joelho e uma camisa branca por dentro de um espartilho, uma espada embainhada na lateral de seu quadril e uma mala pequena na mão direita. Um corvo pequeno se apoiava no ombro dela.

Eric pigarreou antes apresenta-la.

- *Ca-ham*, meu rei, a honrada princesa Eleanor Raven de Ravonlor se apresenta à corte.

Os três homens que estavam numa discussão acalorada se calaram, e Dan podia jurar que por debaixo da barba azul de James, seu rosto já muito branco, empalideceu. Nora curvou-se e fez uma reverência.

- Rei Marius, príncipe Dan. – Ela os cumprimentou com um sorriso se aproximando – *Rei James?* O que você está fazendo aqui? – Ela ouvira a discussão deles ao se aproximar, antes que Eric a conduzisse para dentro do saguão do castelo, sabia que rei James, o traidor que conspirava com seu próprio pai, estava em maus lençóis, e, tendo consciência de que o festival não ia mais acontecer e portanto Dan não seria simbolicamente coroado, ela teria de fazer o trato com o pai dele, rei Marius.

- Eleanor, você cresceu muito. – Disse rei Marius se aproximando dela, mas sem dar as costas totalmente a Dan e James, pois queria ouvir a resposta do rei de Seacantio – Se tornou uma mulher muito bonita, seus pais devem estar orgulhosos.

- Obrigá... – Nora fez menção de agradecer, mas foi ríspidamente interrompida por rei James.

- Eu já estava de saída. Ele disse com a cara fechada se afastando de Dan e fazendo um sinal ao seu guarda, Crawley, que imediatamente se aproximou dele – Crawley, me traga Myra, eu mesmo vou encontrar meu filho.

Talvez Nora se arrependesse mais tarde do que diria a seguir, lhe ocorreu por um segundo. Mas uma vez que rei James não estivesse mais ali seria sua palavra contra a dele, então ela talvez se beneficiasse se pudesse expor a verdade como uma carta surpresa.

- Oh, o que houve com Neil? Ele está bem? O meu noivo está bem? – Ela fez a melhor cara de choque e preocupação que pôde.

- Como é? – perguntou rei Marius genuinamente surpreso – O que disse, Eleanor?

- Neil, - repetiu Nora – ele está bem?

- Ele está desaparec... – rei James fez uma tentativa de responde-la, mas foi interrompido por um rei Marius furioso que lhe dirigia a palavra quase com desprezo.

- Neil e Eleanor estão *noivos*? Do que ela está falando?

- Ora, mas é claro que não estão noivos! Como Neil poderia se casar com ela e também com Grace ao mesmo tempo? Isso é loucura. A garota não sabe o que está falando. – respondeu rei James rapidamente. Crawley voltou com Myra em seu encalço, e um grupo de duas criadas e quatro soldados, todos em trajes em tons de azul, apareceram carregando malões e bagagens – Aliás, - completou rei James – nós nem sabemos se essa garota é de fato Eleanor de Ravonlor. Há quantos anos nenhum de nós visita aquele reino esquecido às traças?

- Ela é Eleanor de Ravonlor. – Afirmou rei Marius - Não faz tantos anos assim que eu visitei aquele reino, e conheço a família Raven muitíssimo bem, pois são meus aliados leais.

- Eu sou Eleanor de Ravonlor. - Nora afirmou assertivamente, erguendo o braço e exibindo o anel de sua família, com um cristal em formato de corvo.

- Ela é Eleanor de Ravonlor. – Concordou Myra em voz alta, para a surpresa de todos. Não era de seu feitio falar em voz alta, muito menos interromper alguém. – E não há motivo para discordarmos disso, James, você sabe tão bem quanto eu que ela estava no nosso último baile, sete anos atrás, quando estivemos em Ravonlor pela última vez.

Rei James lhe lançou um olhar furioso e ergueu o punho, fazendo menção de se aproximar de Myra, mas Dan o segurou pelo braço.

- Não queremos causar uma cena aqui, certo, vossa alteza? É melhor se acalmar. – Rei James parou em seu lugar, mas lançou um olhar a Crawley, que se aproximou de Myra e a segurou firmemente pelo braço.

- Largue a rainha agora. – Ordenou rei Marius.

- Eu não sigo ordens suas. – Retrucou Crawley rispidamente enquanto puxava Myra com força pelo braço.

- Rei James, mande seu guarda soltar a rainha ou teremos um pequeno incidente diplomático aqui.

- E você acha que *eu* sigo ordens suas? Você está acabado, Theales! Você não tem o controle desse reino, nunca teve. Você não tem o controle sequer da sua própria filha e acha que pode mandar em mim? Eu sou muito mais poderoso que você, muito mais inteligente. Crawley! Leve-a! – Ele quase cuspiu as palavras em direção à Crawley.

- Eric, por gentileza, faça esse verme tirar as mãos da rainha. – Disse rei

Marius.

Dan ainda bloqueava a passagem do barba azul com seu próprio corpo, mas agora até mesmo a guarda real estava virada uma contra a outra, espadas empunhadas e olhos atentos. Os serviçais indefesos, tanto de Solum quanto os dois de Seacantio, estavam congelados em seus lugares e pareciam com medo até de respirar.

Eric se aproximou de Crawley e desembainhou a espada, tomando posição de defesa. A rainha Myra não aparentava estar em choque, mas Nora não esperava que a situação piorasse tão rapidamente.

- Ok, ok. Vamos fazer o seguinte, - sugeriu James com um tom mais brando, se desvencilhando de Dan e erguendo as mãos em sinal de paz – Minha guarda e eu vamos embora, ninguém briga e ninguém sai daqui ferido.

Era a última coisa que rei Marius permitiria. Ele quase riu na cara de James devido à tamanha coragem em sugerir uma coisa daquela. Primeiro porque rei Marius estava fortemente inclinado a acreditar que o causador do incêndio na biblioteca fora ele, segundo porque ele havia demonstrado ser violento com Myra, o que Marius não toleraria de forma alguma, e por último, porque se Neil estivesse noivo de Eleanor por suas costas, o acordo configuraria traição, e nem Neil nem Eleanor eram maiores de idade, de modo que seus pais responderiam por eles.

- Vamos fazer o seguinte, - completou rei Marius – você me fala a verdade e eu decido o que quer que você tenha acordado com os Raven configura traição ou não.

A história chamaria aquele dia por um nome especial no futuro, mas, naquele momento em que nenhum deles sabia disso exatamente, apenas Nora e Elliot ficaram surpresos quando, no ápice da tensão, rei James pegou sua espada e partiu para cima de rei Marius, e seus súditos os seguiram, transformando a sala do trono de Solum numa trincheira de guerra.

~ Capítulo XVIII ~

Loja do Sr. Pender. Maldição. Stohlie.

Quando Velska voltou com um galho de hortelã, duas folhas de arnica, um pouco de anis estrelado e suco de maracujá concentrado, encontrou Thomas, Deacon, Ina e Ella esperando por ela na sala do andar superior da loja do Sr. Pender. Todos eles em silêncio.

- Deixe as coisas com Stohlie, mamãe. E volte com o outro garoto, há um assunto sobre o qual todos nós precisamos falar hoje. – Disse Deacon muito sério.

Velska nunca tinha sido tratada assim por ele. Eles eram muito amigos e sinceros, mas talvez tudo isso estivesse prestes a mudar agora que Neil estava ali. Especialmente porque Deacon era muito parecido com ela, ele observava, analisava e recolhia fatos com muita facilidade, qualquer pessoa que se lembrasse dela mesma alguns anos mais jovem e olhasse para Neil, teria tido ao menos a impressão de que eram parentes. Era chegada a hora em que ela teria de lidar com as consequências de sua mentira.

A *ex-fada* olhou com apreensão para Thomas. Ele não sabia ainda, ela percebeu. Não estava bravo ou triste, só parecia confuso. Ela o amava profundamente. Pensava sobre aquele momento muitas vezes; o momento de ter que lhe contar a verdade; e sempre concluía que o que fora negado por ela, o seu filho de sangue, sofreria mais e a odiaria para sempre, mas agora ela sabia que seu maior medo é de que ele, Thomas, o filho que criara e amara muito por toda a vida, se ressentisse dela para a eternidade.

Velska seguiu para o quarto carregando os itens que Stohlie havia lhe pedido, e os entregou a ela. No quarto, Grace ainda estava de olhos abertos e olhar perdido, e Neil permanecia sentado na cadeira com as pernas inquietas e a expressão amargurada. Stohlie pegou o anis estrelado e colocou debaixo da língua de Grace.

- Eu posso fazer isso sozinha caso você precise *resolver alguma outra coisa*.
– Stohlie disse à Velska enquanto desfolhava os galhos de hortelã.

- Hm, Neil? – Velska chamou hesitante – Você pode me acompanhar, por favor? Tem algumas coisas que eu preciso explicar a você.

Neil a olhou levemente sobressaltado, como se só então percebendo que ela tinha voltado.

- É que eu não gostaria de deixa-la sozinha. – Ele disse apontando para Grace com a cabeça como se fosse um fato óbvio.

- Tudo bem, garoto. – Stohlie o respondeu enquanto deitava Grace na cama e colocava as folhas de hortelã atrás das orelhas dela – Eu vou estar aqui o tempo todo e já ela vai acordar, então eu a levo até você. Pode confiar em mim, - ela continuou e então fez um meneio de cabeça para Velska ao concluir - você vai querer ouvir essa história.

Neil acompanhou Velska até a sala onde os outros estavam e se sentou no chão ao lado de Ella.

- Tudo bem, qual exatamente é o lance aqui? – Ele perguntou – Por que todos

parecem saber de algo aqui menos eu?

Velska respirou fundo.

- Neil, nós sabemos sobre a maldição que há em sua família.

- Oh! Como sabem disso? – Ele questionou envergonhado.

- Há muitos anos atrás, Neil, eu fui uma fada. Isso permitiu que eu tivesse acesso a certas informações e fatos guardados à sete chaves pela magia, pois quanto mais em harmonia você está com a natureza mais ela se comunica com você.

- Mãe... isso é mesmo necessário? Já sabemos disso. – Thomas interrompeu-a.

- Eu não sei. – Neil disse dando de ombros – Por favor, continue.

- Bem, - Velska retornou o assunto – eu não sei qual a versão da verdade que corre por entre vocês em Seacantio sobre Erin e Brandon, Neil, mas...

- Minha família não admite, mas eu sei que Brandon a feriu e possivelmente matou.

- Como você sabe disso? – questionou Deacon.

- Primeiro porque eu não sou idiota. Meu pai é um psicopata violento, como foi o pai dele. É natural acreditar que essa raiva reprimida venha de algum

lugar. Segundo porque Erin tinha um diário em que relatou o abuso que sofreu, e todas as gerações de Cantios tem procurado por esse diário para destruí-lo, de modo a reestabelecer sua reputação sem que hajam provas para desmentir a versão da história que eles contam, que é de que Estorio colocou fogo em seu próprio castelo para matar Brandon, tornando-o assim a vítima.

- O que você quer dizer com seu pai ser um psicopata violento, Neil? – Perguntou Velska. Ina e Ella também se atentaram bastante para essa parte pois cresceram em um lar simples, mas muito cheio de amor para não se compadecer de quem não tivera a mesma sorte.

Neil suspirou. Não sabia por onde começar e nem sequer conhecia aquelas pessoas, não havia motivo para simplesmente sair contando coisas tão pessoais a elas, mas de alguma forma era como se os conhecesse a vida toda. Além disso, estava exausto. Passara quase vinte e um anos na companhia de um homem que gritava constantemente com ele e por muitas vezes fazia mais do que gritar, ter a oportunidade falar sobre aquilo era como um sopro de vida aos seus cansados pulmões que constantemente pareciam estar se afogando.

- Ele perde o controle às vezes. – Disse Neil dando de ombros.

Velska colocou a mão esquerda sobre o peito e fechou os olhos, seu rosto se contraiu numa expressão de dor.

- Eu sinto muito. – Ella disse.

- Você gostaria de poder esquecer essas coisas? – Perguntou Ina.

Neil a olhou surpreso. Era a menor entre eles, menor até mesmo do que Grace, que mesmo sendo pequena parecia confiante e cheia de presença. Aquela garota não. Ela parecia ser uma garotinha nova, minúscula e cheia de vida. Não havia motivos para que Neil corrompesse sua infância com tanta dor, mas não havia também como fingir que podia ser uma pessoa diferente e ignorar o que passara, que mesmo tendo sido difícil e doloroso – especialmente fisicamente – também era o que o fizera detestar seu pai e jurar, acima de tudo, tentar quebrar a maldição e não repetir os erros dele.

- Acho que não. Eu não trocaria quem eu sou, e não poderia ser eu sem o meu passado.

- Sobre isso... – Velska retomou sua história – Thomas, eu preciso que você tenha muita paciência e procure entender o que vou dizer agora. Tudo bem? Velska se aproximou dele e pegou-lhe pela mão, ele acenou afirmativamente. Naquele momento Deacon maneou a cabeça negativamente, mas Velska prosseguiu.

– Por ter sido uma fada e estando consciente da situação em que Colore se encontrava, em que a magia estava desaparecendo cada vez mais e mais e Colore estava entregue a um estado de esquecimento e egoísmo, eu procurei ajuda sobre como unificar os reinos novamente e se haveria uma forma de cessar a maldição dos Cantio, que sabemos ser real e perigosa... - Ela indicou Neil com a cabeça, como se esperasse que ele confirmasse, mas ele estava compenetrado demais para exibir qualquer reação, por isso ela continuou. - Eu recebi uma profecia. – Os olhos de Velska se encheram de lágrimas e sua voz embargou – A profecia dizia que para trocar o destino do reino era

necessário trocar um bebê por outro, para que o bom coração, ou seja, aquele que não conheceu a maldição, se assentasse no trono e governasse livre do legado de infortúnios de seus antepassados.

Velska apertou seus olhos ligeiramente pontudos na extremidade externa e se voltou para Thomas.

- Tom, eu o amo mais do que a minha própria vida, e eu espero que um dia você possa me perdoar, - agora ela soluçava em lágrimas – mas você não é meu filho. Não de sangue, pelo menos. Neil é.

Thomas olhou de súbito para Neil e então para Velska. Era sua mãe. Aquela mulher era sua mãe. Ela havia lhe ensinado a falar, a andar, a escrever. Velska havia lhe alimentado quando ele não podia, havia perdido incontáveis noites de sono para fazê-lo dormir em segurança. E de repente tudo era uma mentira? Tudo aquilo era para ser a vida de outra pessoa.

- Você mentiu pra mim? – Thomas desvencilhou suas mãos das dela – Tudo que eu vivi, tudo que eu sou é um engano?

- Eu... Eu não posso ser seu filho. Minha mãe morreu quando eu nasci... – Balbuciou Neil.

- Tom, não! Por favor, olhe para mim! – Velska buscou o rosto dele com as mãos e se aproximou quase até que suas testas se tocassem, lágrimas escorriam pelos olhos de ambos. – Você ainda é a mesma pessoa, de onde viemos nunca vai ser mais importante do que para onde escolhemos ir. Tudo que vivemos foi real! Você é tão meu filho quanto Deacon, eu o amo tanto.

- Não tem como, - repetiu Neil negando com a cabeça, e Ella se aproximou dele pois era evidente que Velska não poderia dar atenção igual a ambos naquele momento e o impacto que Tom tivera frente às informações era bem maior. – Não posso ser seu *filho*. Eu não tenho mãe. Meu pai é meu pior inimigo. Você está dizendo que eu tenho uma *família*? Que por todo aquele tempo em que eu estava *apanhando* vocês estavam aqui *tomando chá*? Que mãe faria isso com seu próprio filho? Entregá-lo assim para sofrer até quase morrer?

Ella o tocou com gentileza no braço, mas ele se sobressaltou com o toque e recolheu o braço bruscamente. Deacon se aproximou de Tom e Ina permaneceu sentada onde estava, no tapete ao redor da mesinha, olhando de um para outro sem saber o que fazer.

- NÃO ENCOSTE EM MIM! – Neil gritou, recolhendo o braço com rispidez e então começou a chorar, enterrando o rosto nas mãos. – Me desculpe, eu não sou de gritar. Eu não sou como ele, me desculpe.

Mesmo depois da reação dele, Ella lhe deu a mão, acariciando os dedos dele num carinho. Seu dedo passou pelo anel dele e o tempo desacelerou novamente enquanto seu olhos sintonizavam em cenas pretas e brancas de Neil bem pequeno se escondendo dentro de um armário, gritos ecoando à mesa de jantar, Neil um pouco maior entrando na frente de um homem forte cuja barba era azul, enquanto o homem erguia a mão para uma mulher pequena e delicada, Neil ao lado de uma pia e um espelho num banheiro fino, sem camisa, com a mesma mulher de antes a secar cortes nas costas dele com uma toalha.

Os olhos de Ella ganharam cor e ela o abraçou. Ele era quase sete anos mais velho que ela, mas era tão mirrado, como se se encolhesse em seu lugar e se esforçasse ao máximo para não ocupar muito espaço. Se não fosse pelo olhar doloroso de quem já viveu mais coisas do que deveria, ele talvez fosse confundido com um garoto mais jovem, como ela.

- Eu sinto muito que ele tenha feito todas essas coisas com você.

Velska e Deacon se reuniam ao redor de Thomas, Ella abraçava Neil e Ina fechara seus olhos e conversara consigo mesmo, quase como se fizesse uma pequena prece, quando Stohlie apontou pelo corredor com Grace em seu encalço. A princesa parecia saudável e consciente.

- Neil? – Ela perguntou ao vê-lo chorando, se agachou ao seu lado – O que houve? Ei, eu estou bem, Stohlie fez um bom trabalho. – Ela disse sorrindo. – Neil? O que há de errado? O que o seu pai fez dessa vez?

- Nada. – Ele respondeu, apertando sutilmente as mãos de Ella num agradecimento, e então limpando as lágrimas – Ele não é meu pai, Grace. Isso é muito estranho, mas significa que pelo menos eu posso tratá-lo como ele merece sem precisar me preocupar se estou perpetuando a maldição dos Cantio, porque eu não sou um Cantio.

- Como não é um Cantio, Neil? Do que você está falando, claro que é, por que outro motivo nossos pais teriam arranjado nosso casamento?

- Ele não é, - disse Tom – fomos trocados, ele é na verdade seu tio, Grace,

como eu achei que fosse.

- Não, Tom. A profecia não era só sobre quebrar a maldição... – Velska respondeu entre um soluço, respirando fundo na tentativa de se fazer entender melhor pois sua respiração estava muito irregular – Eu troquei o meu filho, com sangue mágico e bondade inerente das fadas, por Neil e o deixei em Seacantio, sim. Mas você não é o bebê por quem eu o troquei. A profecia deixava claro que o bom coração deveria se sentar no trono, e há apenas um trono que governa os cinco reinos.

Os olhos de Deacon se esbugalharam enquanto ele piscava repetidas vezes e sua boca se abriu num “O”. Quando finalmente pôde falar, disse:

- Não, mamãe. Você não pode ter feito isso...

- Na verdade, Tom, você é o herdeiro de Solum, o verdadeiro Dan Theales.

- Como é? – Perguntou Grace como se só *agora* tivesse de fato acordado.

Velska olhou para Tom na esperança de que ele fosse falar algo ou exibir qualquer reação, mas nada aconteceu, ele só ficou lá encarando-a enquanto ela não fazia ideia do que ele estava pensando, só sabia que estava envergonhada.

- Vocês precisam entender, - ela suplicou a todos, e a ninguém em específico – era a única forma. Era a única forma de garantir que os Cantio e os Theales pudessem se amar genuinamente. Grace, minha querida, você ama Dan, não ama? O seu irmão?

- Eu... sim, eu o amo muito. Sim. – Ela respondeu atônita.

- E você sente que o ama menos por saber que ele é um Cantio? Que ele é menos seu irmão agora?

- Isso não faz sentido. – Ina declarou – Por que você teria que envolver o seu filho na troca dos bebês sendo que a profecia dizia respeito à quebra da maldição, no caso Neil, e à ascensão ao poder, ou seja, Dan?

- Porque Dan terá muito poder em suas mãos, e era necessário que ele soubesse onde fica o papel da magia em sua vida, para que não se deixasse dominar por ela ou tentar domina-la. Tom, que é Dan e futuro rei, foi criado num ambiente de harmonia com a magia e sabendo respeitar as leis da Natureza. Ele não tentaria fazer como Brandon Cantio e sobrepor sua influência sobre a magia, ou de forma alguma manipulá-la. Certo, Tom?

- Tudo que você fez, mudando a vida de três bebês inocentes para todo o sempre para evitar que um deles fosse manipulado pela magia... Para evitar que fôssemos manipuladores você nos manipulou você mesma? Não percebe como simplesmente cometeu o próprio erro que estava tentando evitar? – disse Deacon – Como pôde fazer isso, mãe?

- A mulher fez o que precisava fazer, Deacon. É melhor que tenha errado e estejamos aqui para consertar do que se tivesse se omitido e todos nós estivéssemos mortos. Você não se lembra de como as coisas eram, você era muito pequeno, não sabe o custo que isso teve para ela. – Entreviu Stohlie – Se não fosse por sua mãe essa terra teria sido há muito tempo apagada do

mapa como nós a conhecemos e estaria hoje sendo governada por Bryallin e seus lobos amaldiçoados. Grace, - a bibliotecária que agora tinha asas em suas costas chamou a princesa que por muitos anos vira crescer em esperteza e bondade – Clarin lhe entregou um broche, certo? Na biblioteca, junto do diário de sua mãe.

Grace fez que sim com a cabeça. Se lembrava de ter prendido o broche na capa, e a capa estava dentro da sacola que Dan, *o seu irmão*, arrumara para ela, junto do caderno de couro aveludado.

- Você ainda tem ele? Está aqui com você? – A fada lhe questionou, e a garota afirmou com a cabeça.

- Está na minha bolsa.

Stohlie acenou com a mão em direção ao corredor e num segundo a bolsa voou até suas mãos. Ela entregou a bolsa a Grace e pediu que a princesa a abrisse. Grace mexeu no interior da bolsa e tirou a capa de lá de dentro, removendo o broche com uma flor de cristal do tecido e o entregando de volta à Stohlie.

Ina olhou para o pequeno objeto com atenção, parecia muito ingênuo. Mas foi crescendo até parecer um pouco maior do que uma bola de beisebol que seu avô costurara para ela quando criança. Era uma bola de cristal, e uma névoa foi se movendo dentro dela quando uma voz feminina tomou o ambiente, recitando as palavras que iam se movendo por entre a névoa.

"Uma profecia há de se cumprir,

um bebê pelo outro, você deve decidir.
Luas passarão até que saibamos,
se o destino foi trocado ou com todos nós falhamos.
A remissão do pecado deve acontecer.
Uma entre as cinco chances, há de resolver.
Honrar o passado ou ao futuro ascender.
O dilema é qual versão dos fatos haverá de escolher.
A verdade a magia não acobertará,
e a trapaça cometida, pela honra ou pelo sangue se pagará.
Um coração duro não pode ser amolecido,
Mas se o bom coração, no trono se sentar,
mais de um, mais de cem,
motivos terão para celebrar."

Eles ouviram com atenção, e a névoa se dissipou, deixando a bola de cristal completamente transparente e apenas uma pequena flor branca – uma camélia, observou Ina – se fazia visível lá dentro.

- Você precisava garantir que o herdeiro de Seacantio não seria *um coração duro*, – Disse Neil – alguém condenado a repetir os mesmos erros que James repetiu de seu pai, que repetiu do avô.

Velska assentiu com a cabeça.

- A remissão do pecado é sobre esclarecer o que aconteceu com Erin, eu imagino, pois foi esse o erro inicial que separou as nossas famílias. – Completou Tom respirando fundo – Pois é como se uma névoa de esquecimento sobre sua própria história pairasse sobre as pessoas, elas mal se

lembram de Erin, embora muito se diga sobre Estorio.

- E a uma entre cinco chances? – Perguntou Ella.

- Sou a quinta geração desde Brandon. – Disse Neil. – Digo, Dan, que é então o verdadeiro Neil Cantio, é a quinta geração desde Brandon. Então o honrar o passado é fazer a justiça ao nome de Erin, ou ascender ao futuro, que é o que o meu pai pretendia fazer, apagando completamente a história como se ela nunca tivesse existido. A versão dos fatos diz respeito a esclarecer a verdade ou não, pois, uma vez confirmado que governamos Seacantio há cinco gerações com reis abusadores, violentos e assassinos em potencial, nossa história ficará para sempre manchada.

- Então a única forma de fazer justiça é pela honra ou pelo sangue? – Ina perguntou.

- Podemos partir do pressuposto que a maldição dos Cantio já foi quebrada graças à troca dos bebês, que permitiu que Grace e Dan, que é Neil e, portanto, carrega a maldição pelo sangue de Erin derramado, se amassem sem qualquer limitação. – Respondeu Stohlie – Isso faz sentido, porque Dan, o bebê criado em Solum que agora sabemos ser o verdadeiro filho de rei James, não tem barba azul, diferente de todos os homens de quem ele descende. Talvez a barba azul seja a marca da transgressão contra Erin, como uma forma de identificar a maldição. Mas além da maldição dos Cantio que segue matando as mulheres dos barbas azuis em partos, há também a questão da terra amaldiçoada que parou de dar frutos em toda parte exceto por Solum. Talvez seja sobre isso a questão da honra e do sangue? – Stohlie perguntou à Velska.

- Eu nunca soube exatamente se a maldição na terra era sobre o sangue inocente de Erin que foi derramado e jamais recebeu justiça, ou se foi pela ganância e mau que se instaurou de maneira geral no reino. De alguma forma é quase como se a natureza se recusasse a nos abençoar até que entendamos exatamente como nos portar uns com os outros e também para com ela.

- Pode ser os dois. – Respondeu Deacon – Pode ser que Brandon tenha sido o primeiro, como se ele desse um início oficial nos recordes da cobiça, dando exemplo a todos que já a tinham dentro de si, mas se escondiam, que era tudo bem não responder por seus atos. Talvez seja tudo uma coisa só, e não duas maldições diferentes.

- Só tem uma forma de descobrir. – Disse Ina abrindo o álbum de selos do vovô e o entregando a Grace – Grace, há alguma imagem aqui que se pareça com sua casa?

Grace folheou as páginas do álbum, as primeiras estavam em branco, mas depois encontrou representações gráficas muito apuradas de Solum. Havia até mesmo um selo da biblioteca, com sua frente triangular e o telhado de vidro inclinado. Num cantinho de uma página ela encontrou um selo do castelo *Firebird* e o apontou com o dedo para Ina.

- Está pronta? – Ina perguntou para Ella.

- O que você vai fazer? – A irmã lhe questionou na sequência.

- Vou abrir uma passagem para que possamos ir até Dan e esclarecer a

história toda. Nós não chegaríamos a tempo para o Festival, e precisamos interceptar a coroação antes que ele se torne rei de Solum em potencial por engano.

- Não chega a ser uma coroação. - Disse Grace – Ele não vai de fato assumir a coroa. É mais como uma cerimônia para publicamente declarar que ele legalmente *pode* assumir a coroa quando for casado. É mais como uma pré-coroação, se é que isso existe.

- Uma coisa é transportar você e eu aqui, Ina. Você acha que pode nos mandar, todos nós, à Firebird? – Perguntou Ella à Ina.

- Eu não acho não, eu tenho certeza que posso. – Ina sorriu – Um pouquinho de fé não é pedir muito, é, *ateia*?

Ella revirou os olhos.

- Deem as mãos uns aos outros. – Ella alertou – Uma vez sugados cairemos, e é melhor que estejamos todos juntos para não nos perdemos, sabe-se lá o que pode dar errado.

- Nada vai dar errado, pelo amor de Deus! – Ina disse segurando o álbum com o selo – Vamos todos até *Firebird* em segurança, é só isso.

Da mesma forma que acontecera quando Ina, bem antes de saber que era uma *Muminah*, dissera que gostaria que tudo fosse real e o álbum as sugou para dentro, um vórtex começava a se formar no lugar onde as folhas abertas estavam. Um vento forte tomou conta da sala, como se um furacão estivesse

passando e o olho dele sugava tudo para dentro do livro.

Dessa vez, ao invés de perder o controle e cair para dentro das páginas, Ina pulo dentro do vórtex, Tom veio na sequência, pois estava de mãos dadas com ela, e assim por diante até Stohlie, que era a última. Uma vez que saltaram, foram caindo e caindo, até baterem com um baque surdo num saguão cheio de gente, espadas e gritos em *Firebird*.

~ Capítulo XIX ~

A segunda viagem nos selos

Dois soldados haviam caído feridos no meio do duelo. Os dois eram de Solum. Os homens de Cantio estavam em menor número, mas eram muito mais agressivos e claramente não estavam ali para brincadeira. Na verdade, era quase como se eles estivessem esperando o momento em que rei James desembainharia sua espada, num evidente sinal de ataque aos seus anfitriões.

Rei James partira para cima de Dan com uma espada em riste, e só não o atacara bem no ato porque Nora, que estava próxima deles e muito atenta, se colocara na frente dele com sua espada a bloquear o ataque do barba azul, agora com mais cara de poucos amigos do que nunca.

Myra começara a chorar e suas duas criadas conseguiram afastá-la para longe do conflito, onde ficaram protegidas por uma pilastra, ao lado da qual alguns castiçais altos faziam uma luz mais fraca que naquele momento não era tão necessária, pois o sol, em sua hora mais dourada, adentrava pelos vitrais altos das janelas, colorindo o combate no saguão.

A guarda de Solum havia cercado a sala do trono num semicírculo, e os poucos guardas de Seacantio que estavam ali no meio deles faziam ecoar o som agudo do metal contra metal com suas espadas batendo nas dos soldados do rei Marius. O próprio rei empunhava uma espada e parara ao lado de Eleanor, protegendo Dan, que estava desarmado.

- A questão aqui é o seguinte, James, - disse ele encarando o barba azul por cima da lâmina, na altura de seus olhos – Você está em grande desvantagem

aqui. Devia ter ido embora enquanto podia, mas ao invés disso você decidiu queimar minha biblioteca, sequestrar minha filha, atacar meu filho, tentar bater na sua esposa e ferir dois dos meus soldados. Sob todos os aspectos possíveis eu diria que você fez escolhas muito pobres.

- Você não sabe nada sobre minhas escolhas, Marius. Você viveu aqui recluso no meio dos seus banquetes e flores, enquanto meu reino enfrentava a seca e um bloqueio comercial que poderia ter nos matado de fome, e de fato quase matou. Você não faz ideia do que eu tive de fazer. Não cometa o erro de contar uma história que não é a sua.

Mas mesmo convicto de suas motivações, rei James não era burro. Ele sabia que logo os outros soldados do castelo, talvez do reino, chegariam ali e qualquer chance que ele tivesse de sair invicto cairia por terra.

Enquanto raciocinava sobre qual a melhor rota para fora dali, um buraco se abriu no teto e uma garota foi caindo suavemente por ele até bater no chão. Depois um garoto, um homem, uma senhora, uma *fada*? Neil estava no meio deles, eram muitos, oito pessoas no total. Caíram em lugares separados, mas não muito longe uns dos outros, quase como se fechassem o semicírculo que a guarda real fizera ao redor deles.

- Grace! – exclamou rei Marius ao vê-la – Você está bem! Como veio parar aqui? – Ele inquiriu olhando para o lugar onde o buraco no teto já se fechara.

- Eu estou bem... O que diabos está acontecendo aqui? – Ela questionou enquanto se levantava do chão onde caíra, percebendo que os soldados estavam em conflito e os dois reis estavam com as espadas em riste – Dan?

Você está bem?

- Neil! – rei James estava exultante, finalmente uma oportunidade palpável em sair dali vitorioso. Seu filho, apesar de não ser exatamente um soldado, haveria de lutar ao seu lado para proteger-lhe – Finalmente uma notícia boa ao revê-lo! Você vê que eles estão me ameaçando? Percebe como tratam suas visitas? Venha ficar ao meu lado, filho.

Neil olhou para o barba azul com desdém. Sempre o odiara, mas agora podia ao menos dizer aquilo sem culpa, pois ao menos não sentia que devia alguma coisa a ele. Por muitos anos sentira que lhe devia ao menos respeito, já que só existia por causa dele, mas agora saber que nem isso era verdade o havia libertado, era a melhor sensação que já sentira por toda a sua vida.

O até então herdeiro de Seacantio se aproximou do homem que deveria ter sido seu pai, mas o torturara físico e psicologicamente por muitos anos. Nunca teria odiado Velska, ele pensou, porque tendo vivido 21 anos debaixo das garras de James, Neil conhecera de perto a maldição. Perto o suficiente para saber que ele, no lugar dela, também teria feito qualquer coisa que precisasse para quebra-la, mesmo se significasse abrir mão de certas coisas.

- Velska? – rei Marius indagou – Você está *viva*? Minha nossa! Por onde você esteve?

Não tornava as coisas fáceis, pois ele ainda teria de lidar com a perda da coroa de Seacantio, o fato de ter que conhecer toda sua família, se aproximar deles, conhecer suas histórias, descobrir como amá-los, descobrir como sair da vida que tinha, sem deixar de ser a pessoa que era. Mas por outro lado o

libertava.

- James, - disse Neil com os olhos brilhando enquanto gesticulava em direção à guarda de Solum com seus trajes em verde. A rainha Myra ainda parecia não querer respirar, para evitar qualquer tipo de adição àquela situação já bastante descontrolada, era o que fizera por toda a vida desde que Neil podia se lembrar. Ela se diminuía até desaparecer, para evitar que James tivesse umzinho problema a mais que fosse. Deus! Como odiava James e tudo que ele havia feito de terrível desde que Neil podia se lembrar. Era como uma lepra a espalhar horror ao redor de onde passava. – pelo visto descobriram seu plano insano de destruir todos os livros de Solum na missão insensata de dar cabo de um.

- Ora, Neil! Do que está falando? Como pode acusar seu próprio pai assim? – o barba azul o questionou, dando um passo para trás em direção a ele, e, com um aceno de mãos de James, uma espada surgiu nas mãos de Neil – Lute ao meu lado, filho.

O salão inteiro, com exceção de Myra, que agora não estava em nenhum lugar que pudessem ver, virou os olhos para o Barba Azul chocado, pois nenhum deles sabia que ele tinha magia. A guarda de Solum, com suas espadas erguidas e olhares atentos, ainda aguardava instruções de rei Marius, mas a pequena frota de Seacantio comandada por Crawley parecia esperançosa para degolar todos os presentes ao menor sinal de seu mestre.

- Como você... – Stohlie fez menção de perguntar, mas foi interrompida por Neil, que jogara a espada no chão.

- Na verdade, você não sabe o quanto eu esperei para poder te dizer isso, mas, você não é meu pai, James.

James olhou para Neil com surpresa, se distraíndo o suficiente para abaixar minimamente sua espada apontada para Dan, e então ele voltou seus olhos azuis para cima de novo, encarando Dan. Ele devia ter desconfiado, o garoto Theales lembrava muito ele mesmo em sua idade. Então ele encarou Neil novamente. Ele era sua única esperança ali, pois todos os olhos e espadas estavam voltadas para ele.

Uma vez com a espada abaixada, Neil se aproximou dele e colocou a mão por cima do ombro dele.

- Tudo bem. Eu te perdoo. – Neil disse. Mas James não parecia interessado em qualquer tipo de absolvição que Neil fosse dar a ele, porque aproveitou da vulnerabilidade do rapaz que chamara de filho e o prendeu com a parte interna do cotovelo, usando o corpo de Neil como escudo.

- Neil! – Grace e Velska gritaram ao mesmo tempo.

- Largue-o agora! – ordenou rei Marius avançando com a sua espada. Um movimento por cima dos ombros de James lhe chamou a atenção, e a rainha Myra se aproximou dele pelas costas, enfiando uma lâmina por entre as costelas do Barba Azul antes que ele pudesse se virar para ver.

- Eu não. – Ela disse quando a espada perfurou primeiro a capa aveludada que imediatamente se encheu de sangue, e depois a pele do então rei de Seacantio – Eu não o perdoo. – Ela concluiu removendo a lâmina.

O braço do rei James se soltou ao redor do pescoço de Neil, e Grace correu para abraça-lo. Se conheciam há menos de 24h, mas haviam salvado a vida do outro mais vezes do que se esperaria de um tio e uma sobrinha prometidos em casamento por engano. Os olhos de rei James pareciam vidrados, e então ele caiu sobre seus próprios joelhos.

- Sua vadia barata. – Ele sussurrou para Myra, cujas mãos tremiam segurando a espada ensanguentada. Com o resto de forças que tinha seu corpo tombou pela lateral, respirando pela última vez.

~ Capítulo XX ~

O Festival da Primavera

Quando o sábado começou a dar os primeiros sinais de que estava se despedindo em Solum, no dia do Equinócio da Primavera, qualquer pessoa que tivesse estado na praça principal da cidadezinha no dia anterior, não acreditaria que aquele era o mesmo lugar que no amanhecer de ontem havia estado sujo, empoeirado e muito cinza.

Na tarde daquele sábado, que marcava o início da primavera e determinava dias que duravam o mesmo tempo do que as noites, bandeiras se penduravam por entre as árvores, e vasos simples de flores faziam fila e decoravam de forma muito singela um pequeno palco improvisado de madeira que fora montado ali às pressas, com um trono de madeira pesado, ornamentado em ouro. Diferente do que havia sido o programado para a celebração que aconteceria ali mais tarde.

Ella e Ina não podiam afirmar categoricamente que era sábado, pois elas não haviam pregado o olho e costumavam pensar que o dia só trocava de fato quando elas acordavam. Era como se elas estivessem vivendo um dia imenso de quase 72h, quando haviam chegado ali e toda a sua vida mudara.

Os raios de sol que iluminavam a cidade com clareza, despontaram pela janela da torre no castelo onde os vitrais do quarto da princesa Grace modificavam as cores da luz, apesar de ela não estar lá.

- Você já pensou, - começou Ella com cautela – que no meio de toda essa

loucura nós ainda não descobrimos o que houve com papai e tampouco sabemos como vamos voltar para casa?

Ina assentiu da ponta da cama onde estava, colocando-se de pé num pulo, sem saber exatamente o que falar pois havia pensado naquilo muito mais do que gostaria de admitir.

- Vamos! – Ela disse colocando-se em direção à porta – Vamos descobrir como eles passaram o dia na preparação para o Festival e o que decidiram. Não aguento mais ficar aqui sem respostas. - Elas saíram em direção ao corredor.

O castelo estava relativamente vazio, considerando a quantidade de visitas que se abrigaram ali nas últimas doze horas. Pelos corredores apenas um ou outro oficial postando guarda, mas nenhuma movimentação exagerada sequer indicava que além de seus moradores regulares e respectivos servos, também a rainha Myra, Velska, Stohlie, Eleanor; a quem chamavam de Nora, Deacon, Thomas, Neil, Ina e Ella passaram a noite ali.

Após o ataque de Myra a James, os soldados de Seacantio largaram suas espadas no chão, se rendendo. Crawley fora até o corpo do Barba Azul, endireitara-o e fechara seus olhos, abraçando-o por um segundo, antes de se virar para Neil e perguntar quem era o rei, senão ele. Neil apontara para Dan, dizendo à Velska que era melhor ela explicar a ele.

Velska, rei Marius, Dan, Thomas e Neil se retiraram para uma reunião privada a portas fechadas que durara quase três horas, e quando voltaram Grace já havia colocado Nora e Myra a par das informações. Os olhos azuis

de Dan voltaram inchados, e era evidente que ele havia chorado, Neil, por outro lado, parecia mais satisfeito do que nunca e infinitamente mais vivo. Seu rosto fina regressara exibindo olhos brilhantes. Thomas permanecera em silêncio por todo o tempo, olhando ao redor e tentando se acostumar à ideia de que aquele lugar era o seu lar.

Quando Dan, Thomas e Neil saírem da sala fechada onde haviam se recolhido para a reunião, rei Marius e Velska permaneceram lá, e a porta fechada não abafou completamente os gritos que trocaram lá dentro. Rei Marius não podia acreditar que a mãe de sua falecida esposa havia tido coragem de roubar seu próprio filho e cria-lo como se fosse dela. Era desprezível e insano, e mesmo compreendendo as motivações dela, ele como rei não sabia como julgá-la, pois era imprescindível que ela não saísse impune.

A primeira coisa que os príncipes decidiram após o choque inicial de Dan ao saber que não fora criado por seus pais de verdade, mas sim por um casal gentil e amoroso que o salvaram de uma vida de gritos e lamúrias, dando muito amor e condições psicológicas e intelectuais para que ele fosse o rei que Seacantio merecia - embora nunca tivesse tido - fora que eles não trocariam seus nomes de volta. Era estranho o bastante terem que se readaptar à uma nova família, uma nova casa e uma nova identidade sem ter que abrirem mão do que era mais intrínseco sobre eles, por isso aceitariam mudar os sobrenomes para o que era devido ao lar de onde vieram e aos reinos que governariam: Dan Theales, nascido Neil Cantio, voltaria para Seacantio e o governaria como Dan Cantio, ao passo que Neil Cantio o verdadeiro Thomas Theales, se chamando então Neil Theales. Que se mudaria para Solum com Velska e Deacon, para aprender mais sobre sua família. E por último

Thomas, criado por Velska com Deacon, nascido Dan Theales, permaneceria com sua mãe de criação, que estava de mudanças para *Firebird*, mas agora também conheceria seu pai biológico, e sua verdadeira irmã, se preparando para assumir a coroa quando o momento chegasse, como lhe era devido, como Thomas Theales que sempre fora, visto que seu sobrenome nunca mudara, apesar de ter tido seu lar trocado.

Nora estava feliz por ter estado ali para ver tudo aquilo acontecendo de perto, pois se alguém tivesse lhe contado, ela talvez não tivesse acreditado. Havia tanta coisa que não entendia. Tantos segredos que lhe foram escondidos e tantos motivos que lhe passaram despercebidos. No fundo a sua própria história era apenas a pontinha de um iceberg muito fundo no oceano da história de sua família. Não podia imaginar o que era para aqueles rapazes terem sua vida totalmente trocada e de repente descobrirem que tinham a possibilidade de serem pessoas diferentes e tomar seu destino pelas mãos.

Logo que recolheram o corpo de rei James, Nora mandara Elliot para avisar a Alex que ela estava bem e tinha muitas novidades, mas que era melhor que eles se encontrassem de volta em Ravenest na segunda-feira, embora, àquela altura, as notícias já teriam se espalhado por toda Colore como se o vento as carregasse por aí feito música colina acima.

Uma vez fora do quarto, Ella e Ina caminharam pelos corredores quase desertos de *Firebird* até o saguão onde tudo acontecera na tarde anterior. Thomas, o primo delas a quem erroneamente foram apresentadas como tio, estava lá, sentado sozinho no chão em frente ao trono, olhando-o.

- Oi, Tom. – Elas se sentaram uma de cada lado dele, e Ella o cumprimentou.

- Puxa, você parece bem vestido! – disse Ina olhando para as roupas reais de alta costura que haviam dado a ele.

- Ou será que você não está bem vestida o suficiente? – Ele lhe deu uma piscada, fazendo referência ao primeiro diálogo que haviam tido dois dias atrás.

- Você parece bem com toda essa história de repentinamente descobrir que sua mãe na verdade o enganou e você é o herdeiro da coroa mais importante do reino. – Ella disse batendo com o ombro direito no ombro esquerdo dele.

Tom deu de ombros.

- Eu sei por que ela fez o que fez. - ele deu de ombros - Quando você conhece a magia como nós conhecemos, sabe que é preciso ser muito cuidadoso com ela. Atualmente não há mais guerra, mas criaturas mágicas continuam escondidas, por quê? Porque da forma como as pessoas falam sobre a magia é como se ela existisse apenas para realizar nossos sonhos e vontades e então é descartada quando não cumpre com o que querem.

- Como um gênio na lâmpada. – Ella completou.

- Como o quê? – Tom questionou, erguendo a sobrancelha.

- Ah, certo... Deixa pra lá, é só uma história famosa sobre magia de onde eu venho.

Tom assentiu, como se compreendesse, e então continuou:

- Agora, pelo menos, eu tenho os dois lados da história, sabe? Serei rei um dia, e quem sabe com o que sei poderei fazer justiça e impedir que histórias como a de Erin se repitam, ou que as Bryallins tenham o que merecem, e que os James nunca se sintam impunes o suficiente para não terem medo de levantar a mão às Myras e Neils.

As garotas concordaram.

- Você vai ser um excelente rei, Tom. – A voz de Nora preencheu o salão e ele se levantou para cumprimentá-la

- Obrigada, Eleanor.

- Pode me chamar de Nora. – Ela disse sorrindo.

Era a princesa mais diferente da qual Ella e Ina já tiveram notícia. Usava botas e calça ao invés de um vestido, e havia um corvo sobre seu ombro. Era quase um retrato do Capitão Gancho, só que de longos cabelos loiros, bem mais delicada e sem a mão decepada.

- *Nora*, – Tom recitou, e foi como se ele reproduzisse a melodia que Alex empregava no nome dela – realmente combina com você.

A garota trouxe os braços escondidos atrás de suas costas para frente e mostrou um envelope para Tom, tirando um único papel lá de dentro e entregando-o a ele.

- Obrigada. – Ela respondeu sorrindo – Um dia, Tom, você vai ser rei. - Ele assentiu, pegando o pergaminho da mão dela – e eu vou ser rainha. Mas sabe qual a diferença entre nós?

Ele leu o papel sorrindo de canto de boca.

- Quando eu me caso, minha esposa ganha uma coroa e eu governo.

Nora assentiu. Ele sabia exatamente para onde ela estava indo com a conversa.

- Já quando *eu* me caso, meu esposo ganha uma coroa e um reino para governar. Mas você pode mudar isso.

- O que há no papel? – Inqueriu Ina.

- É uma revogação da lei de que reis e rainhas precisam ser casados para assumir a coroa. – Tom respondeu – É genial, Nora. Mas eu não posso fazer valer a menos que seja rei, o que significa que preciso me casar primeiro.

- Mas ainda pode assinar. – Ela disse – Não vai valer nada enquanto você for príncipe, mas vai me dar a garantia de que não preciso me preocupar em escolher entre o homem que amo e o reino que preciso salvar.

- Vou guardar isso por enquanto - ele disse enrolando o pergaminho e colocando-o no bolso de dentro da capa verde musgo que lhe caia pelos ombros – e prometo pensar sobre isso.

- O meu pai, – Nora continuou - ele traiu a coroa de Solum. Quando toda essa poeira de troca de bebês baixar, rei Marius, seu pai, vai tê-lo caçado e possivelmente executado, o que significa que meu povo vai ser deixado sem um líder. Minha mãe ainda pode governar temporariamente, mas ela não pode sancionar leis ou convocar plesbicito entre os mineradores, e outras coisas mais democráticas que costumávamos fazer em Ravonlor.

- Por que ele entregou sua mão em casamento à Neil? – Tom perguntou – Essa é a traição da qual você está falando?

Nora assentiu.

- Neil era um príncipe prometido a duas princesas, mas que não se casou com nenhuma. Seu pai pode sempre alegar que não sabia a respeito da união de Neil e Grace.

- Não pode, pois em Ravonlor somos proibidos de fazer acordos diretamente com Seacantio. Quaisquer acordos que sejam precisam ser sancionados pelo rei de Solum primeiro, como regente do reino Colore. Então mesmo se ele não soubesse da união de Neil e Grace - e sabia - ainda assim ele pode ser preso e executado como conspirador.

- É quase como se você torcesse pra que isso acontecesse. – Tom ergueu as sobrancelhas a ela, que balançou a cabeça negativamente.

- Torcer não, - a princesa respondeu – mas preciso me precaver de todas as possibilidades.

- Vou pensar com carinho, Nora. – Ele disse sorrindo.

- Já é hora? – Perguntou Ella se levantando e caminhando até a pesada porta de madeira e arrastando-a para que abrisse. Elliot crocitou – Acho que ficamos só nós aqui. Vamos?

- *É hora. É hora. É hora.* – Elliot disse, imitando a voz de Tom. Nora fez um carinho em sua cabeça, e um sinal com a cabeça para que a seguissem. Então eles saíram do saguão, e, de fora do castelo, entraram numa carruagem que se pôs a caminho da praça onde os escombros da biblioteca estavam.

~

O que quer que acontecesse depois, pensou Velska olhando para a cidadezinha que rodeava a praça nos arredores de *Firebird*, teria valido a pena, ela pensou enquanto respirava fundo. Mesmo se fosse presa, ou exilada. Não seria a primeira vez que era expulsa de seu lar por uma decisão que lhe exigia renúncias. Ela saberia lidar com o que quer que lhe acometesse.

Solum vivia. Ela constatou vendo a praça se encher de gente, se amontoando ao redor do pequeno palco de madeira. Solum vivia e estava fértil, colorida e iluminada da forma como ela se lembrava, e era por conta do que ela havia feito. Tom talvez nunca a perdoasse, Neil talvez nunca fosse capaz de amá-la e Dan possivelmente jamais entenderia o que ela fizera, mas apesar da pontinha de angústia em seu coração, informando-a que os próximos passos não seriam fáceis, ela era capaz de respirar em paz sabendo que mesmo de uma forma insana e possivelmente confusa, ela fizera o melhor que pudera

fazer numa situação de opções limitadas e muito difíceis que se apresentaram a ela.

No extremo mais distante da praça desciam Tom, Nora, Ina e Ella de uma carruagem que acabara de chegar. Enquanto as garotas se espremiavam entre as pessoas para chegar até a frente do palco, Tom subiu no estande montado e se sentou na última entre três das cadeiras que estavam dispostas ao lado do trono, ao lado de Dan e Neil. Então rei Marius se levantou e se pôs a falar.

- Querido povo de Colore que aqui se reúne comigo na tarde deste belíssimo, e muito importante, equinócio de primavera, hoje é um dia muito importante para nós. Sobre todos os aspectos possíveis, hoje é o dia mais importante que já vivemos até hoje, e que sorte estar aqui para fazer parte dele. O que venho compartilhar com vocês pode inicialmente soar como um grande problema, mas peço que ouçam com cautela e confiem em mim que boas novas serão anunciadas.

Todas as pessoas que Ella e Ina conheceram desde que foram acidentalmente sugadas para dentro da coleção de selos do vovô estavam reunidas ali ouvindo rei Marius, com mais uma porção de outras que elas nunca conheceram.

- Há cerca de 200 anos atrás, quando parte de *Firebird* foi queimada na visita de Erin e Brandon e o rei Estorio presenteou essa vila com a nossa querida biblioteca que perdemos essa semana, uma grande maldição se instaurou pela terra de todo esse continente. E, embora nós aqui em Solum, devido a um grande sacrifício da magia de uma fada que nos amou e abriu mão de seus privilégios para nos poupar, tenhamos sido privilegiados e preservados pela

natureza, sofremos com a dor de nossos irmãos em reinos distantes, onde a fome e a seca castigaram o homem, punindo-o de suas decisões egoísta e caminhos errados.

Rei Marius fez uma pausa. Todos os olhos estavam concentrados nele. Algumas pessoas sequer percebiam que seguravam a respiração, tamanha a ansiedade de saber qual era a conclusão daquele discurso.

- O que a história escondeu, seja para preservar o que sobrara da honra de Erin, ou de vergonha pelo que Brandon fez à essa fada amável que viveu entre nós, é que Brandon Cantio, na verdade, foi um homem mau e inescrupuloso que feriu Erin de muito mais formas do que eu gostaria de falar aqui. – rei Marius respirou fundo antes de continuar – Hoje nós honraremos a memória dessa mulher, contando a sua história de resistência e luta e erguendo uma estátua em memória de seus esforços.

Palmas se fizeram ouvir e muitas pessoas gritaram de alegria, concordando com as sugestões.

- A questão é que a natureza não poupou essa transgressão, e desde então uma maldição foi lançada sobre nós, de modo que não podemos honrar uma história escondendo-a. Por isso eu estou aqui hoje contando a vocês que devido a uma profecia dada a uma fada, 21 equinócios atrás, quando o príncipe Dan nasceu, um ser mágico dotado de conhecimentos que vão além da nossa compreensão, tentou quebrar essa maldição.

As pessoas começaram a fazer sons de surpresa enquanto os olhos delas se arregalaram de curiosidade.

- Naquela noite, meu filho e herdeiro do trono de Solum foi trocado pelo bebê de uma fada. – As pessoas começaram a cochichar umas com as outras e um burburinho se fez ouvir – Na noite de ontem eu descobri que o meu descendente sanguíneo e herdeiro, por direito, da coroa de Solum é na verdade esse homem aqui. – Marius fez um sinal para Tom, em uma das cadeiras. Ele se levantou e acenou às pessoas que o olhavam totalmente chocadas e sussurravam umas com as outras – O nome dele é Tom, e a partir de hoje vocês devem trata-lo com tanto respeito quanto sempre trataram Dan e Grace.

- Se esse é o seu filho, - gritou um dos homens mais próximos do palco, quase ao lado de Stohlie e Velska, cujo nome não fora mencionado em nenhum momento por Marius, e nem seria, se o rei cumprisse com o combinado deles de mantê-la no anonimato – quem é o rapaz que chamamos de Dan?

- E por que o príncipe Neil está aí em cima? – Inqueriu uma confeitadeira.

- Esse completo estranho não nos representa ou sequer nos conhece! – Atestou uma florista conhecida por Stohlie.

- *Shhh!* – Ordenou rei Marius – Esse *completo estranho*, teve uma criação exemplar por uma fada que o recolheu aos seus cuidados, para ensiná-lo corretamente sobre a magia, que caso vocês tenham se esquecido; e claramente esqueceram; costumava ser uma das nossas aliadas na manutenção dessa terra, e desde a Era dos Lobos se tornou nossa pior inimiga. Tom, esse *completo estranho*, conhece e entende mais sobre magia

do que qualquer um de nós aqui, e quando chegara a hora ele vai ser capaz de nos manter em harmonia com a natureza e continuar meu legado de prosperidade nessa terra, como todos os Theales tem feito ao longo das gerações.

O povo se calou, pois além de ser muita informação para ser processada de uma só vez, rei Marius também os impressionara com tamanha firmeza e certeza que demonstrava ao falar sobre Tom.

- Dan aqui, - ele prosseguiu apontando para o rapaz que todos conheciam como seu filho – tão amado por nós e um garoto responsável, é o motivo pelo qual sou capaz de vir aqui hoje e dizer tudo que eu disse sem peso no meu coração pelo que Brandon Cantio fez com Erin, Estorio e *Firebird*. Dan é a prova de que não estamos condenados a repetir os erros dos nossos antepassados, se escolhermos seguir nosso próprio caminho. Dan é, a verdade, um Cantio.

As pessoas ficaram totalmente sem reação. Estavam muito divididas pelo ódio e desconfiança que sempre sentiram pelos Cantio, e o amor que tinham pelo príncipe loiro de olhos azuis que viram crescer e se tornar um homem de bom coração.

- Por conta disso, e por conhecer o caráter de Dan, eu venho anunciar também que o bloqueio comercial contra Seacantio, estipulado há cinco gerações, está hoje suspenso, e juntos encontraremos uma forma de fazer Colore prosperar como um todo. No futuro teremos outros pronunciamentos, mas, por hora, é bom lembrar que o fim das coisas é frequentemente mais importante do que o início delas, e hoje celebramos aqui o fim da maldição,

marcando assim um novo tempo para nosso povo! Aproveitem a festa.

As pessoas começaram a gritar perguntas, mas rei Marius fez um sinal para a banda que estava no cantinho do palco, eles pegaram os instrumentos e começaram a tocar. Primeiro para ninguém, pois a população estava ocupada demais tentando assimilar os fatos, mas depois os grupos foram se dispersando e espaços se abrindo no meio da multidão, de modo que as pessoas que ficaram, se organizaram em roda e começaram a dançar, genuinamente felizes em ter algo a respeito do que celebrar.

Mesmo que talvez não soubessem direito porque, havia algo sobre aquele dia que os inspirava a estarem muito felizes e se entregarem à dança como uma forma de gratidão. Era como se um peso muito grande tivesse sido retirado dos ombros de muitos, e mesmo alguns *Ravonlorians* e *Seacantiers* que haviam viajado exclusivamente para estar presentes naquela comemoração, apesar de terem ido achando que seria uma comemoração muito diferente, começaram a dançar alegres, sentindo que algo se transformara na atmosfera.

Rei Marius desceu do palco e se aproximou de Grace.

- Obrigada por ser tão forte e me ajudar com tudo isso. – Ele disse a ela, abraçando-a – Obrigado por ter voltado em segurança.

- Obrigada por não ter condenado Velska, e por entender a escolha que ela fez. Ela é muito importante para Tom e também foi muito importante para mamãe.

- Eu nunca vou *entender*, Grace. O que ela fez foi cruel em muitos aspectos.

Mas eu não posso fazer a história se repetir estando do lado errado dela, é preciso dar chances às pessoas.

- Você não acha que ela salvou Neil de uma condenação muito cruel? Que ao ser criado conosco ele teve a chance de conhecer amor e família?

- Você acha que ele teria sido inerentemente mau só por ter nascido num lar que não o favorecia? O bebê Tom que foi criado por James achando que era Neil se tornou esse rapaz gentil que enfrentou seu próprio pai para defendê-la mesmo depois de ter passado a vida toda sofrendo. Poderia ter sucumbido ao que era fácil e conhecido a ele: violência e desprezo, mas Myra relatou que desde muito novinho ele a defendia e mesmo apanhando muito por isso, nunca relutou em fazer o que achava que era certo.

- Porque ele não carregava a maldição. – Grace respondeu

- Ou porque escolheu não se tornar o que o ferira. – Concluiu Marius dando de ombros – Por causa de Velska, nós nunca vamos descobrir.

Grace estava inclinada a confiar em Velska. Havia algo sobre sua crença na magia que não a deixava se questionar a respeito da veracidade da profecia. Mas quando pensava sobre os fatos racionalmente não podia deixar de acreditar em seu pai. Será que a maldição havia sido quebrada por que Grace e Neil, mesmo que sob a identidade de Dan, colocaram os Theales e o Cantio em harmonia novamente, ou havia uma chance de que mesmo a criança criada sob a maldição pudesse se tornar uma boa pessoa?

Agora não importava mais. O que estava feito estava feito, e o que quer

viesses a seguir, enfrentariam quando chegassem. Grace colocou sua mão no ombro do pai e dei de ombros, indicando que não tinha respostas e então se afastou dele, parando por um minuto numa rodinha em que Astrid estava e dançando com ela no meio das palmas. Não fazia ideia de qual a última vez que vira seu reino numa festa como aquela, se é que algum dia havia visto.

- Estamos livres da maldição! – Um dos soldados que viera de Seacantio com rei James passou correndo gritando e batendo palmas enquanto celebrava com um copo na mão e batia os pés no ritmo do bandolim.

A tarde caía sobre Solum, e as lanternas penduradas em fios pelas árvores ajudavam a manter toda a praça iluminada. Mais ao longe, por cima das cabeças das pessoas, Grace avistou o buraco ao lado do banquinho no minijardim em que a biblioteca havia estado, então, cortando caminho por entre as pessoas, ela se encaminhou para lá. Sentando-se no banquinho cheio de fuligem, e se lembrando da última vez que escapara às pressas da biblioteca. Parecia ter sido há semanas, meses talvez.

Afastada num cantinho da clareira, quase totalmente escondida por galhos de árvores baixas e arbustos, Grace viu Ina sentada no chão, abraçando as pernas e olhando a praça cheia de sons e cores enquanto o sol se punha. Sua prima, como ela descobrira posteriormente, estava muito quieta e pensativa, mas Grace se aproximou mesmo assim.

- Tudo bem por aqui? – perguntou a princesa se agachando ao lado de Ina, que não respondeu, mas deu de ombros.

- Quer que eu te deixe sozinha? – Grace perguntou novamente.

Ina fez que não com a cabeça e mostrou-lhe um papel brilhoso com o que parecia ser uma pintura muito bem-feita de uma casinha diferente, com uma grande mangueira no fundo e um jardim de rosas na frente.

- Puxa vida! – disse Grace passando a mão pelo papel – Que pintura realista!

Ina riu. Não tinha se acostumado a ter que explicar coisas óbvias como a história do Aladim ou o conceito de uma foto.

- Vovó, digo, Velska disse que vovô mandou uma carta com essa foto; é uma espécie de pintura, sim; para que através dela Ella e eu pudéssemos voltar para casa, como se fosse um selo.

- Você mora nessa casa? Parece pequena, mas muito aconchegante.

- É o melhor lugar do mundo. – Disse Ina sorrindo – E é também onde a minha família está.

- Qual o problema então? – Questionou a princesa tentando entender o conflito, para então ver se era capaz de resolvê-lo.

- O problema é que eu também sinto que pertenço aqui agora. – Ina respondeu – E Ella ficará muito desapontada comigo quando eu lhe disser que quero ficar aqui. É possível pertencer a dois lugares ao mesmo tempo?

Grace a abraçou acenando que sim.

- Pertencer sim. Acho que acontece de o nosso coração se apaixonar por lugares e coisas que nunca teria conhecido se não tivéssemos nos jogado numa aventura. Como Neil e eu que nos tornamos muito próximos simplesmente porque ele decidiu me tirar para dançar e ser sincero. Mas morar não.

Ina suspirou e repetiu *morar não*.

- Preciso encontrar minha irmã, Grace.

Dois anos de nascimento e uma dimensão inteira as separaram, mas a sinceridade e vulnerabilidade de Ina tocara Grace o suficiente para que se compadecesse dela.

- Então talvez eu devesse estar com você quando você contar a ela. – A princesa sugeriu, se levantando e então dando a mão para que Ina se levantasse também. – Ela pelo menos vai ficar feliz em saber que você pode dividir o quarto comigo e não vai estar sozinha, certo? Vamos! Antes que partam o bolo e cantem parabéns aos meninos.

Ina sorriu, dando a mão a Grace. Tanta coisa mudara para tanta gente simplesmente porque ela decidira acreditar que um delírio de sua imaginação pudesse ser possível. *Eu acredito em fadas, eu acredito*. Ela se lembrou de ter pensado, antes de declarar em voz alta na garagem do vovô, que gostaria que elas fossem reais.

Escolher ficar mudaria ainda mais coisas. Para ela, para sua irmã, para sua mãe e para todo o reino de Colore, mas mesmo não sabendo daquilo naquele

momento, e mesmo não fazendo ideia do que a esperaria a seguir, ela se levantou e foi adiante, muito feliz por qualquer tipo de magia que a permitira chegar tão longe.

Partir em jornadas nunca é o que nos muda de verdade. Ina concluiu enquanto se encaminhava para a praça barulhenta e cheia de vida de um lugar que aprendera a amar mais rapidamente do que podia dizer selos mágicos. *Mas aceitar que talvez a gente nunca volte delas, ou como podemos voltar, e resolver partir mesmo assim.*

Ina sorriu consigo mesma e se deu a oportunidade de aproveitar aquele momento de paz, dando graças aos céus e a qualquer tipo de magia que tornasse tudo aquilo real e possível, pela oportunidade de ter tido fé e curiosidade para ter tornado sua vida um pouquinho mais aventureira e extraordinariamente fantástica.